

Candidatura a
Paisagem Protegida da
Serra da Gardunha



Municípios de Castelo Branco e
Fundão
2012





*Paisagem Protegida
da Serra da Gardunha*

DIVDOT

Divisão de Desenvolvimento e Ordenamento do Território

Rua João Franco, Nº 21, 1º andar

6230 - 363 Fundão

«Há paisagens que não vemos e são, por isso mesmo, as que mais deslumbram a nossa curiosidade. São as paisagens que a alma guarda e vai, a pouco e pouco, num desenrolar ora lírico, ora dramático abrindo sobre a cinza das coisas e dando-lhe a forma que perdura um momento e regressa à sua cinerária origem. Somos um núcleo de paisagens psíquicas (...). Que nós entregamos ao tempo.

E há ainda as paisagens que vemos possivelmente de mais e que, talvez por isso mesmo, se apagam e acabamos quase por não ver.

Fazem talvez parte excessivamente já de nós próprios. Apagamos os seus recortes chamemos-lhe físicos, para fruirmos os seus recortes, chamemos-lhe psíquicos. E assim, desprezando as suas curvas e as suas tonalidades, aspiramos os seus silêncios e as suas músicas, como se de nós mesmos ouvíssemos o segredo que hora a hora palpita e pulsa no nosso desconhecido. (...)

E é depois, com o fundo serpenteante da Estrela, em contraforte, a Cova da Beira, uma espécie de mão espalmada num regaço entre as duas preces de penedia – a Estrela e a Gardunha – como que a abençoar o céu, ou a pedir-lhe mais tintas e novidades. E lá ao alto, onde a Gardunha principia a descer sobre o outro vale, que se alarga até aos contrafortes de Espanha (...).

Daí, ao verde que se adensa deste lado numa bucólica de tons, entretidos a tecer o pano rico duma festa dum paganismo religiosa e místico, corresponde o espraiar diluído, como num quadro impressionista desse Piçarro, que ao seu sangue luso juntou a inspiração e calor das Gálias, e deveria gostar que sua ressurreição se fizesse aqui, pois acordaria quase dentro dum quadro seu, vivo, ao natural, o desenrolar dum outro pano rico de tons mais esbatidos.

Não podemos estar sempre em adoração perante as coisas – adorar não banaliza, de resto, e o torpe não tem cabida nos limites desse verbo mas não faz mal que, de vez em quando, passemos pelos olhos esta dádiva da natureza.

É mesmo uma forma de não sermos ingratos para ela. É bom ser-se justo e reparar em tudo quanto nos envolve.

Nós não ficaremos piores e a própria paisagem talvez nos fique até agradecida. (...)

ÍNDICE GERAL

Agradecimentos.....	1
Ficha Técnica.....	2
Siglas	3
I Introdução.....	4
II Âmbito, objectivos e enquadramento legal	5
III Metodologia	9
IV Caracterização biofísica do território	9
IV.1 Evolução e localização do ecossistema.....	9
IV.1.1 Fundão e Castelo Branco.....	9
IV.1.2 Gardunha.....	10
IV.1.3 A Serra da Gardunha.....	12
IV.1.4 Síntese Física da Gardunha.....	12
IV.2 Enquadramento territorial da APPSG	14
IV.3 Caracterização física do ecossistema [geografia].....	17
IV.3.1 Relevo	17
IV.3.2 Clima.....	18
IV.4 Hidrografia	25
IV.4.1 Solos.....	26
IV.4.2 Geologia.....	26
IV.5 Enquadramento do tipo e uso do solo	28
V Caracterização ecológica do sistema.....	30
V.1 Bioclimatologia.....	30
V.2 Biogeografia.....	32
V.3 Flora	33
V.3.2 Espécies ameaçadas na Serra da Gardunha	36
V.3.3 Espécies criticamente em perigo na Serra da Gardunha.....	36
V.3.4 Habitats.....	47
V.3.5 Principais ameaças à Flora da Serra da Gardunha	47
V.4 Fauna	48
V.4.1 Anfíbios.....	48
V.4.2 Répteis.....	50
V.4.3 Avifauna.....	52
V.4.4 Mamíferos.....	56
VI Caracterização Socioeconómica e cultural das freguesias da Serra da Gardunha....	58
VI.1 Freguesia de Louriçal do campo.....	58
VI.1.1 Síntese Histórica.....	58
VI.1.2 Caracterização Social e Demográfica.....	59

VI.2	Freguesia de S. Vicente da Beira.....	60
VI.2.1	Síntese Histórica.....	60
VI.2.2	Caracterização Social e Demográfica.....	61
VI.3	Freguesia de Alcaide.....	63
VI.3.1	Síntese Histórica.....	63
VI.3.2	Caracterização Social e Demográfica.....	63
VI.4	Freguesia de Alcongosta.....	65
VI.4.1	Síntese histórica.....	65
VI.4.2	Caracterização Social e Demográfica.....	65
VI.5	Freguesia de Aldeia de Joanes.....	67
VI.5.1	Contextualização Histórica e do Território.....	67
VI.5.2	Caracterização Social e Demográfica.....	67
VI.6	Aldeia Nova do Cabo.....	69
VI.6.1	Contextualização Histórica e do Território.....	69
VI.6.2	Caracterização Social e Demográfica.....	70
VI.7	Freguesia de Alpedrinha.....	72
VI.7.1	Contextualização Histórica e do Território.....	72
VI.7.2	Caracterização Social e Demográfica.....	72
VI.8	Freguesia de Castelo Novo.....	75
VI.8.1	Contextualização Histórica.....	75
VI.8.2	Caracterização Social e Demográfica.....	75
VI.9	Freguesia de Donas.....	78
VI.9.1	Contextualização Histórica.....	78
VI.9.2	Caracterização Social e Demográfica.....	78
VI.10	Freguesia de Fatela.....	81
VI.10.1	Contextualização Histórica.....	81
VI.10.2	Caracterização Social e Demográfica.....	81
VI.11	Freguesia de Fundão.....	84
VI.11.1	Contextualização Histórica.....	84
VI.11.2	Caracterização Social e Demográfica.....	84
VI.12	Freguesia de Soalheira.....	87
VI.12.1	Contextualização Histórica.....	87
VI.12.2	Caracterização Social e Demográfica.....	87
VI.13	Freguesia de Vale de Prazeres.....	90
VI.13.1	Contextualização Histórica.....	90
VI.13.2	Caracterização Social e Demográfica.....	90
VI.14	Freguesia de Souto da Casa.....	92
VI.14.1	Contextualização Histórica.....	92
VI.14.2	Caracterização Social e Demográfica.....	93

VI.15	Actividades culturais	95
VI.15.1	Festival dos Caminhos da Transumância Chocalhos, Alpedrinha Setembro.....	95
VI.15.2	Festa da cereja, Alcongosta Junho.....	97
VI.15.3	Feira do queijo, Soalheira Maio.....	97
VI.15.4	Festival do cogumelo, Alcaide Novembro.....	98
VII	Caracterização patrimonial.....	99
VII.1	Património arquitectónico.....	99
VII.2	Património arqueológico.....	106
VII.3	Património Geológico.....	108
VII.4	Património etnográfico.....	109
VII.4.1	Cestaria Alcongosta.....	109
VIII	Condicionantes da Proposta de Classificação.....	110
IX	Historial de medidas de conservação da Serra da Gardunha.....	112
X	Considerações Finais.....	118
XI	Bibliografia e Fontes.....	119
XII	Bibliografia online.....	120
XIII	Anexo 1.....	121
XIV	Anexo 2.....	123

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1-	Localização da Serra da Gardunha.....	10
Figura 2-	Delimitação da área de Paisagem Protegida da Serra da Gardunha.....	14
Figura 3 -	Mapa das áreas classificadas da zona centro.....	15
Figura 4 -	Carta de relevo da Serra da Gardunha.....	17
Figura 5 -	Temperatura Média do Ar (°C) (in Graça & Santo, 1999).....	19
Figura 6 -	Precipitação Média Anual (in Graça & Santo, 1999).....	20
Figura 7 -	Frequência do vento durante o período de 1967-90.....	21
Figura 8 -	Humidade Relativa do Ar (in Graça & Santo, 1999).....	21
Figura 9 -	Variação média da humidade relativa do ar durante o ano para a estação meteorológica do Fundão.....	22
Figura 10-	Variação da Insolação Média Total durante o ano.....	23
Figura 11 -	Variação da Evaporação Média Total ao longo do ano.....	24
Figura 12 -	Número de dias com Geadas ao longo do ano.....	24
Figura 13 -	Mapa da rede hidrográfica.....	26
Figura 14 -	Carta Litológica (in Graça & Santo, 1999).....	27
Figura 15 -	Ocupação do solo.....	30
Figura 16 -	Diagrama ombrotérmico para a estação climatológica do fundão (1967-1990).....	31
Figura 17 -	Mapa de distribuição de <i>Asphodelus bento-rainhae</i> , (Fonte: ICNB).....	39
Figura 18 -	Mapa de distribuição de <i>Barbarea vulgaris R. Br.</i> In W.T. Aiton.....	40
Figura 19 -	Mapa de distribuição de <i>Equisetum telmateia</i> Ehrh.....	40
Figura 20 -	Mapa de distribuição de <i>Hypericum androsaemum</i> L.....	41
Figura 21-	Mapa de distribuição de <i>Isoetes histrix</i> Bory.....	41

Figura 22 – Mapa de distribuição de <i>Juniperus oxycedrus</i> L.....	42
Figura 23 – Mapa de distribuição de <i>Paradisea lusitanica</i> (Coutinho) Samp.....	42
Figura 24 – Mapa de distribuição de <i>Phyllitis scolopendrium</i> (L.) Newman subsp. <i>Scolopendrium</i>	43
Figura 25 – Mapa de distribuição de <i>Plantago subulata</i> subsp. <i>radicata</i>	43
Figura 26 – Mapa de distribuição de <i>Quercus lusitanica</i> Lam.....	44
Figura 27 – Mapa de distribuição de <i>Schistostega pennata</i> (Hedw.) Web. & Mohr.....	44
Figura 28 – Mapa de distribuição de <i>Sedum arenarium</i> Brot.....	45
Figura 29 – Mapa de distribuição de <i>Sorbus torminalis</i> (L.) Crantz.....	45
Figura 30 – Mapa de distribuição de <i>Tulipa sylvestris</i> L.....	46
Figura 31 – Mapa de distribuição de <i>Rana iberica</i>	49
Figura 32 – Mapa de distribuição de <i>Chioglossa lusitanica</i>	50
Figura 33 – Mapa de distribuição de <i>Lacerta schreiberi</i>	52
Figura 34 – Mapa de distribuição de <i>Lutra lutra</i>	57
Figura 35 – População Residente em 1991 e 2001, Segundo os Grupos Etários (Recenseamento da População, 2001 – Censos).....	63
Figura 36 – População Residente Empregada, o Sector de Actividade (Censos:2001).	64
Figura 37 – População Residente em 1991 e 2001, segundo os Grupos Etários (Censos, 2001).	66
Figura 38 – População Residente empregada, segundo o Sector de Actividade (Recenseamento Geral da Agricultura, 2001).....	66
Figura 39 – População Residente em 1991 e 2001, Segundo os Grupos Etários (Recenseamento da População, 2001).....	68
Figura 40 – População Residente Empregada, Segundo o Sector de Actividade (Recenseamento Geral da Agricultura, 2001).....	69
Figura 41 – População Residente em 1991 e 2001, segundo os Grupos Etários (Recenseamento da População, 2001).....	70
Figura 42 – População Residente, segundo o Nível de Instrução (Recenseamento da População, 2001).	71
Figura 43 – População Residente Empregada, segundo o Sector de Actividade (Recenseamento Geral da Agricultura, 2001).....	71
Figura 44 – População Residente em 1991 e 2001, segundo os Grupos Etários (Recenseamento da População, 2001).....	73
Figura 45 – População Residente Empregada, segundo o Sector de Actividade (Recenseamento Geral da Agricultura, 2001).....	74
Figura 46 – População Residente em 1991 e 2001, Segundo os Grupos Etários (Recenseamento da População, 2001).....	76
Figura 47 – População Residente Empregada, segundo o Sector de Actividade (Recenseamento Geral da Agricultura, 2001).....	77
Figura 48 – População Residente em 1991 e 2001, segundo os Grupos Etários (Recenseamento da População, 2001).....	79
Figura 49 – População Residente Empregada, segundo o Sector de Actividade (Recenseamento Geral da Agricultura, 2001).....	80
Figura 50 – População Residente em 1991 e 2001, segundo os Grupos Etários (Censos, 2001).	82

Figura 51 – População Residente Empregada, segundo o Sector de Actividade (Recenseamento Geral da Agricultura, 2001).....	83
Figura 52 – População Residente em 1991 e 2001, segundo os Grupos Etários (Recenseamento da População, 2001).....	85
Figura 53 – População Residente Empregada, segundo o Sector de Actividade (Recenseamento Geral da Agricultura, 2001).....	86
Figura 54 – População Residente em 1991 e 2001, segundo os Grupos Etários (Censos, 2001).....	88
Figura 55 – População Residente Empregada, segundo o Sector de Actividade (Recenseamento Geral da Agricultura, 2001).....	89
Figura 56 – População Residente em 1991 e 2001, segundo os Grupos Etários (Recenseamento da População, 2001).....	91
Figura 57 – População Residente Empregada, segundo o Sector de Actividade (Recenseamento Geral da Agricultura, 2001).....	92
Figura 58 – População Residente em 1991 e 2001, segundo os Grupos Etários (Recenseamento da População, 2001).....	93
Figura 59 – População Residente Empregada, segundo o Sector de Actividade (Recenseamento Geral da Agricultura, 2001).....	94
Figura 60 – Distribuição de achados arqueológicos na área da Serra da Gardunha.....	108
Figura 61 – Mapa de localização de geomonumentos na Serra da Gardunha.....	109
Figura 62 – Mapa de condicionantes 1.....	123
Figura 63 – Mapa de condicionantes 2.....	124
Figura 64 – Mapa de condicionantes 3.....	125
Figura 65 – Mapa de condicionantes 4.....	126
Figura 66 – Legenda dos mapas de condicionantes.....	127
Figura 67 – Mapa de condicionantes e de ordenamento.....	128

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 – Lista de espécies de répteis presentes na Serra da Gardunha.....	51
Tabela 2 – Espécies de Avifauna presentes na Serra da Gardunha.....	53
Tabela 3 – Espécies de Mamíferos presentes na Serra da Gardunha.....	56
Tabela 4 – Índices Resumo da População Residente na Freguesia de Louriçal do Campo relativamente ao Envelhecimento, Proporção de Idosos e Jovens (2001) Fonte – INE.....	59
Tabela 5 – Taxa de Actividade da População em idade Activa; Proporção dos empregados por conta de outrem; Empregados no sector terciário; Reformados e Desempregados (2001).....	59
Tabela 6 – Índices Resumo da População Residente na Freguesia de Louriçal do Campo relativamente ao Envelhecimento, Proporção de Idosos e Jovens (2001) Fonte – INE.....	61
Tabela 7 – Taxa de Actividade da População em idade Activa; Proporção dos empregados por conta de outrem; Empregados no sector terciário; Reformados e Desempregados (2001).....	61
Tabela 8 – Lista de imóveis classificados e em vias de classificação na área da Serra da Gardunha.....	100



Tabela 9 – Lista de achados arqueológicos da Serra da Gardunha	107
Tabela 10 – Lista de Geomonumentos da Serra da Gardunha.....	108
Tabela 11 – Enquadramento das Espécies de Flora nas respectivas categorias IUCN.....	122

AGRADECIMENTOS

A todos aqueles que permitiram e contribuíram para a elaboração da candidatura a Paisagem Protegida da Serra da Gardunha, os nossos agradecimentos, nomeadamente:

- À ADESGAR, por ter enviado todos os dados de projectos e objectivos que desenvolveram tendo como pano de fundo a Serra da Gardunha.
- À Liga de Amigos do Alcaide, pelo envio do Manifesto Micológico de 2009.
- Ao IGESPAR, pelo fornecimento da relação de dados dos achados arqueológicos presentes na área de intervenção.

Ficha Técnica

Amanda Guapo	Licenciada em Educação Visual e Tecnológica pela Escola Superior de Educação de Coimbra e pós-graduada em Museologia e Património Cultural pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
Ana Brito	Licenciada em Engenharia dos Recursos Naturais e Ambiente pela Escola Superior Agrária de Castelo Branco.
Ana Cunha	Licenciada em Arquitectura pela ARCA – Escola Universitária de Artes de Coimbra.
André Soares	Licenciatura em Engenharia Agronómica pela Escola Superior Agrária de Castelo Branco.
Berta Godinho	Licenciada em Engenharia do Ambiente pelo Instituto Superior de Agronomia da Universidade Técnica de Lisboa e Mestre em Engenharia do Ambiente pela mesma instituição.
Fernanda Antunes	Licenciada em Direito pela Universidade de Coimbra
Rui Gouveia	Licenciatura em Engenharia dos Recursos Naturais e Ambiente pela Escola Superior Agrária de Castelo Branco.
Sandra Leitão	Licenciada em Engenharia dos Recursos Naturais e Ambiente pela Escola Superior Agrária de Castelo Branco e Pós-graduada em Gestão do Ambiente pela Universidade da Beira Interior.
Sandra Raposo	Licenciada em Sociologia pela Universidade Lusófona.
Sílvia Tavares	Licenciada em Engenharia Geológica pela Universidade de Évora.
Susana Nascimento	Licenciada em Química Industrial pela Universidade da Beira Interior.

SIGLAS

ADESGAR – ASSOCIAÇÃO DE DEFESA E DESENVOLVIMENTO DA SERRA DA GARDUNHA

ATL – ATELIER DE TEMPOS LIVRES

CITES – CONVENTION ON INTERNATIONAL TRADE IN ENDANGERED SPECIES OF WILD FAUNA AND FLORA

CMCB – CÂMARA MUNICIPAL DE CASTELO BRANCO

CMF – CÂMARA MUNICIPAL DO FUNDÃO

ICNB – INSTITUTO DE CONSERVAÇÃO DA NATUREZA E DA BIODIVERSIDADE

IGESPAR – INSTITUTO DE GESTÃO DO PATRIMÓNIO ARQUEOLÓGICO E ARQUITECTÓNICO

IUCN – INTERNATIONAL UNION FOR CONSERVATION OF NATURE

MAOT – MINISTÉRIO DO AMBIENTE E DO ORDENAMENTO DO TERRITÓRIO

NUTS – NOMENCLATURA COMUM DAS UNIDADES TERRITORIAIS ESTATÍSTICAS

PDM – PLANO DIRECTOR MUNICIPAL

SIC – SÍTIO DE IMPORTÂNCIA COMUNITÁRIA

ZEC – ZONA ESPECIAL DE CONSERVAÇÃO

I INTRODUÇÃO

A importância dada, pelo Homem, à conservação da natureza não foi, desde sempre, uma realidade constante. Esta preocupação surgiu das incessantes questões colocadas pelo Homem *«acerca das suas relações com a Terra»*. As ideias desenvolveram-se, transformaram-se e *«culminaram em relações de domínio e desprezo pela natureza e ultraconfiança na tecnologia como solução para todos os problemas ambientais.»* (Bensuran, 2006:11).

No final da década de sessenta, foi publicado o trabalho *Os limites do crescimento*, o primeiro grande estudo que se debruçou sobre as questões ambientais e o desenvolvimento humano; onde se fez uma reflexão abrangente acerca do consumo de recursos energéticos e das capacidades ou limites do nosso planeta para suportar o desenvolvimento tecnológico a que está sujeito (Cascino, 1999: 36). A partir desse momento, várias foram as medidas que se tomaram a nível global para proteger o planeta Terra das ameaças eminentes.

Actualmente, em grande parte do mundo, o principal instrumento para a conservação da biodiversidade é o estabelecimento de áreas protegidas. Na década de setenta promoveu-se a criação de mais zonas protegidas do que até então, este facto teve origem no reconhecimento de que várias espécies e ecossistemas enfrentavam, a breve trecho, a extinção (Bensuran, 2006:23).

Com a criação de áreas protegidas advêm uma série de mudanças de atitudes do Homem num determinado espaço; nestas acções prevê-se o condicionamento de comportamentos humanos que colocam em causa a sustentabilidade de ecossistemas. A implementação e gestão de medidas deste género só se afiguram possíveis através da aproximação das comunidades locais às áreas protegidas (Bensuran, 2006:26).

Esta ideia foi confirmada num estudo efectuado, em dez estados do Brasil, no qual se verificou que *«é necessário lidar com a complexidade das situações que envolvem conservação da biodiversidade e população humanas; o que acontece fora da unidade de conservação influencia o que se quer conservar em seu interior, quanto mais participação, organização e informação, menos conflituosa e mais eficiente é a gestão da unidade; quanto mais alternativas para a gestão de renda das comunidades locais, maior sucesso na conservação da biodiversidade tem sido obtido* (Soares et. Al. 2002 in Bensuran, 2006:26).

A Serra da Gardunha é um território multifacetado e com características especiais que, na nossa opinião, a tornam susceptível à denominação de área protegida. Com o intuito de a descrevermos, seleccionámos alguns temas que serão desenvolvidos ao longo do presente estudo, tais como: caracterização biofísica do território e da ecologia dos sistemas; caracterização socioeconómica e patrimonial; condicionantes da proposta de classificação, historial de medidas de conservação da Serra da Gardunha.

II ÂMBITO, OBJECTIVOS E ENQUADRAMENTO LEGAL

A Serra da Gardunha é uma ramificação da Serra da Estrela que se localiza na zona ocidental do sistema central ibérico, fazendo a divisória entre a campina de Castelo Branco e a Cova da Beira. Pertence ao conjunto montanhoso denominado por Cordilheira Central, estende-se no sentido Nordeste/Sudoeste, numa extensão de 20 quilómetros por cerca de 10 quilómetros de largura e com uma altitude máxima de 1227 metros, na Penha, de onde, segundo o poeta José Régio, se avistam “terras de Espanha e areias de Portugal”.

A Serra da Gardunha apesar da sua pequena área geográfica apresenta uma diversidade biológica elevada, reunindo elementos característicos do norte, centro e sul do país que conferem particularidades únicas a este maciço montanhoso da Beira Interior.

Na Gardunha, também conhecida por Guardunha (palavra árabe que significa “refúgio”), o granito e xisto marcam presença. A água é outra constante. A diversidade paisagística e biológica que esta serra conserva está intimamente ligada à geomorfologia e petrologia da zona: as faixas de metamorfismo (gneiss) do complexo do xisto das beiras condicionaram as espécies (endemismos) e o uso do solo por parte do homem, estabelecendo uma perfeita harmonia.

A paisagem da serra revela uma forte componente de intervenção humana ao nível das áreas agrícolas, com especial destaque para os cerejais e áreas florestais de resinosas. No entanto, mantêm-se áreas ocupadas por formações naturais e semi-naturais detentoras de uma significativa e valiosa diversidade biológica.

A Serra da Gardunha faz parte da lista nacional de SIC (Sítios de Importância Comunitária) da Rede Natura 2000, sendo considerada uma Zona Especial de Conservação (ZEC) no âmbito da

directiva habitats (92/43/CEE), pois tem espécies de fauna e flora e comunidades vegetais de elevada importância para a conservação.

No que respeita à flora, a vertente Norte caracteriza-se pela presença de habitats bem conservados de castiçais (*Castanea sativa*) e carvalhais de carvalho-roble ou alvarinho (*Quercus robur*) e carvalho-negral ou carvalho-pardo-das-beiras (*Quercus pyrenaica*), aos quais surge associada a abrótea (*Asphodelus bento-rainhae*), endemismo lusitano exclusivo deste sistema montanhoso. Na vertente Sul, ocorre uma grande variedade de matos, entre os quais urzais e urzais-estevais mediterrânicos não litorais e comunidades de montanha de caldoneira (*Echinopartum ibericum*), um endemismo ibérico.

Quanto à fauna, verifica-se a ocorrência das seguintes espécies, incluídas no Anexo II da Directiva Habitats: *Lutra lutra* (lontra), *Lacerta schreiberi* (lagarto-de-água), *Chioglossa lusitanica* (salamandra-lusitânica), *Chondrostoma polylepis* (boga), *Rutilus alburnoides* (Bordalo) e *Euphydrya aurinia* (lepidoptero). Verifica-se, além disso, a presença de diversas espécies incluídas no Anexo I da Directiva 79/409/CEE (Directiva Aves), como *Circus pygargus* (Tartaranhão-caçador), *Hieraaetus pennatus* (Águia-calçada), entre outras.

A Serra da Gardunha contém, também, 17 comunidades vegetais do Anexo I da Directiva Habitats (designadas como habitats naturais), destacando-se as comunidades consideradas prioritárias: charcos temporários mediterrânicos e florestas aluviais residuais (*Alnion glutinoso-incanae*).

Do ponto de vista da Geomorfologia, a área de maior interesse, na Serra da Gardunha, situa-se próximo de Castelo Velho a uma cota entre 1006 e 1029m, onde se observam, entre outros, cinco afloramentos graníticos considerados de elevado valor geológico. De entre estes afloramentos, podemos observar o bloco de "Fracturação Poligonal", o "Bloco Fendido", os "Blocos Residuais" e alguns "Tor". Estes elementos, monumentos geológicos, inserem-se no Geopark Naturtejo – «uma área com expressão territorial e limites bem definidos, que contém um número significativo de sítios de interesse geológico com particular importância, raridade ou relevância cénica/estética, com muito interesse histórico-cultural e riqueza em biodiversidade. Estes sítios que reportam a memória da Terra fazem parte de um conceito integrado de protecção, educação e desenvolvimento sustentável.» (Sítio do Geopark Naturtejo, 2009-03-15)



Toda esta diversidade constitui um património natural riquíssimo ao qual está associado um valor inestimável representativo de uma herança e identidade que temos de gerir e preservar meticulosamente de modo a poder transmiti-la às gerações futuras.

A Serra da Gardunha também se assume como um relevo histórico e cultural de transição, um território de destinos e de milenares passagens, cujos movimentos se expressaram com maior ou com menor profundidade e se enraizaram na paisagem, a qual, ao longo dos séculos, foi sempre mutante. A história da ocupação deste território conta-se através dos vinte e seis achados arqueológicos assinalados e também dos dezanove imóveis classificados e os nove em vias de classificação que podemos encontrar incrustados na Serra.

A Gardunha, enquanto unidade de paisagem, assume um papel de reforçada importância na estratégia global de desenvolvimento do Fundão e de Castelo Branco na medida em que constitui um elemento unificador destes concelhos. A Gardunha é entendida como um todo, não se circunscrevendo aos limites administrativos impostos, pelo que abrange um total de 14 freguesias, 12 do Concelho do Fundão (Alcaide, Alcongosta, Aldeia de Joanes, Aldeia Nova do Cabo, Alpedrinha, Castelo Novo, Donas, Fatela, Fundão, Soalheira, Souto da Casa, Vale de Prazeres) e 2 do Concelho de Castelo Branco (Louriçal do Campo e São Vicente da Beira).

Para além das características da Gardunha sucintamente enunciadas, existe uma outra componente que transforma este território e lhe confere unicidade, que consiste na componente humana. Por toda a Serra, um pouco por todas as aldeias e lugares, encontramos manifestações populares específicas, e ao longo do ano, sucedem-se as festas e romarias, marcadas pelas tradições do povo, fazendo perdurar no tempo as suas memórias e vivências. Estes são momentos nos quais o povo fala abertamente de si e onde se promovem os produtos locais e regionais.

Tendo presente o papel das autarquias e das suas associações como actores privilegiados na prossecução do desenvolvimento sustentável e o empenho demonstrado pelas autarquias de Castelo Branco e Fundão, na conservação e preservação desta área, nomeadamente através da promoção do procedimento tendente à classificação desta mesma área de paisagem como paisagem protegida de âmbito local.

A Lei 11/87, de 7 de Abril define as bases da política de ambiente, dela emanando a Estratégia Nacional de Conservação da Natureza e da Biodiversidade (ENCNB) que formulou opções

estratégicas para a política de conservação da natureza e da biodiversidade, tendo em consequência, sido criada pelo Decreto-Lei nº 142/2008, de 24 de Julho, a Rede Fundamental de Conservação da Natureza (RFCN). O artigo 15º deste Decreto-Lei prevê, no seu nº2, que os municípios possam proceder à classificação de áreas protegidas de âmbito local, por acto deliberativo dos respectivos órgãos deliberativos, sob proposta dos seus órgãos executivos.

Nos termos da Portaria nº 829/2007, de 1 de Agosto, a Directiva nº 92/43/CEE, do Conselho, de 21 de Maio, relativa à preservação dos habitats naturais e da fauna e da flora selvagens, na redacção dada pela Directiva nº 97/62/CEE, do Conselho, de 27 de Outubro, estabeleceu a criação de sítios de importância comunitária (SIC). Os sítios da lista nacional de sítios, aprovados pela Resolução do Conselho de Ministros nº 142/97, de 28 de Agosto (1ª Fase), alterada pela Resolução do Conselho de Ministros nº 135/2004), de 30 de Setembro (alargamento dos limites do sítio Gardunha), e pela Resolução do Conselho de Ministros nº 76/2000, de 5 de Julho (2ª Fase), respectivamente, foram reconhecidos como sítios de importância comunitária (SIC), tendo sido aprovados pelas Decisões da Comissão nºs 2004/813/CE, de 7 de Dezembro, e 2006/613/CE, de 19 de Julho. O SIC Gardunha está incluído no Anexo II da portaria supra identificada, tem o código PTC0028 e uma área de 5.935,39 hectares.

Por outro lado, a Rede Natura 2000 resultou da adopção pelos Estados-membros da UE, em 1992, de legislação para proteger os habitats e espécies mais ameaçados da Europa, mantendo ou restaurando habitats naturais de importância comunitária. Constituída pela Directiva Habitats, de 1992, relativa à preservação dos habitats naturais e da fauna e flora selvagens, que veio complementar a Directiva Aves, de 1979, sobre a conservação das aves, tem como objectivo criar uma rede de áreas protegidas para assegurar que toda a fauna, flora e habitats incluídos nas duas directivas recebem suficiente protecção para garantir a sua conservação a longo prazo.

A Rede Natura 2000 pretende funcionar como um mecanismo para harmonizar e tornar coerente e efectiva a política de conservação da natureza em todo o espaço comunitário, tornando obrigatória nos territórios dos Estados-membros a aplicação de diversas convenções e acordos internacionais (em especial a Convenção de Berna, ou Convenção Relativa à Protecção da Vida Selvagem e dos Habitats Naturais da Europa), e alargando a todo o património natural biológico

normas comunitárias de conservação já adoptadas em 1979, relativamente à avifauna, através da aprovação da Directiva Aves.

Representa uma tentativa de criar, de forma sistemática, uma rede ecológica coerente de dimensão continental, apresentando também a particularidade da selecção dos locais que a integram não estar relacionada com fronteiras nacionais mas antes com regiões biogeográficas.

III METODOLOGIA

A elaboração deste projecto de candidatura a área de Paisagem Protegida de âmbito local da Serra da Gardunha envolve uma metodologia de trabalho que passou pela pesquisa, análise e compilação de informações recolhidas, algumas pré-existentes nos nossos serviços.

Para elaborarmos a caracterização dos ecossistemas existentes, das práticas de prevenção e conservação ambiental e também na caracterização socioeconómica da população residente na área delimitada contamos com um documento essencial o *Livro Vermelho da Serra da Gardunha*, módulos de I a V – um estudo exaustivo de caracterização da Serra da Gardunha, elaborado pela ADESGAR no ano de 2006.

Os temas que se relacionam com a caracterização do património cultural – arquitectónico, arqueológico e etnográfico – das freguesias que se encontram dentro dos limites da área da Serra da Gardunha, resultaram de pequenas investigações de angariação de dados. No caso da identificação do património arqueológico contamos com o auxílio do IGESPAR.

IV CARACTERIZAÇÃO BIOFÍSICA DO TERRITÓRIO

Este capítulo centrar-se-á na caracterização da Serra da Gardunha identificando aspectos de carácter natural que suportem a candidatura desta zona a área de Paisagem Protegida.

IV.1 EVOLUÇÃO E LOCALIZAÇÃO DO ECOSISTEMA

IV.1.1 Fundão e Castelo Branco

A Serra da Gardunha situa-se no distrito de Castelo Branco, no território dos concelhos de Castelo Branco e do Fundão.

Castelo Branco é um dos 4 (quatro) concelhos que compõe a NUTS III da Beira Interior Sul e integra, tal como o Fundão a NUTS II do Centro. Este concelho é composto por 25 (vinte e cinco) freguesias, distribuídas por 1.438,16Km².

Já o Fundão é um dos 3 (três) concelhos que compõe a NUTS III da Cova da Beira. O concelho do Fundão ocupa uma área de 700Km², integrando 31 freguesias.

Ambos os concelhos são caracterizados pela coexistência de realidades físicas, económicas e sociais diversas, sendo a Serra da Gardunha uma prova de tamanha riqueza.

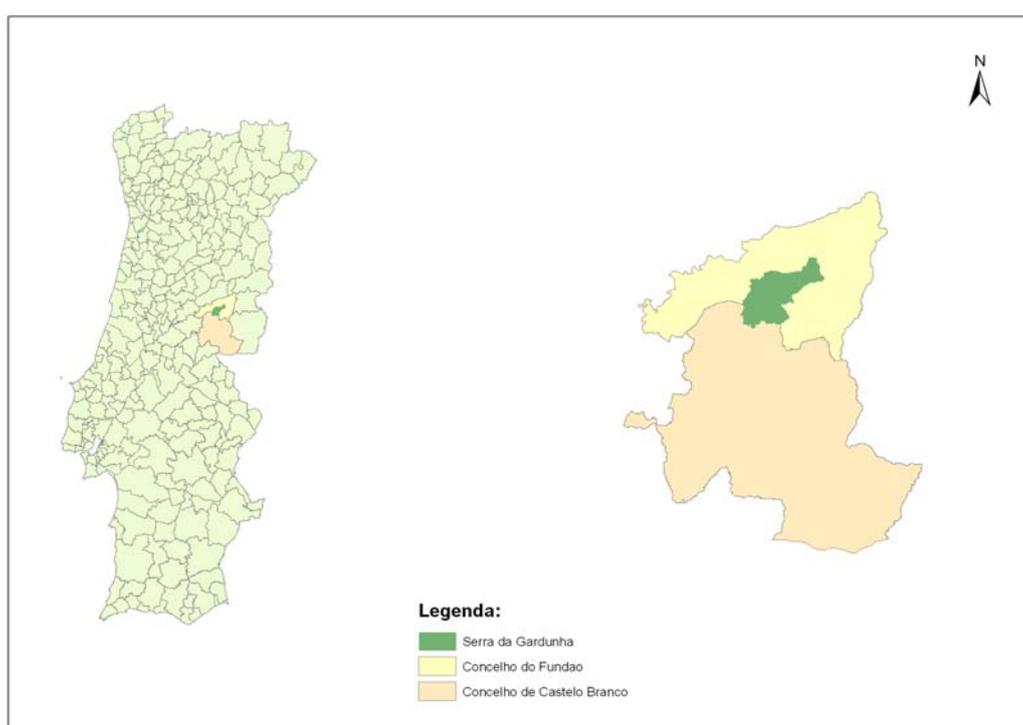


Figura 1- Localização da Serra da Gardunha

IV.1.2 Gardunha

A Serra da Gardunha assume-se como um relevo histórico e cultural de transição, um território de destinos e de milenares passagens, cujos movimentos se expressaram com maior ou com menor profundidade e se enraizaram na paisagem, a qual, ao longo dos séculos, foi sempre mutante.

Durante a Idade Média, os eco-sistemas serranos eram dominados por uma densa e variada vegetação de espécies caducifólias (carvalhos e castanheiros) de que já só resta a memória e a toponímia. Esse manto verde espontâneo foi modificado com a introdução de novas espécies.

Na paisagem pré-romana destacavam-se então os povoados com as suas cinturas amuralhadas onde viviam populações sustentadas numa economia de base essencialmente de base agro-pastoril. Estes aglomerados vivenciais utilizavam a altitude como forma de afirmação de poder e de controlo das vias de comunicação que sulcavam a floresta primitiva. Estas vias tiveram a sua origem na necessidade de conduzir, sazonalmente, os gados da montanha para os relevos aplanados do sul.

Um segundo momento antrópico desenvolveu-se durante o largo processo romanizador, com a instalação de pequenos casais e granjas de vocação agrícola. Os solos foram intensamente cultivados e largas zonas da floresta primitiva terão sido destruídas através de queimadas. Este período de intensa construção paisagística terá começado a desvanecer-se a partir do século VIII D.C.. As convulsões políticas, sociais e demográficas e as novas centralidades dos poderes transformaram a Gardunha *post-romana* num espaço repulsivo e periférico. A floresta primitiva avançou, sendo apenas cruzada pelos rebanhos transumantes e pelos movimentos de guerreiros cristãos e islâmicos.

Na Serra de Ocaia como então se designava a Serra, os tempos *post-Reconquista* (finais do século XII até ao século XV) caracterizaram-se por uma fase de antropização complexa e por uma intensa e progressiva transformação do habitat natural. Durante a segunda metade do século XIX e todo o século XX, assistiu-se a uma alteração dos conceitos económicos e dos quadros vivenciais. O processo migratório, o abandono dos campos, a introdução de novas culturas e espécies a multiplicação de redes de caminhos, a destruição dos topos geológicos e as sucessivas vagas de incêndios criaram uma nova paisagem da Gardunha.

Tal como ontem, a Gardunha nunca foi local de imutáveis quietudes. Pelo contrário. Foi sempre um sítio de convergência de sons dos tempos: os do passado e os do futuro.

IV.1.3 A Serra da Gardunha

A dureza da serra está bem presente no viver das gentes locais onde costumes e tradições antigas fazem esquecer o passar dos tempos e o isolamento que caracteriza grande parte das aldeias e vilas.

A Gardunha é uma ramificação da serra da Estrela que se localiza na zona ocidental do sistema central ibérico, fazendo a divisória entre a campina de Castelo Branco e a Cova da Beira. “Ergue-se alterosa no concelho do Fundão, arqueando seus gigantes braços, de cujas veias jorra um sem número de nascentes de águas puras e abundantíssimas. É povoada de uma opulenta mata. Nas suas faldas acham-se varias povoações, e nas encostas alguns casais, ermidas e casas de campo. É muito elevada, e de suas cumeadas avistam-se enormes extensões e uma imensa porção de território espanhol. A pedra que lá se encontra é granito.”

Segundo Eduardo Coelho, “Esta serra contém uma das mais belas florestas do país, um bosque densíssimo de castanheiros e carvalhos, cheio de frescura e sombras deliciosas onde os pássaros se aninham e afinam as suas orquestras. Esta floresta veste as vertentes da serra numa superfície dalgumas dezenas de hectares. (...) Por entre as dobras das abas da serra, escondem-se algumas povoações, outras descem a vertente, assentam outras na planície, ou se desdobram pelas proeminências do terreno. Em baixo espraiam-se, num bem matizado estendal, as quintas, os pomares, as vinhas, as culturas arvenses, que este torrão dá a seguir; o trigo, o centeio, o milho; branqueiam os frutos mimosos das macieiras e das pereiras, fortemente viçadas pelo Zêzere, Meimôa, e numerosos regatos e nascentes.”.

A Serra da Gardunha é um ícone, pois funciona como uma imagem representativa do concelho do Fundão, que se pretende manter e valorizar.

IV.1.4 Síntese Física da Gardunha

Na Gardunha, também conhecida por Guardunha (palavra árabe que significa “refúgio”), o granito e xisto marcam presença. A água é outra constante. A diversidade paisagística e biológica que esta serra encerra está intimamente ligada à geomorfologia e petrologia da zona: as faixas de

metamorfismo (*gneiss*) do complexo do xisto das beiras condicionaram as espécies (endemismos) e o uso do solo por parte do homem, estabelecendo uma perfeita harmonia.

A paisagem da serra revela uma forte componente de intervenção humana ao nível das áreas agrícolas, com especial destaque para os cerejais, e das áreas florestais de resinosas. No entanto mantêm-se áreas ocupadas por formações naturais e semi-naturais detentoras de uma significativa e valiosa diversidade biológica.

A vertente Norte caracteriza-se pela presença de habitats bem conservados de castinçais (*Castanea sativa*) e carvalhais de carvalho-robusto ou alvarinho (*Quercus robur*) e carvalho-negral ou carvalho-pardo-das-beiras (*Quercus pyrenaica*), aos quais surge associada a abrótea (*Asphodelus bento-rainhae*), endemismo lusitano exclusivo deste sistema montanhoso. Na vertente Sul ocorre uma grande variedade de matos, entre os quais urzais e urzais-estevais mediterrânicos não litorais e comunidades de montanha de caldoneira (*Echinopartum ibericum*), um endemismo ibérico.

Toda esta diversidade constitui um património histórico e cultural riquíssimo ao qual está associado um valor inestimável representativo de uma herança e identidade que temos de gerir e preservar meticolosamente de modo a poder transmiti-la às gerações futuras.

A Gardunha enquanto unidade de paisagem assume um papel de reforçada importância na estratégia global de desenvolvimento do Fundão e de Castelo Branco, na medida em que constitui um elemento unificador dos concelhos. A Gardunha é entendida como um todo, não se circunscrevendo aos limites administrativos, pelo que abrange um total de 14 freguesias, 12 do Concelho do Fundão (Alcaide, Alcongosta, Aldeia de Joanes, Aldeia Nova do Cabo, Alpedrinha, Castelo Novo, Donas, Fatela, Fundão, Soalheira, Souto da Casa, Vale de Prazeres) e 2 do Concelho de Castelo Branco (Louriçal do Campo e São Vicente da Beira).

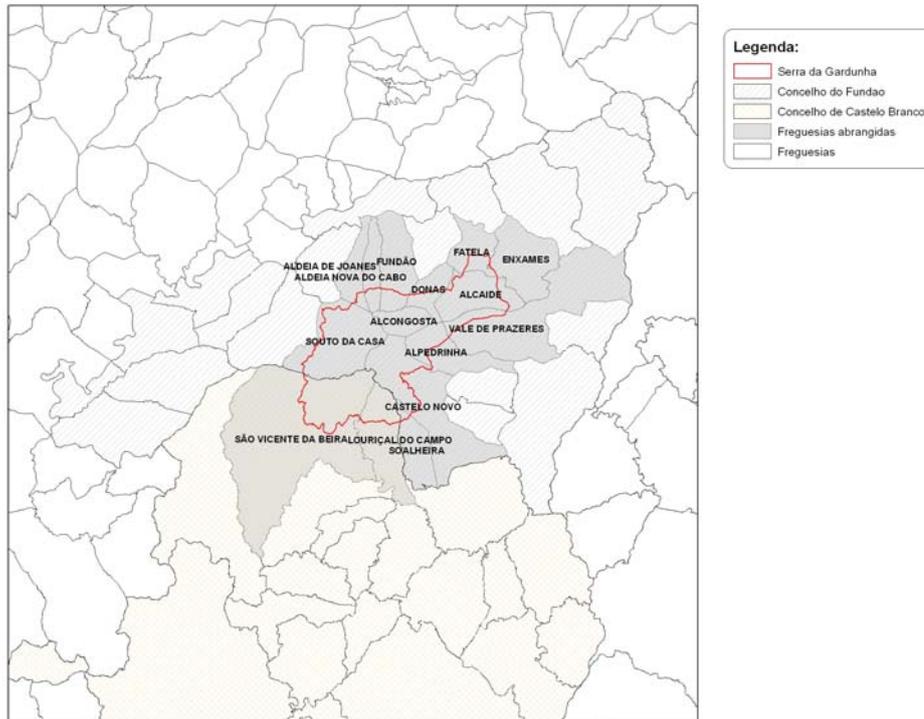


Figura 2- Delimitação da área de Paisagem Protegida da Serra da Gardunha

IV.2 ENQUADRAMENTO TERRITORIAL DA APPSG

Esta serra, sendo já classificada como um sítio de importância comunitária está também englobada num conjunto de áreas classificadas (entendidas como o conjunto das Áreas Protegidas, das Zonas de Protecção Especial no âmbito da Directiva Aves e dos Sítios de Importância Comunitária no âmbito da Directiva Habitats) de características muito semelhantes, genericamente todas correspondentes a zonas de montanha da região centro, entre elas:

REDE NACIONAL DE ÁREAS PROTEGIDAS

Área de Paisagem Protegida da Serra do Açor
Parque Natural da Serra da Estrela
Parque Natural do Tejo Internacional
Parque Natural do Douro Internacional
Reserva Natural da Serra da Malcata

ZONAS CLASSIFICADAS AO ABRIGO DA DIRECTIVA AVES

Zona de Protecção Especial PTZPE0007 - Serra da Malcata

Zona de Protecção Especial PTZPE0042 - Tejo Internacional, Erges e Ponsul

SÍTIOS CLASSIFICADOS AO ABRIGO DA DIRECTIVA HABITATS

Sítio de Importância Comunitária PTCO0004 - Malcata

Sítio de Importância Comunitária PTCO0014 - Serra da Estrela

Sítio de Importância Comunitária PTCO0016 - Cambarinho

Sítio de Importância Comunitária PTCO0027 - Carregal do Sal

Sítio de Importância Comunitária PTCO0028 - Serra da Gardunha

Sítio de Importância Comunitária PTCO0051 - Complexo do Açor

Sítio de Importância Comunitária PTCO0060 - Serra da Lousã

Sítio de Importância Comunitária PTCO0045 - Sicó-Alvaiázere

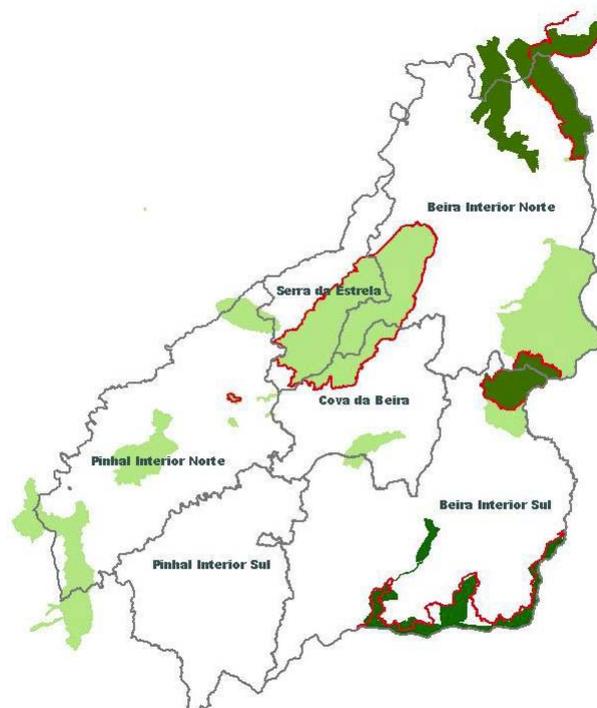


Figura 3 – Mapa das áreas classificadas da zona centro

A chamada zona de montanha é praticamente coincidente com os territórios de baixa densidade, com elevada taxa de envelhecimento, escassez de massa crítica, debilidade do tecido produtivo e económico e possui fortes condicionantes naturais e escassez dos vectores socioeconómicos.

Por outro lado, na actualidade a prática do turismo de natureza, do desporto de natureza e do turismo activo como o pedestrianismo e montanhismo na Serra da Estrela, na Serra da Lousã e na Serra do Açor, o BTT na Serra da Lousã, o sky na Serra da Estrela, o parapente na Serra da Estrela e na Serra da Lousã, a espeleologia no maciço de Sicó, o turismo náutico de observação de vida selvagem nas Portas de Ródão, estão já bem patentes nesta região, constituindo já uma imagem de marca do território.

Existem diversos produtos turísticos organizados que já incluem turismo de natureza como:

O GeoPark da Meseta Meridional, que inclui vários geo-sítios nos Municípios de Castelo Branco, Idanha-a-Nova, Oleiros, Proença-a-Nova e Vila Velha de Ródão; As Aldeias Históricas, que incluem 12 aldeias integradas em dez municípios da Região Centro; A Rede das Aldeias do Xisto, inclui 24 aldeias integradas em 14 municípios da Região Centro.

A existência de um conjunto de iniciativas bem sucedidas no domínio da animação turística (empresas consolidadas e com capacidades demonstradas) e no domínio do alojamento (unidades de referência na Região e no País) fazem desta zona uma área de referência a nível nacional.

Os valores altimétricos na área da Gardunha, variam entre os 450 m e os 1227 m. A classe de valores com maior representatividade na serra, corresponde ao intervalo entre 500-600 m, seguindo-se a classe entre 600-700 m.

A classe de valores entre 1100-1227 m situa-se nos locais de maior altitude da Gardunha, correspondendo à menor área ocupada (Gouveia, 2004).

IV.3.2 Clima

De forma a avaliar as variáveis climatológicas da região e dos processos atmosféricos ocorrentes a este nível, foram considerados com base quantitativa os dados climatológicos da estação climatológica do Fundão, que se encontra a 495 m de altitude, 40° 08' de latitude e 7° 30' de longitude, correspondentes ao período de 29 anos correspondentes aos registos de observação de 1961-1990 fornecidos pelo Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica (INMG, 1999).

IV.3.2.1 Temperatura

No período de 29 anos a temperatura média anual do concelho do Fundão foi de 14,1°C, sendo a média das temperaturas máximas 19,8°C e a média das temperaturas mínimas 8,5°C.

A temperatura mais elevada, para o mesmo período, registou-se no mês de Setembro com 40°C, e a temperatura mais baixa foi registada em Fevereiro com o valor de -8,1°C.

A temperatura média máxima registou-se nos meses de Julho e Agosto com 30,3°C, e a temperatura média mínima tem como valor 2,7°C, tendo sido registada no mês de Janeiro.

Verifica-se ainda que o número médio anual de dias com temperatura máxima do ar >25°C é de 104,9 dias, tendo sido registado o maior número de dias nos meses de Julho e Agosto com 27,2 e 27,7 dias, respectivamente.

O número médio anual de dias com temperatura mínima do ar <0°C, foi de 23,1 dias, tendo-se verificado nos meses de Dezembro e Janeiro em 7,9 e 8,2 dias respectivamente (INMG, 1999).

Segundo Medeiros (2005), à medida que se sobe em altitude, a temperatura diminui e consequentemente a humidade aumenta. Não obstante na inexistência de registos para o cume

da serra, sabe-se que os valores apurados na estação climatológica são ligeiramente superiores aos verificados no topo da serra, ou seja nos 1227 m.

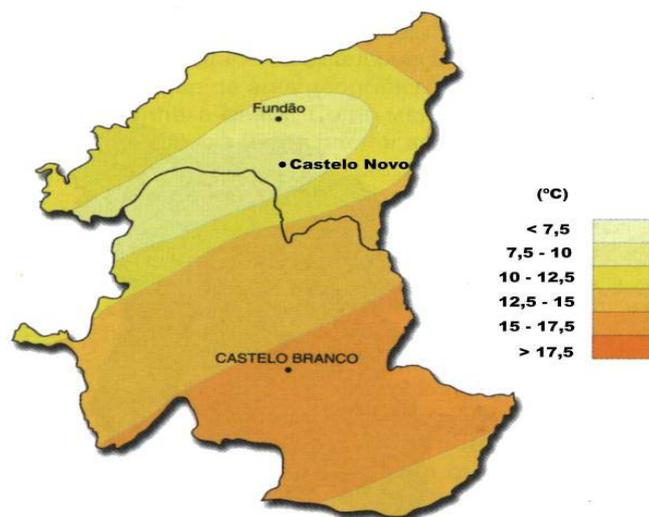


Figura 5 – Temperatura Média do Ar (°C) (in Graça & Santo, 1999)

IV.3.2.2 Precipitação

A precipitação é o factor responsável pela regularização do equilíbrio hídrico da vegetação e do solo. Mais do que qualquer outro factor ambiental, a água afecta a morfologia interna e externa de certos órgãos vegetais que, conjuntamente determinam a fisionomia da vegetação. Em certa medida, a estrutura e composição das comunidades vegetais são reguladas pelas suas exigências hídricas. A influência da pluviosidade estende-se também às alterações que pode provocar no solo (Santos, 1993).

Os valores pluviométricos médios anuais são de 943,7 mm para o período de 29 anos, variando entre 10,4 mm no mês de Julho e 136,3 mm no mês de Fevereiro, para o mesmo período de tempo.

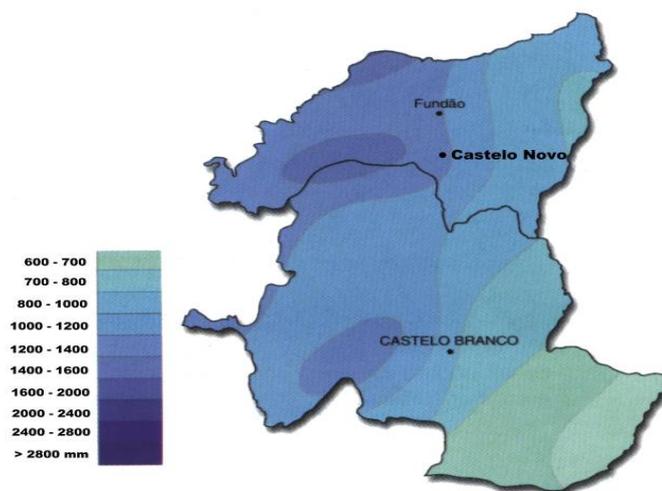


Figura 6 – Precipitação Média Anual (in Graça & Santo, 1999)

Os meses em que se registou maior volume de precipitação, foram Novembro (132,2 mm), Dezembro (132,1 mm), Janeiro (134,8 mm) e Fevereiro (136,3 mm).

O número médio anual de dias com precipitação ≥ 1 mm é de 79,0 dias, tendo-se registado os maiores valores nos meses de Janeiro (10,6 mm) e Fevereiro (10,3 mm).

O número médio anual de dias com volume de precipitação ≥ 10 mm, foi de 27,9 dias, registando-se os valores de 4,1 mm para o mês de Janeiro e de 4,2 mm para o mês de Fevereiro.

IV.3.2.3 Vento

Relativamente a este parâmetro, verifica-se que os ventos no concelho do Fundão para o período de 1967-1990 são predominantemente nos quadrantes Este-Sudeste com os valores 12,7% e 12,6% respectivamente, e Noroeste-Oeste com os valores 15,5% e 26,3% respectivamente.

Em relação à velocidade média do vento (Km/h), podemos considerá-los fracos durante todo o ano, embora soprem com maior intensidade no quadrante Oeste, sendo a velocidade média anual de 11,9 Km/h para um total de 26,3% de ocorrência média anual.

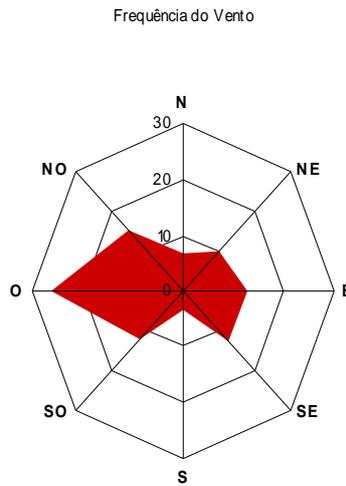


Figura 7 - Frequência do vento durante o período de 1967-90

IV.3.2.4 Humidade relativa do ar

Em relação a este parâmetro, e para o período de 1967-1990, os valores foram registados duas vezes por dia, às 9h e às 18h.

Verifica-se assim, que os valores médios anuais às 9h e 18h são de 65% e 62% respectivamente, com variações mensais entre os 46% (Julho e Agosto) e 82% (Janeiro) às 9h; e às 18h as variações mensais variam desde os 45% (Agosto) e 76% (Dezembro e Janeiro) (Figura 8).

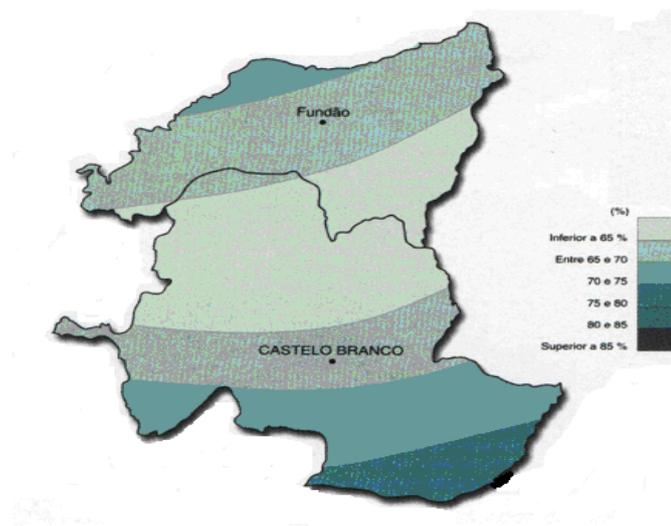


Figura 8 - Humidade Relativa do Ar (in Graça & Santo, 1999)

Na generalidade verifica-se que os valores são baixos durante os meses de Verão, o que se justifica devido à fraca pluviosidade estival ().

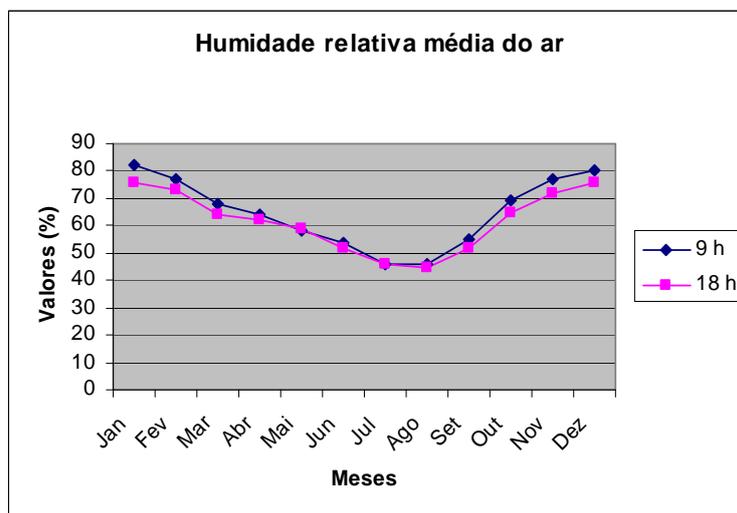


Figura 9 – Variação média da humidade relativa do ar durante o ano para a estação meteorológica do Fundão.

IV.3.2.5 Insolação

A radiação solar é a principal fonte de energia atmosférica. A grande diversidade climática deve-se, principalmente ao facto de a quantidade de energia solar incidente variar com a altitude (Santos, 1993).

Designa-se por insolação o número de horas de sol descoberto num dado local e durante um determinado intervalo de tempo. Evidentemente depende do período em que o sol está acima do horizonte e da nebulosidade (Santos, 1993).

O valor da insolação média anual para o concelho do Fundão é de 2697,5 horas, correspondendo a 60% do número de horas anuais de sol.

Verifica-se que o valor mais elevado de insolação média, é de 358,0 h no mês de Julho, enquanto que o valor mais baixo de insolação média é de 138,7 h correspondendo ao mês de Dezembro (Figura 10). Estes valores correspondem ao período de 1961-1983.

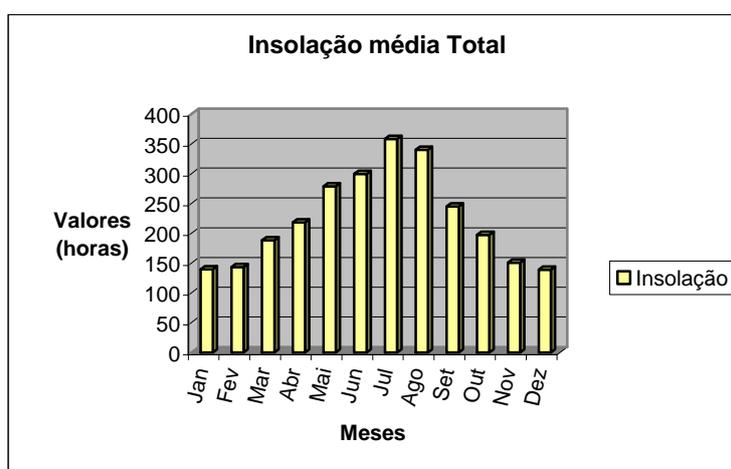


Figura 10- Variação da Insolação Média Total durante o ano.

A encosta Sul apresenta maior número de horas de exposição solar, ao contrário da encosta Norte, que possui vales mais encaixados e profundos, tornando-se mais húmidos e sombrios, diminuindo o número de horas de sol.

O tipo de vegetação altera-se consoante a exposição da encosta, como se poderá verificar mais à frente neste estudo.

IV.3.2.6 Evaporação

A taxa de evaporação depende fundamentalmente do estado higrométrico do ar e da velocidade do vento, diminuindo com o acréscimo do primeiro e aumentando à medida que a velocidade do vento aumenta (Santos, 1993).

Os valores da evaporação média, foram obtidos através de observações no período da manhã e refere-se às 24 horas seguintes.

Regista-se o valor máximo da evaporação no mês de Agosto (258,5 mm), enquanto que o valor mínimo ocorre no mês de Dezembro com 59,9 mm (Figura 11).

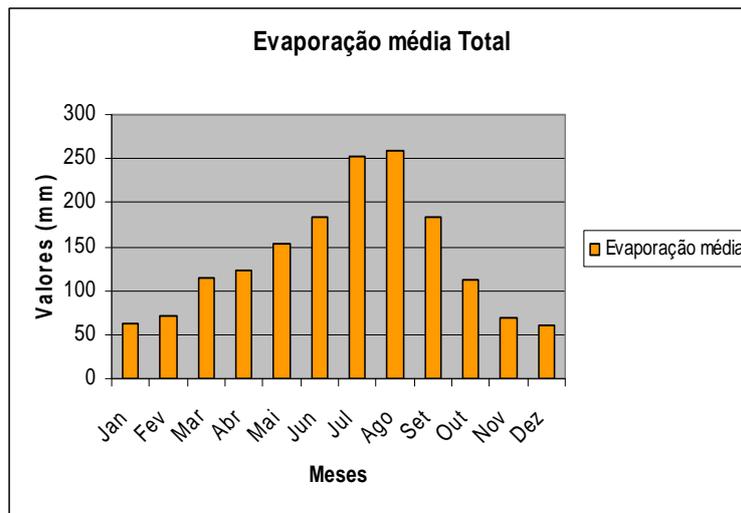


Figura 11 – Variação da Evaporação Média Total ao longo do ano.

IV.3.2.7 Geada

No concelho a ocorrência de geadas tem início no mês de Outubro, com 0,4 dias e prolonga-se até Maio com 0,1 dias de geada. Os meses em que se verificou maior número de dias com geada, foi em Janeiro (9,3 dias), seguido do mês de Dezembro (9,1 dias).

A média anual registada para os valores de geada, é de 33,4 dias (Figura 12).

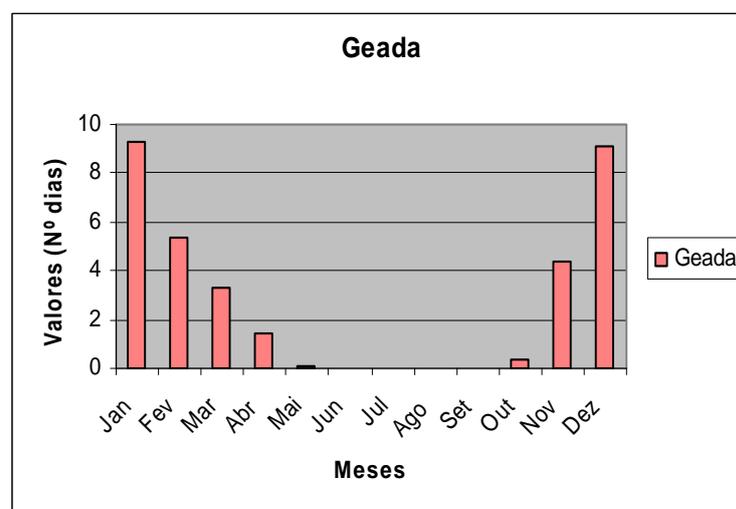


Figura 12 – Número de dias com Geada ao longo do ano.

A análise de todos os elementos climáticos anteriormente referidos, permite-nos classificar o clima do Fundão, como sendo um clima temperado, pouco húmido e com deficit de água no Verão (PDM, 1993).

IV.4 HIDROGRAFIA

A orografia e a pluviosidade da Gardunha potenciam a presença de uma vasta rede hidrográfica, integrada na bacia hidrográfica do rio Tejo. Apesar da densa rede existente, as suas linhas de água caracterizam-se por uma descontinuidade de regime, apresentando a maioria delas caudal nulo durante os meses de estio.

Devido à reduzida permeabilidade dos solos no concelho, normalmente geram-se regimes de carácter torrencial quando a precipitação é abundante e súbita.

Em face à maior permeabilidade dos granitos, sobretudo quando alterados, verifica-se que a rede hidrográfica é mais reduzida e regular, enquanto que na zona dos xistos, se forma uma rede complexa desde as pequenas ravinas até aos principais cursos de água, sendo o respectivo percurso mais sinuoso (Ribeiro, 1999).

A principal linha de fecho na Serra da Gardunha é responsável pela divisão das bacias hidrográficas do Zêzere, do rio Ocreza e dos afluentes do Rio Ponsul.

A maior parte da área da Gardunha drena para o rio Zêzere com uma bacia hidrográfica de 4995,7 Km², através da ribeira do Alcambar (afluente da Ribeira da Meimoa), ribeira da Gardunha e ribeira do Tormentoso (afluentes da Ribeira de Ximassas). A encosta meridional drena para a bacia do Tejo através do rio Ocreza que tem origem na serra da Gardunha e através da ribeira de Alpereade afluente do rio Ponsul (Figura 13).

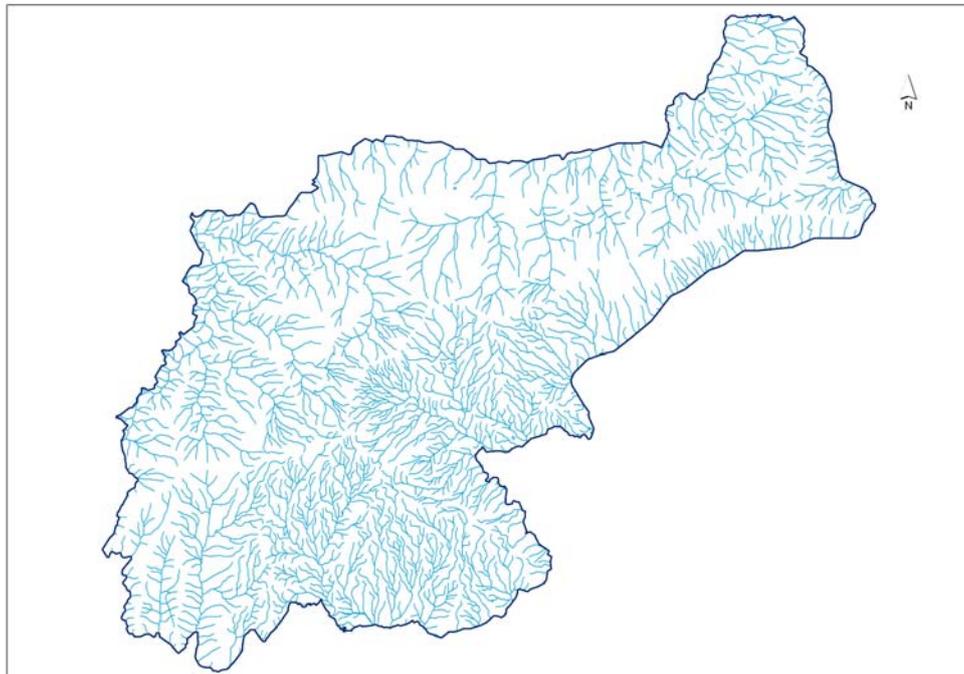


Figura 13 – Mapa da rede hidrográfica

IV.4.1 Solos

De acordo com o Atlas do Ambiente (2005), os solos predominantes na Serra da Gardunha classificam-se em litossolos e cambissolos.

Os litossolos encontram-se localizados nas zonas mais a nordeste e a sudoeste da Serra da Gardunha, enquanto os cambissolos se localizam na quase totalidade da serra.

Os cambissolos são solos mais evoluídos, com um horizonte B câmbico, enquanto os litossolos ou solos esqueléticos se caracterizam por serem pouco evoluídos, com rocha consolidada dura a menos de 10 cm, podendo em alguns casos, onde é maior a abundância de raízes, apresentar já alguma matéria orgânica desenvolvida por microrganismos (Ricardo, 1980).

IV.4.2 Geologia

IV.4.2.1 Litologia

A Serra da Gardunha insere-se numa das maiores unidades estruturais da Península Ibérica, o maciço Hespérico, onde se integra a zona Centro Ibérica. Esta unidade, também designada por

maciço antigo, corresponde a uma extensa área de rochas antigas, fracturadas e erodidas, a qual apresenta essencialmente dois complexos:

- O complexo Xisto-Grauváquico, corresponde a um conjunto de rochas metamórficas de origem sedimentar muito uniforme em todo o País, sendo constituído essencialmente por xistos (material mais argiloso) e grauvaques (material mais arenoso). Este complexo Xisto-Grauváquico, localiza-se essencialmente na zona do Souto da Casa, Castelejo e São Vicente da Beira.
- Os granitos hercínicos, mais conhecidos por Granitos das Beiras, são as rochas mais largamente representadas na Cova da Beira. O afloramento que abrange o Fundão, Alcaria, e a vertente norte da Gardunha é constituído por um granito de grão médio, algumas vezes fino, biotítico (granodiorito). Na superfície encontram-se muito alterados, apresentando uma tonalidade amarelada e desagrega-se facilmente (Silva & Gavinhos, 2002).

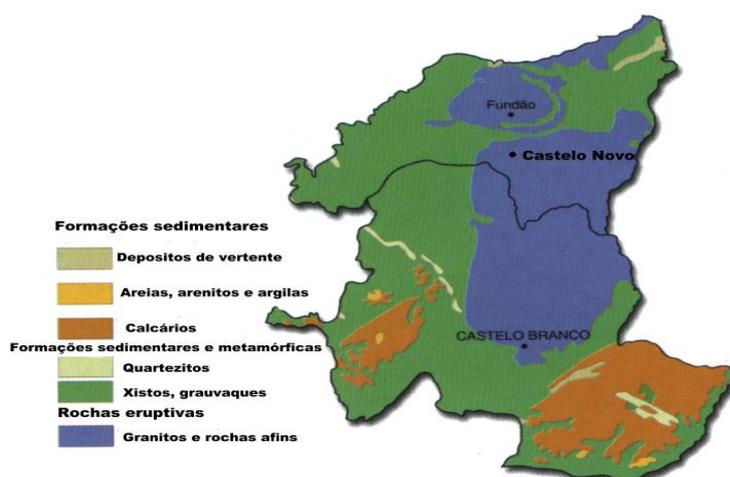


Figura 14 – Carta Litológica (in Graça & Santo, 1999)

IV.4.2.2 Geomorfologia

Esta unidade apresenta aspectos muito diferentes entre o modelado granítico e o modelado nos xistos.

Nos terrenos graníticos, observa-se a conservação de superfícies planas, interrompidas por relevos vigorosos, destacando-se os *inselbergs*, contrastando com as superfícies planas de

erosão em planalto ou na base da montanha. São também muito comuns outras formas de modelado granítico, como os *caos de blocos* e os *tors* (Silva *et al*, 2001).

Dada a facilidade de erosão da zona de granitos e granitóides, obtém-se um modelado muito característico com cabeços arredondados, onde se originam densas redes de drenagem (ribeiras).

No caso dos xistos e grauvaques a sua geometria é muito mais angulosa, pelo facto de estes serem mais resistentes à acção dos agentes erosivos. Este facto, faz com que surjam a altitudes mais elevadas, mesmo sendo muito mais antigos que as restantes rochas.

Relativamente à geomorfologia da Serra da Gardunha, há a destacar algumas evidências das glaciações. Apesar da Gardunha não ter sido sujeita à cobertura dos glaciares, como foi o caso da Serra da Estrela, esta esteve sob a influência do frio intenso (*periglacialismo*) em que o solo congelou durante muito tempo (*permafrost*). As variações de temperatura associadas à formação de gelo, expandiram e contraíram as rochas originando a sua fragmentação em blocos angulosos.

Este fenómeno é visível devido aos inúmeros depósitos de vertente (cascalheiras de xistos e grauvaques) existentes na encosta norte da Gardunha (Silva & Gavinhos, 2002).

IV.5 ENQUADRAMENTO DO TIPO E USO DO SOLO

Relativamente à expansão da área agrícola no Sítio, não se poderá definir concretamente uma área potencial devido a diversas razões, entre as quais pelo facto da área constituída por solos de melhor qualidade se encontrar já afecta a essa actividade, outra das razões é pelo facto de grande parte do Sítio se encontrar inserido em Reserva Ecológica Nacional e grande parte da área ter potencial florestal, nomeadamente para expansão da floresta autóctone, dado que a mesma se encontra a regenerar naturalmente juntamente com os matos.

No que se refere à vertente florestal, as medidas anteriormente propostas deverão ir no sentido de gerir os sistemas numa perspectiva de valorização ecológica dos mesmos ou de protecção e conservação. Como tal, deverão ser tomadas medidas no sentido de criar mosaicos de paisagem, criando resistência da paisagem aos incêndios de grande dimensão, especialmente nas áreas de maior risco como o pinhal, eucaliptal e matagais secos, favorecendo a expansão

ordenada das áreas com maior resistência, como sejam as manchas da referida floresta autóctone. As normas silvícolas para estas manchas deverão ser condicionadas, principalmente no que respeita às mobilizações de solo (menos profundas que o normal), às preparações do solo (técnicas menos convencionais e menos pesadas), às limpezas dos povoamentos de regeneração natural (privilegiar as operações manuais, moto-manuais ou os corta matos quando possível) ou mesmo à escolha das espécies a instalar para além das que já existem. Estas restrições deverão ser tidas em linha de conta pelo facto de grande parte da área se encontrar em Reserva Ecológica Nacional e de pretendermos conservar os habitats naturais para dar continuidade à biodiversidade existente.

Fazendo uma abordagem ao plano de ordenamento do Sítio (a longo prazo), para além destas condicionantes, deverão ser considerados vários factores, nomeadamente a exposição, a altitude, o declive e as condições climatéricas. Estas últimas são muito importantes para a escolha das espécies no planeamento florestal, como sejam por exemplo as temperaturas máximas e mínimas, o período estival ou mesmo a quantidade e distribuição da precipitação, uma vez que nos encontramos num processo de alterações climáticas e que conseqüentemente haverá ajustes no tipo de vegetação que poderá vir a existir na Serra.

Uma espécie poderá estar adaptada do ponto de vista biológico se sobreviver e apresentar bom desenvolvimento num dado local, no entanto, a adaptação ecológica implica ainda que a espécie se enquadre nas comunidades presentes no local e nas restantes componentes biofísicas do território.

Como grande parte das espécies têm longas revoluções, torna-se relevante ter em consideração os possíveis impactes das alterações climáticas, que podem ser resumidas a nível da produtividade florestal, da distribuição das espécies florestais, do regime do fogo, da incidência de pragas e na biodiversidade.

Na vertente da silvopastorícia, há que incentivar a instalação de novas explorações, ou um aumento do encabeçamento, uma vez que também poderá constituir um ponto forte no planeamento das áreas florestais, quer para o controlo dos matos, com a conseqüente diminuição do risco de incêndio, quer para o aumento da rentabilidade das explorações, aproveitando os recursos naturais, que podem vir a contribuir para os produtos de qualidade da região.

Com vista a definir uma área potencial para a introdução de gado ovino e caprino, considerou-se a área mais favorável ao desenvolvimento desta actividade em regime extensivo, principalmente as áreas ocupadas actualmente por matos, uma vez que são zonas ricas em alimentação, podendo também expandir para a área de pinhal. Assim, seguindo esta linha, poderemos apontar as freguesias de Souto da Casa e São Vicente da Beira como sendo as zonas de potencial expansão para a actividade pastoril dentro do limite do SIC Gardunha.

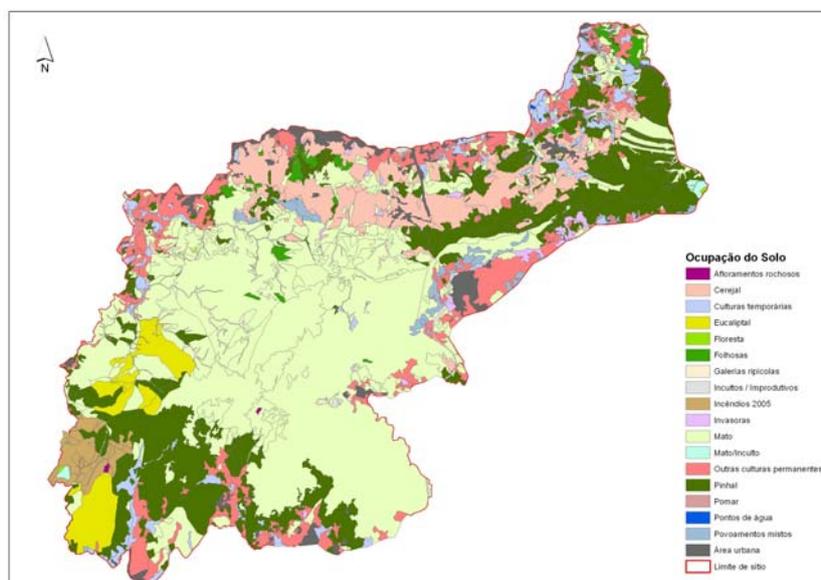


Figura 15 – Ocupação do solo

V CARACTERIZAÇÃO ECOLÓGICA DO SISTEMA

V.1 BIOCLIMATOLOGIA

A análise bioclimatológica de uma região ou área assenta na premissa de que se podem encontrar relações mais ou menos evidentes entre variáveis climáticas, em especial a temperatura e precipitação, e a distribuição espacial das plantas e consequentemente das comunidades vegetais.

A Serra da Gardunha encontra-se situada numa zona de transição definida entre duas unidades macro-bioclimáticas que variam de acordo com a exposição orográfica:

- Mediterrânico – nas vertentes expostas a Sul e a Este e nas encostas mais baixas da área Sul, normalmente esta zona apresenta-se mais quente no Verão e menos fria no Inverno. Do ponto de vista de ocupação agrícola dominam os vinhedos, os laranjais e olivais.
- Temperado – domina na vertente Norte e Oeste e zonas baixas da depressão da Cova da Beira, em que o Inverno é mais rigoroso e o Verão mais suave. A ocupação agrícola é dominada por pastagens e explorações frutícolas (cereja, maçã e pêsego).

A evidência da transição entre estes bioclimas é facilmente notada nalguns locais da Gardunha onde a alteração da paisagem é tão acentuada que se pode delimitar uma fronteira entre as duas unidades bioclimáticas. A Portela da Gardunha - Alpedrinha é um bom exemplo da fronteira bicromática que separa as duas unidades, tal como descrito por Orlando Ribeiro (1945) marca a fronteira entre o "Portugal Atlântico e Portugal Mediterrânico". A paisagem muda bruscamente entre os bosques mistos de sobreiro e Carvalho-negral com matos de estevas e urzes entremeados por olival e laranjais para soutos e bosques de Carvalho-negral e Carvalho-roble e giestais intercalados por cerejais.

A precipitação média anual obtida na estação climatológica do Fundão, é de 943,7 mm estando assim englobado no ombroclima sub-húmido. Para verificar quando é que a vegetação sofre de carência hídrica, nos meses chamados "secos". Considera-se que há secura quando a pluviosidade mensal (mm) é inferior ao dobro do valor da temperatura média mensal (°C) $P < 2T$.

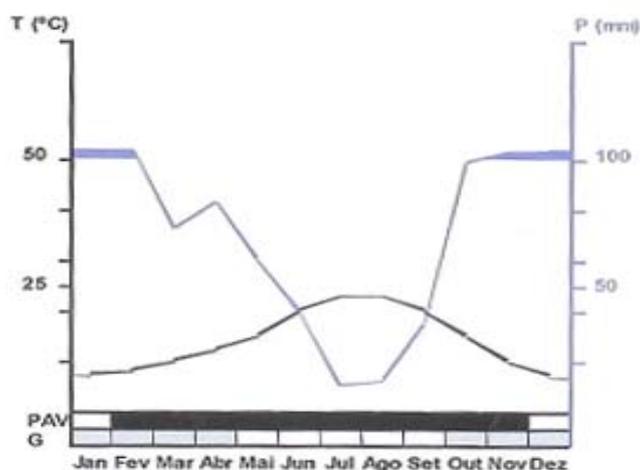


Figura 16 – Diagrama ombrotérmico para a estação climatológica do fundão (1967-1990)

Assim, verifica-se a existência no diagrama ombrotérmico (Figura 16) de uma estação seca desde meados de Junho até meados de Setembro. Isto deve-se ao facto da precipitação estival registada nesses meses ser muito baixa, enquanto que a temperatura atinge o seu máximo anual.

V.2 BIOGEOGRAFIA

A distribuição geográfica dos organismos na superfície terrestre (Biogeografia) permite definir áreas mais ou menos características de acordo com o conjunto de espécies de distribuição particular (endemismos) ou mundial (espécies cosmopolitas) que ocorrem numa determinada zona. Poderá caracterizar-se o padrão geográfico de distribuição das plantas (Fitogeografia) para uma determinada área, e identificar-se as particularidades e características da flora local. Neste caso as particularidades da flora Gardunhense.

Face à situação geográfica e às características geomorfológicas que apresenta, a área em estudo revela uma grande variedade biogeográfica, segundo Rivaz-Martínez (1987), relativamente à biogeografia, a Serra da Gardunha encontra-se inserida no Reino *Holártico*, Região *Mediterrânica*, Sub-região *Mediterrânica Ocidental*, Superprovíncia *Mediterrânica Ibero-Atlântica*, Sub-província *Luso-Extremadurense*, Sector *Toledano-Tagano*, Sub-sector *Hurdano-Zezerense*, Superdistrito *Zezerense*.

O Subsector Hurdano-Zezerense inclui algumas serras que ultrapassam ligeiramente os 1000 m como é o caso da Serra da Gardunha e o vale do Zêzere (Superdistrito Zezerense). Ao nível superdistrital distinguem-se dois Superdistritos: o Zezerense e o Cacerense. O Superdistrito Zezerense situa-se no andar mesomediterrânico sub-húmido e mesomediterrânico superior sub-húmido. No mesomediterrânico superior sub-húmido a húmido assinala-se o carvalhal *Arbuta unedonis-Quercetum pyrenaicae genistetosum falcatae*, a sua orla *Vincetoxico nigri-Origanetum virentis* e o respectivo mato de degradação *Polygalo microphylii-Cistetum populifolii* (Costa, 2005).

Dada a posição de transição da Gardunha do ponto de vista climático e a da sua orografia recortada, a flora gardunhense encerra características Atlânticas/Eurosiberianas e marcadamente Mediterrânicas e mesmo espécies estritamente endémicas.

V.3 FLORA

V.3.1.1 Caracterização Geral e Espécies Frequentes

A situação geográfica da serra da Gardunha, no limite da Cordilheira Central com as planícies da Beira Baixa, a imensa diversidade geológica e orográfica e o facto de ser uma zona de transição entre um clima mais oceânico e pluvioso e um clima mais mediterrânico e seco, permite a existência de vários habitats onde ainda prolifera uma fauna e flora diversificada.

Como já foi referido, a Serra da Gardunha faz parte da lista nacional de SIC da Rede Natura 2000, sendo considerada uma Zona Especial de Conservação (ZEC) no âmbito da directiva habitats (92/43/CEE), pois tem espécies de fauna e flora e comunidades vegetais de elevada importância para a conservação.

É actualmente um local do país que preserva ainda importantes valores naturais, apesar da forte intervenção humana. Trata-se do único local onde ocorre *Asphodelus bento-rainhae* (abrótea), ocorrendo também nesta serra 17 comunidades vegetais do Anexo I da Directiva Habitats (designadas como habitats naturais), destacando-se das comunidades consideradas prioritárias: charcos temporários mediterrânicos e florestas aluviais residuais (*Alnion glutinoso-incanae*).

Na Gardunha é possível encontrar espécies da Flora constantes no anexo B-II do Dec. Lei n.º 49/2005 de 24 de Fevereiro, tratam-se de espécies vegetais de interesse comunitário cuja conservação exige a designação de zonas especiais de conservação. As espécies mais importantes são *Asphodelus bento-rainhae* e *Festuca elegans*.

A vegetação natural e semi-natural varia altitudinalmente e de acordo com as exposições das vertentes.

Na vertente Norte e Oeste dominam os bosques de *Castanea sativa* e bosques mistos de *Quercus robur* e *Quercus pyrenaica* com outras espécies arbóreas nomeadamente *Sorbus latifolia* e *Sorbus torminalis*. Nas linhas de água permanentes dominam *Alnus glutinosa* e *Fraxinus angustifolia* pontualmente *Ulmus glabra* e *Corylus avellana* e nas linhas de água temporárias *Salix atrocinerea*.

Os matos caracterizam-se por formações de giestas amarelas (*Cytisus striatus* e *Cytisus grandiflorus*) e urzais (*Erica umbellata*) com carqueja (*Pterospartum tridentatum*).

Na vertente Sul e Este dominam os bosques mistos de *Quercus pyrenaica* e *Quercus suber*. Nas linhas de água permanentes dominam *Alnus glutinosa* e *Fraxinus angustifolia* e nas linhas de água temporárias *Salix atrocinerea*. Os matos caracterizam-se por giestais de flor branca (*Cytisus multiflorus*) e estevais dominados por *Cistus ladanifer*.

A Zona culminal não apresenta formações arbóreas e dominam os giestais, urzais (*Erica australis*) e caldoneira (*Echinopartum ibericum*) com depressões mais húmidas com pastagens semi-naturais.

A informação da flora foi retirada do estudo "Parque Natural da Serra da Gardunha, Estudos Prévios - 1ª Fase", efectuado pela ADESGAR - Associação de Defesa e Desenvolvimento da Serra da Gardunha. O trabalho de campo decorreu nos anos 2004/2005.

Após o trabalho de campo, houve uma compilação dos dados obtidos e elaboração de mapas de distribuição, baseado na recolha dos elementos geográficos e nos dados de campo, bem como na atribuição de dados de presença e abundância (quando aplicável) num referencial quilométrico UTM 1x1 km, em alguns casos apenas se obteve dados geográficos no referencial UTM 10x10 Km (este último, no caso da fauna).

De acordo com este estudo, a flora da Gardunha alberga uma diversidade considerável dada a sua reduzida área geográfica e estima-se que compreenda 500 a 600 espécies de plantas vasculares. Apesar da proximidade com a Serra da Estrela a flora encerra elementos diversos que a tornam particular.

A flora alberga uma espécie estritamente exclusiva (endemismo) *Asphodelus bento-rainhae* P. Silva e outras com área restringida em Portugal à área da Gardunha e Estrela:

Gagea soleiroii F.W.Schultz

Sorbus latifolia (Lam.) Pers.

Sorbus torminalis (L.) Crantz

Ulmus glabra Huds.

Teucrium salviastrum Schreber

Espécies de flora com influência mediterrânica presentes na Gardunha:

Myrtus communis L.

Quercus lusitanica Lam.

Cistus ladanifer L.

Juniperus oxycedrus L.

Espécies de flora do Sistema Central Ibérico:

Echinospartum ibericum Rivas Mart., Sánchez Mata & Sancho

Euphorbia oxyphylla Boiss. in DC.

Digitalis thapsi L.

Leucanthemopsis flaveola (Hoffmanns. & Link) Heywood

Narcissus rupicola Dufour

Saxifraga fragasoi Sennen

Espécies de flora temperada Atlântico-eurosiberianas:

Luzula lactea (Link) E. Mey.

Melittis melissophyllum L.

Euphorbia hyberna L.

Ulmus glabra Huds.

Hypericum androseum L.

Ilex aquifolium L.

Osmunda regalis L.

Phyllitis scolopendrium (L.) Newman

Endemismos ibéricos:

Paradisea lusitanica (Cout.) Samp.

Sedum pruinaatum Brot.

V.3.2 Espécies ameaçadas na Serra da Gardunha

Para se estabelecer a categoria de ameaça IUCN a nível da serra da Gardunha, teve-se em conta as diferentes categorias de ameaça IUCN (versão 3.1, 2001).

Na serra da Gardunha 45% das espécies estão ameaçadas, incluindo as categorias CR – Criticamente em Perigo (15%), EN – Em Perigo (12%) e VU – Vulnerável (15%). Enquanto a categoria Não Ameaçada abarca 55% das espécies, sendo esta constituída pelas categorias NT – Quase Ameaçado (6%), LC – Pouco Preocupante, DD – Informação Insuficiente, NA – Não aplicável e NE – Não Avaliado. Na categoria Extinto (EX) ou Regionalmente Extinto (RE) encontram-se 4% das espécies.

Na categoria CR (Criticamente em Perigo) encontram-se 15 espécies, assim como, na categoria VU (Vulnerável), enquanto que na categoria EN (Em Perigo) se encontram 12 espécies, totalizando 42 espécies ameaçadas.

Isto traduz o elevado grau de biodiversidade que a Serra da Gardunha apresenta e o qual devemos preservar e gerir, de modo a garantir a perenidade e desenvolvimento destas espécies que se encontram ameaçadas, para que se consiga proteger o habitat onde elas se encontram. Em anexo, apresenta-se uma tabela na qual se resume o enquadramento das espécies de Flora analisadas em cada uma das categorias IUCN referidas anteriormente (Cf. anexo 1).

Seguidamente enumeram-se as espécies que se encontram na categoria CR (Criticamente em perigo) na Serra da Gardunha, assim como os respectivos mapas de distribuição.

V.3.3 Espécies criticamente em perigo na Serra da Gardunha

V.3.3.1 *Asphodelus bento-rainhae*, P. Silva

Abrótea; Abrótega; Gamão; Bengala-de-S. José

Sinonímia

Não existem referências

Descrição

Herbácea rizomatosa, com raízes carnudas apresentando dilatações fusiformes na maioria sésseis. Folhas com 15-40 x 0,3-1,2cm, dobradas ao meio ficando justapostas ou menos vezes planas, lineares, glaucas. Escapo (pedúnculo) com (70-) 90-130cm, simples ou a parte superior com 2-5 ramos ascendentes. Brácteas com 7-9mm de comprimento por 1-1,5mm de largura, finas, lineares, castanho-anegradas, não escamiformes na base. Pedicelos frutíferos articulados entre 1/4 e 1/3, menos vezes a 1/2. Segmentos do perianto com 10-14 mm, oblongo-lanceolados, esbranquiçados com nervura vermelho-acastanhada. Cápsulas com 5-7 mm, mitriformes, com rugas transversais na deiscência.

Ecologia

Habitat: Sub-bosque de carvalhais de *Quercus robur* e/ou *Quercus pyrenaica* e castiçais bem conservados, na vertente norte da Serra, mais ou menos abertos, numa faixa compreendida entre os 490 e 850 m de altitude, chegando à orla de bosque. Frequentemente, ocorre em taludes e "cômoros" de cerejais onde as práticas agrícolas associadas à cultura não incluem a utilização de herbicidas, ou nas orlas dos caminhos. Como a distribuição da espécie é limitada a habitats específicos, à medida que o habitat se torna mais fragmentado, a distribuição da espécie reduz-se a pequenos núcleos populacionais isolados. Estas populações ficam fragilizadas e com reduzida capacidade de resistência às alterações do habitat.

Distribuição e Demografia

Espécie endémica da Serra da Gardunha.

Vertente norte da Serra da Gardunha. A espécie encontra-se distribuída, segundo uma orientação este-oeste. No entanto concentra-se mais na zona ocidental, pois apresenta um clima mais húmido e moderado.

Ameaças

Alteração do uso do solo e destruição do habitat; Implementação de pomares e de explorações florestais intensivas de resinosas; Incremento das áreas de matos derivados da ocorrência de incêndios em explorações florestais; Fogos florestais de grande intensidade; Aplicação de

herbicidas; Expansão de espécies invasoras, nomeadamente *Acacia dealbata*; Expansão urbana (abertura de caminhos, estradas e aceiros); Construção de edifícios de apoio às explorações agrícolas e florestais; Construção de habitações fora dos perímetros urbanos; Recolha excessiva.

Medidas de gestão

Restrição total da implantação de explorações agrícolas e florestais intensivas; Condicionar o estabelecimento de explorações agrícolas em zonas de potencial habitat para a espécie; Restrição total da edificação fora dos perímetros urbanos em áreas de ocorrência da espécie; Limitar a abertura de caminhos, aceiros, estradas em áreas de ocorrência da espécie; Condicionar o alargamento das vias de comunicação já existentes em áreas de ocorrência da espécie; Limpeza selectiva de mato, no Inverno, em zonas de risco de incêndio elevado; Proteger os habitats potenciais, nomeadamente carvalhais, nas áreas de ocorrência potencial da espécie; Favorecer a transformação de matos e florestas de espécies exóticas acima dos 650m, em parcelas florestais de carvalhos autóctones estromes ou mistos com castinçais; Nos castinçais onde ocorre a espécie, favorecer o adensamento dos povoamentos de castanheiro de talhadia e manutenção desta tipologia produtiva; Encontrar locais alternativos para implantação de novos cerejais, que não se sobreponham a área de ocupação da espécie e potenciar a produtividade dos cerejais já instalados; Criar incentivos para os proprietários que optem pela conservação da espécie e do habitat na sua propriedade; Os taludes da actividade hortofrutícola deverão perpetuar mato e vegetação espontânea; Estabelecer mecanismos de certificação ambiental para a cereja; Substituir os fitofármacos utilizados nos cerejais com impacte negativo sobre a espécie, por outros não nocivos; Perspectivar novas áreas com habitat potencial à ocorrência da espécie, para eventual translocação a longo prazo; Estabelecer plano de reforço populacional para os núcleos mais isolados a leste da área de distribuição; Estabelecer corredores ecológicos entre os diferentes aglomerados da espécie.

Espécie protegida:

Decreto-Lei nº 140/99, de 24 de Abril – Anexos B-II, b) e B-IV, b) – espécie prioritária.

Decreto-Lei nº 316/89, de 22 de Setembro – Anexo I.

Directiva 92/43/CEE (Directiva habitats) – Anexos II, b) e IV, b) – espécie prioritária.

Convenção de Berna (Convenção Relativa à Conservação da Vida Selvagem e do Meio Natural da Europa, 1979) – Anexo I.

Interesse económico/etnobotânico

As partes utilizadas da planta são os rizomas que podem ser recolhidos durante todo o ano. Utiliza-se no tratamento de eczemas, feridas, cravos, icterícia e eliminação de gases. Também pode ser utilizado no tratamento de hemorróidas e dermatites.

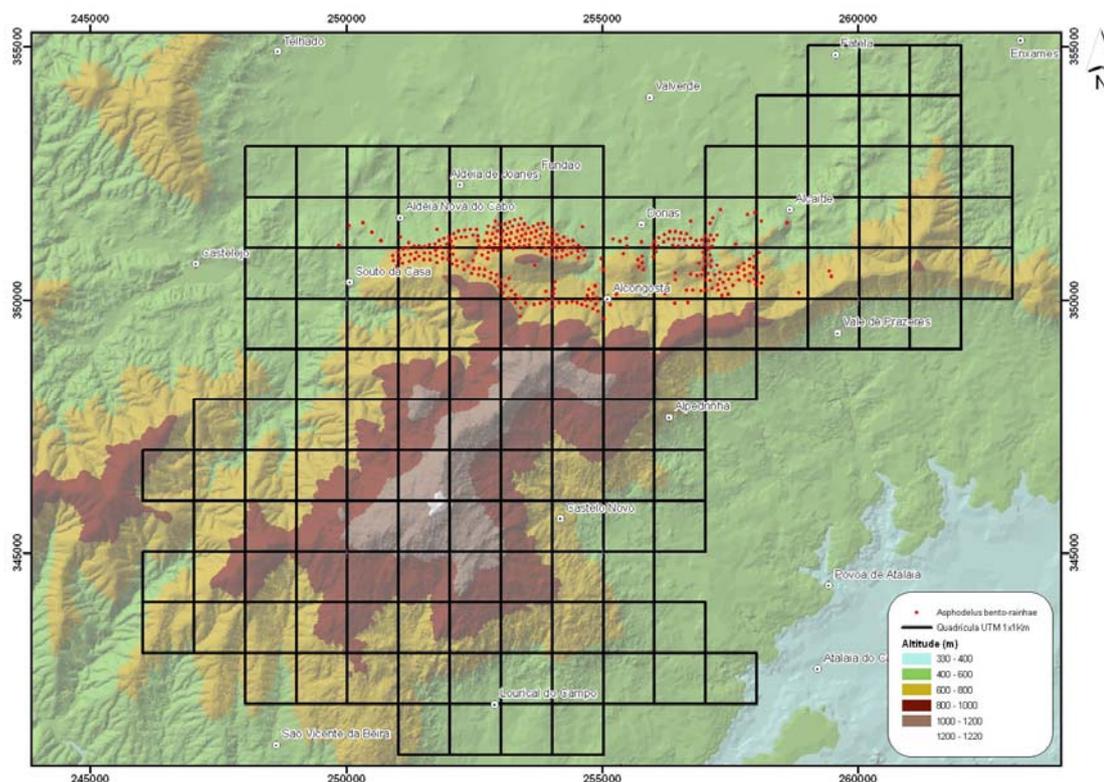


Figura 17 – Mapa de distribuição de *Asphodelus bento-rainhae*, (Fonte: ICNB)

V.3.3.2 *Barbarea vulgaris* R. Br. In W.T. Aiton

Habita em locais húmidos ou inundados, nas orlas de bosque e de caminhos.

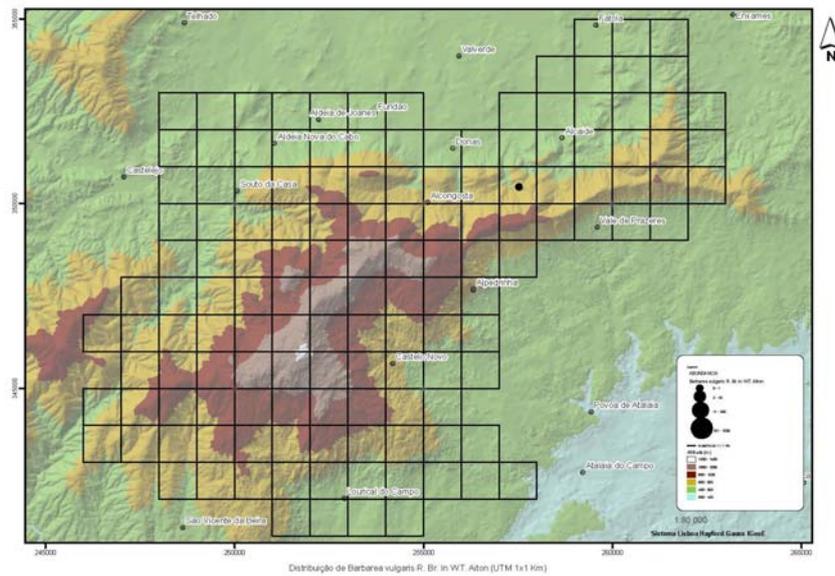


Figura 18 – Mapa de distribuição de *Barbarea vulgaris R. Br.* In W.T. Aiton.

V.3.3.3 *Equisetum telmateia* Ehrh.

Habita sítios húmidos e margens de cursos de água. Esta espécie possui também propriedades medicinais.

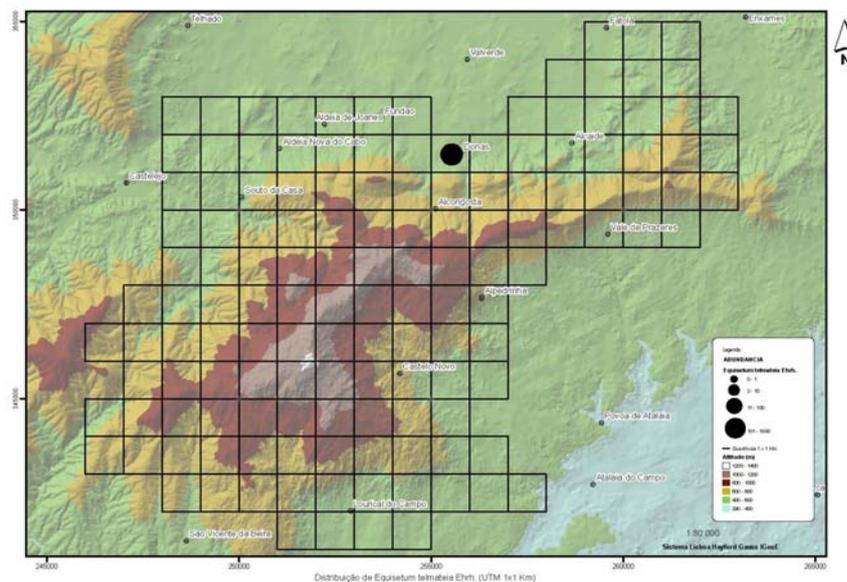


Figura 19 – Mapa de distribuição de *Equisetum telmateia* Ehrh.

V.3.3.4 *Hypericum androsaemum* L.

Arbusto baixo não ultrapassando 1.2 m. Habita lugares sombios e frescos, margens de pequenos cursos de água e bosques. Utilizada na medicina tradicional em infusões anti-depressivas, entre muitas outras utilizações.

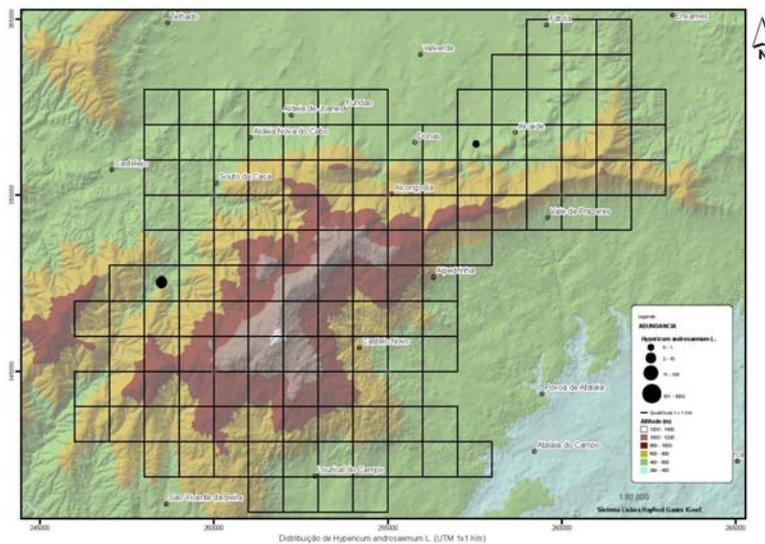


Figura 20 – Mapa de distribuição de *Hypericum androsaemum* L.

V.3.3.5 *Isoetes histrix* Bory

Espécie presente na Região Mediterrânica e Oeste da Europa, cujo habitat são sítios arenosos e húmidos, no Inverno.

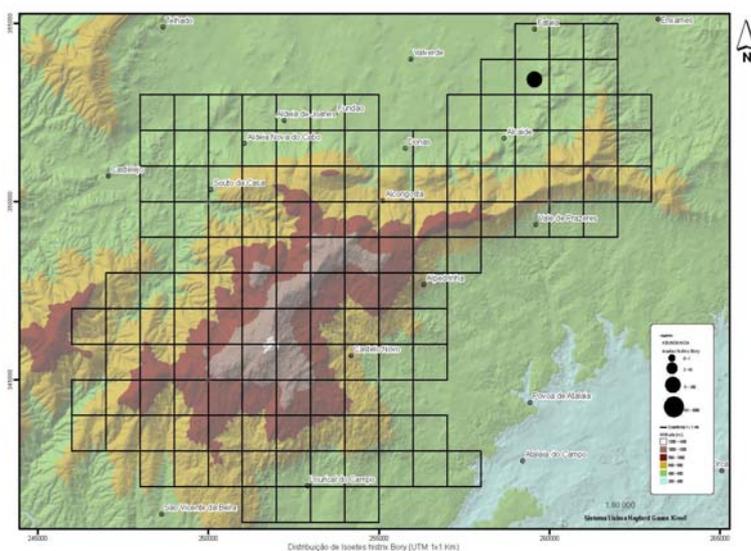


Figura 21- Mapa de distribuição de *Isoetes histrix* Bory.

V.3.3.6 *Juniperus oxycedrus* L.

Pequena árvore que habita nas encostas secas e bosques caducifólios. Presente na Península Ibérica e Norte de África. Em Portugal, ainda que se apresente cada vez mais raro em determinados locais, é frequente no nordeste, centro norte e centro leste do país.

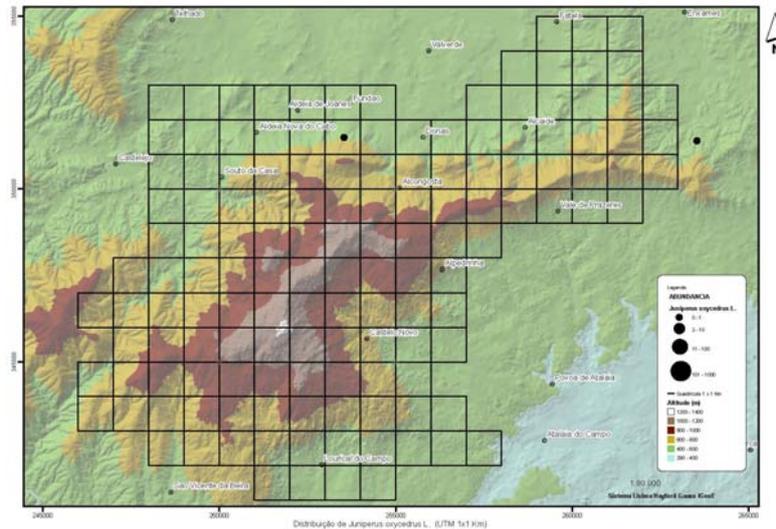


Figura 22 – Mapa de distribuição de *Juniperus oxycedrus* L.

V.3.3.7 *Paradisea lusitanica* (Coutinho) Samp.

Endemismo da Península Ibérica, habita lameiros encharcados, bosques e prados, assim como margens de cursos de água (locais húmidos). É utilizada como espécie ornamental.

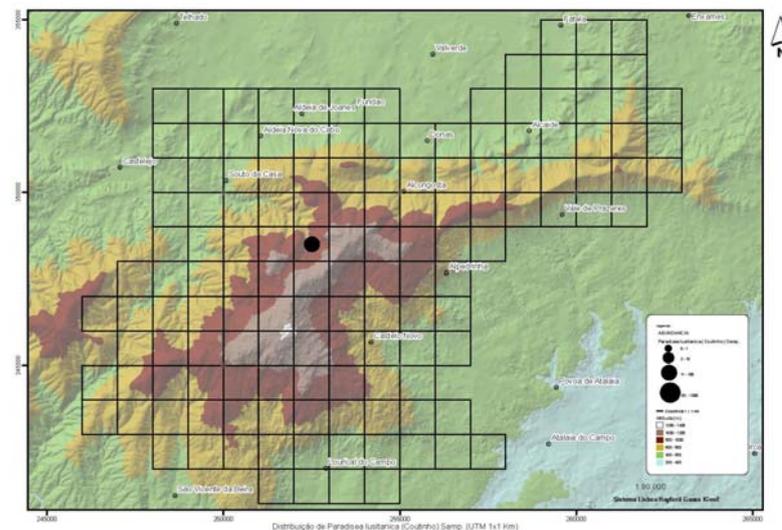


Figura 23 – Mapa de distribuição de *Paradisea lusitanica* (Coutinho) Samp.

V.3.3.8 *Phyllitis scolopendrium* (L.) Newman subsp. *scolopendrium*

Habita matas, muros ou rochedos sombrios e húmidos. Esta é utilizada como planta ornamental, mas possui também propriedades medicinais.

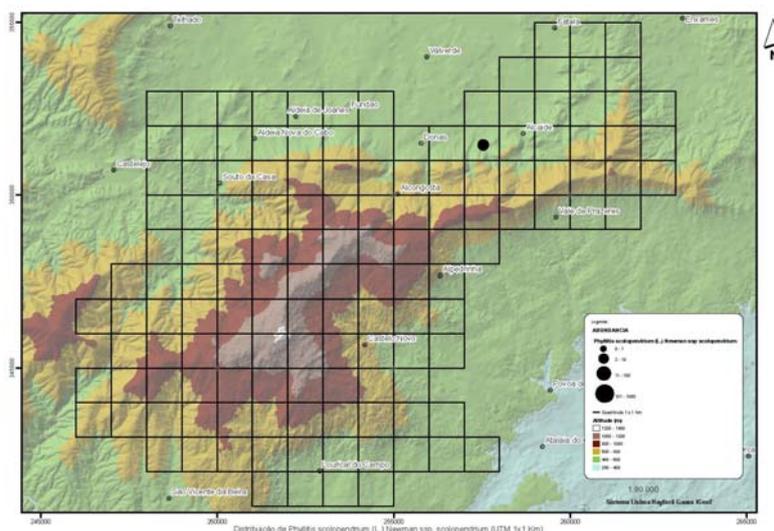


Figura 24 – Mapa de distribuição de *Phyllitis scolopendrium* (L.) Newman subsp. *Scolopendrium*.

V.3.3.9 *Plantago subulata* subsp. *radicata*

Espécie rupícola presente no centro e sul da Europa e Região Mediterrânica.

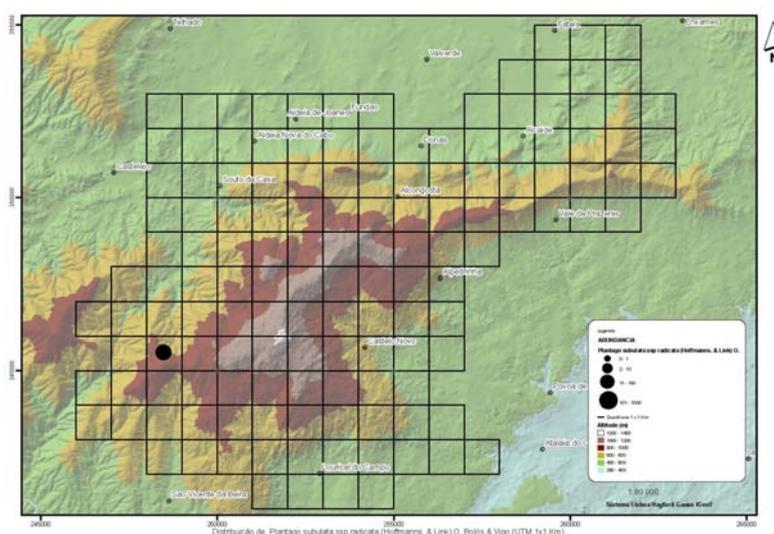


Figura 25 – Mapa de distribuição de *Plantago subulata* subsp. *radicata*.

V.3.3.10 *Quercus lusitanica* Lam.

Presente na Península Ibérica. Habita terrenos secos, pedregosos, ácidos, muitas vezes em mosaico com matos de Ericáceas.

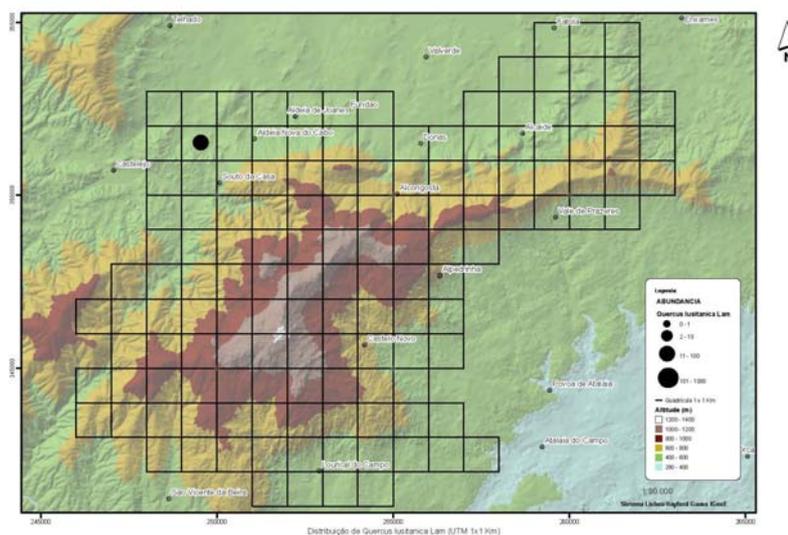


Figura 26 – Mapa de distribuição de *Quercus lusitanica* Lam.

V.3.3.11 *Schistostega pennata* (Hedw.) Web. & Mohr

Musgo-luminoso que habita paredes de grutas e minas, particularmente em zonas de substrato granítico. Este briófito forma grandes tapetes verde-azulados em locais escuros, abrangendo as superfícies mais suaves das rochas e paredes procurando maior humidade. É uma espécie calcífuga e acidófila.

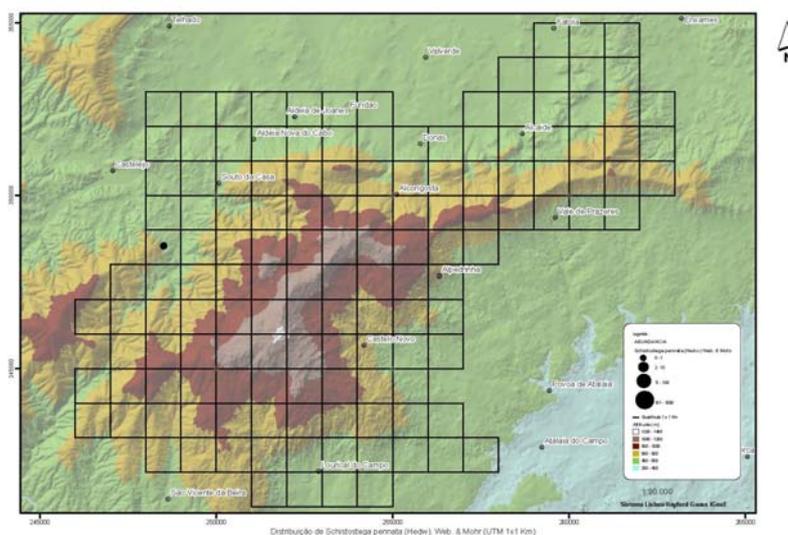


Figura 27 – Mapa de distribuição de *Schistostega pennata* (Hedw.) Web. & Mohr

V.3.3.12 *Sedum arenarium* Brot.

Espécie rupícola e que habita também terrenos incultos, presente na Península Ibérica.

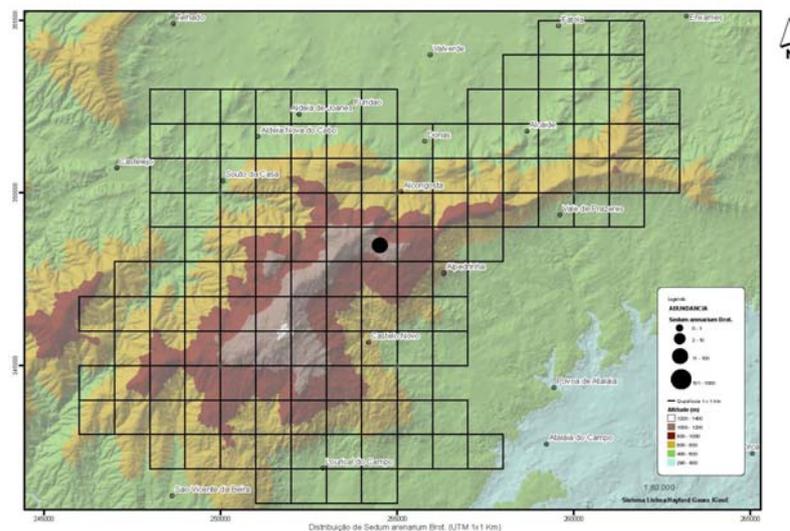


Figura 28 – Mapa de distribuição de *Sedum arenarium* Brot.

V.3.3.13 *Sorbus torminalis* (L.) Crantz

Árvore caducifólia que pode alcançar 25 m de altura, que habita bosques caducifólicos e perto de linhas de água, prefere locais frescos, sendo mesmo indiferente ao pH. O fruto tem propriedades medicinais e a sua madeira é utilizada no fabrico de peças em instrumentos musicais, entre outros.

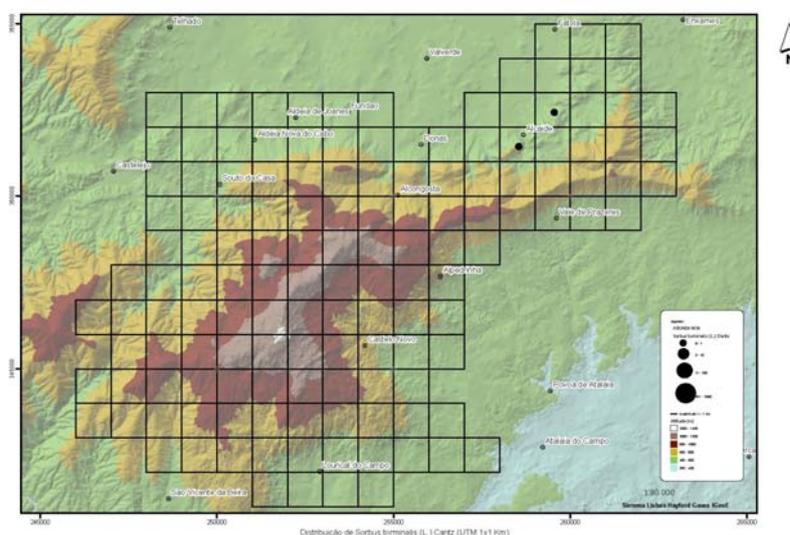


Figura 29 – Mapa de distribuição de *Sorbus torminalis* (L.) Crantz.

V.3.3.14 *Teucrium salviastrum* Schreber

Espécie rupícola, habita matos xerofílicos, geralmente acima dos 1000m. Endemismo de Portugal Continental.

V.3.3.15 *Tulipa sylvestris* L.

Espécie utilizada como ornamental, que habita prados, locais rochosos e plantações herbáceas, ocasionalmente ocorre em matas pouco densas.

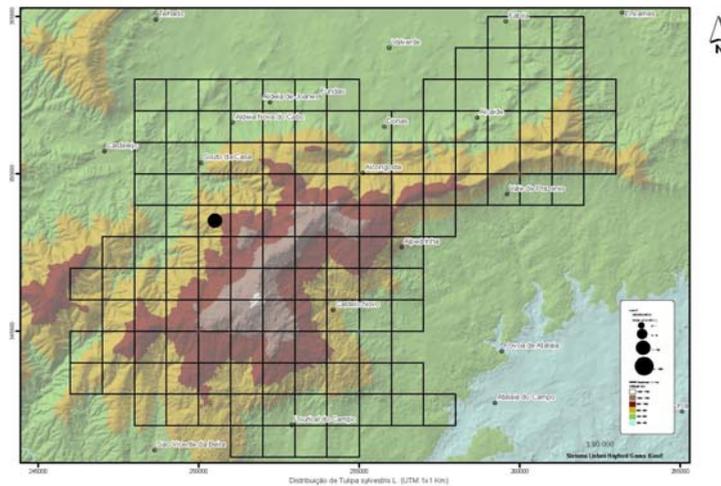


Figura 30 – Mapa de distribuição de *Tulipa sylvestris* L.

V.3.4 Habitats

No Sítio Serra da Gardunha estão presentes diversos habitats naturais e semi-naturais constantes do Anexo B-I do Dec. Lei n.º 49/2005, entre eles:

4030 Charnecas secas europeias

4090 Charnecas oromediterrânicas endémicas com giestas espinhosas

6310 Montados de *Quercus spp.* de folha perene

91B0 Freixiais termófilos de *Fraxinus angustifolia*

91E0 Florestas aluviais de *Alnus glutinosa* e *Fraxinus excelsior* (*Alno-Padion*, *Alnion incanae*, *Salicion albae*)

9230 Carvalhais galaico-portugueses de *Quercus robur* e *Quercus pyrenaica*

9260 Florestas de *Castanea sativa*

9330 Florestas de *Quercus suber*

V.3.5 Principais ameaças à Flora da Serra da Gardunha

As principais ameaças à flora da Serra da Gardunha são:

- Implantação de pomares (sobretudo de cerejeira);
- Implantação de explorações florestais intensivas de resinosas (*Pinus pinaster*, entre outros);
- Incêndios florestais;
- Expansão de espécies invasoras como *Acacia dealbata*;
- Expansão urbana (abertura ou alargamento de caminhos, estradas e aceiros);
- Lixeiras e depósitos de entulho e sucatas ilegais;
- Pastoreio;
- Aplicação de pesticidas ou outros produtos químicos no solo;
- Construção de edifícios de apoio às explorações agrícolas e florestais;
- Construção de habitações fora dos perímetros urbanos;
- Recolha excessiva.

V.4 FAUNA

Os dados relativos à fauna advieram do trabalho "Parque Natural Serra da Gardunha, Estudos Prévios - 1ª Fase", neste compilaram-se as espécies de fauna existentes na Serra da Gardunha, e também o seu grau de ameaça.

Para cada espécie observada, foi tido em conta o seu estatuto de conservação, definido pelas categorias IUCN do Livro Vermelho dos Vertebrados de Portugal, bem como as legislações aplicadas às espécies de fauna em vigor, nomeadamente, as Convenções de Berna, CITES, de Bona e as Directivas Comunitárias "Aves" 79/409/CEE de 2 de Abril de 1979 e "Habitats" 92/43/CEE de 21 de Maio de 1992, estas directivas foram transpostas para direito nacional no Decreto-lei nº 140/99 de 24 de Abril.

Observaram-se inúmeras espécies de todas as classes, desde invertebrados a mamíferos. Porém, apenas foram estudadas as principais classes com maior relevância, nomeadamente da Herpetofauna (anfíbios e répteis), das Aves e dos Mamíferos.

V.4.1 Anfíbios

A Serra da Gardunha possui habitats muito favoráveis para anfíbios, nomeadamente, linhas de água, turfeiras, charcos, florestas de folhas caducifólias, áreas de pastoreio, prados húmidos, entre outros. Estes habitats possuem uma boa cobertura vegetal e encontram-se relativamente bem conservados, mais ou menos ausentes de poluição.

Até agora foram recenseadas 13 espécies de anfíbios, das quais duas são endémicas da Península Ibérica, *Chioglossa lusitanica*, espécie protegida pela Directiva Habitats e *Rana iberica*.

Existem duas espécies de relas na Gardunha, *Hyla arborea* e *Hyla meridionalis*, anuros de pequeno tamanho, podendo facilmente hibridar quando coexistem.

Durante as várias prospecções de campo nocturnas, observaram-se algumas espécies de sapos, como *Bufo bufo*, *Bufo calamita* e *Alytes obstetricans*.

No que diz respeito a rãs, foram observadas três espécies, *Rana iberica*, *Discoglossus galganoi* e a espécie mais abundante, *Rana perezi*. A espécie *Rana iberica* é endémica do noroeste da Península Ibérica, típica de zonas montanhosas e muito associada a cursos de água com abundante vegetação ripícola e prados húmidos.

Entre as salamandras, encontram-se as espécies *Chioglossa lusitanica*, *Pleurodeles waltl* e *Salamandra salamandra*. A espécie *Chioglossa lusitanica* tem uma característica bastante comum nos lagartos e rara nos urodelos, possui como mecanismo de defesa a autotomia da cauda, isto é, quando ameaçada liberta a cauda que continua a mexer-se no intuito de distrair o predador enquanto foge, depois a cauda regenera-se.

Dentro dos tritões, observaram-se *Triturus boscai* e *Triturus marmoratus*.

V.4.1.1 *Salamandra salamandra*

Espécies como *Salamandra salamandra*, *Triturus boscai*, *Triturus marmoratus*, *Alytes obstetricans*, *Rana iberica* e *Rana perezi*, foram observadas numa grande área da Serra da Gardunha, enquanto que espécies como *Pleurodeles waltl*, *Discoglossus galganoi*, *Hyla arborea*, *Hyla meridionalis* e *Bufo bufo*, foram observados numa área mais restrita da Serra.

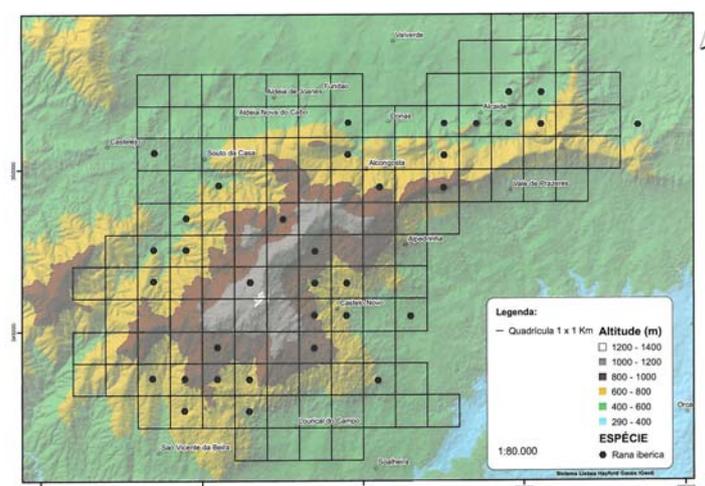


Figura 31 – Mapa de distribuição de *Rana iberica*

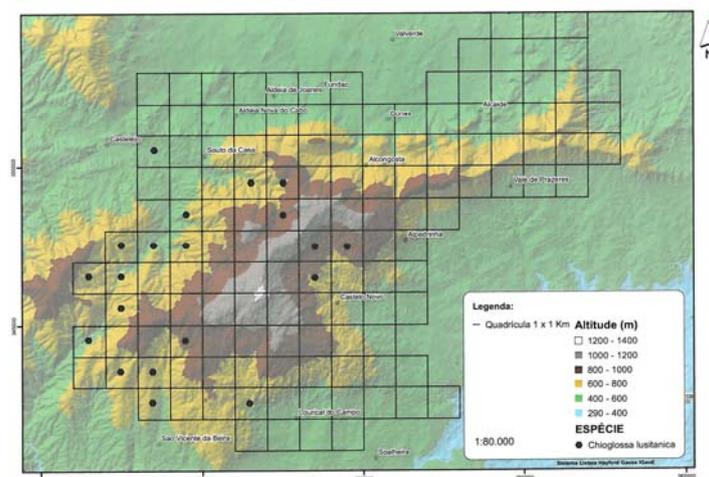


Figura 32 – Mapa de distribuição de *Chioglossa lusitanica*

V.4.2 Répteis

A Serra da Gardunha na sua vertente sul encerra afloramentos rochosos com uma grande diversidade de matos, enquanto que na vertente norte dominam florestas de Carvalhos e Castanheiros, fornecendo assim habitats propícios para a presença de répteis. Para algumas destas espécies, a água é imprescindível quer para perdurar quer para se reproduzir.

Recensearam-se 12 espécies de répteis dos quais *Lacerta schreiberi* que consta na Directiva Habitats e é um endemismo ibérico.

Da família Emydidae, observou-se a espécie *Mauremys leprosa* (cágado-mediterrâneo).

Na Serra da Gardunha existem três espécies de lagartos, *Anguis fragilis* que é desprovido de membros e possui aspecto de cobra, *Lacerta lepida* o maior lagarto da Península Ibérica, podendo alcançar os 26 cm de comprimento e é presa de numerosas aves de rapina e *Lacerta schreiberi*. Este último, tem como particularidade, a capacidade do macho adquirir uma coloração intensa azul muito característica na garganta e nos flancos da cabeça, apenas durante a época de reprodução, enquanto que no resto do ano é esbranquiçada.

Foram também observadas duas espécies de lagartixas, *Podarcis hispanica* e *Psammadromus algirus*.

No que diz respeito às cobras, existem quatro espécies, *Elaphe scalaris*, *Malpolon monspessulanus*, *Natrix natrix* e *Natrix maura*. Estas duas últimas cobras vivem

essencialmente em biótopos aquáticos. A espécie *Malpolon monspessulanus* é o maior ofídio presente na Península Ibérica, geralmente não superam os 2 m de comprimento total e possuem dentes inoculadores de veneno na parte posterior da mandíbula superior, paralisando assim as suas presas, não sendo a sua mordedura perigosa para o homem.

Vipera latasti é a única espécie de víbora que se pode encontrar nos pontos mais altos da Serra da Gardunha, segundo dizeres populares. É uma cobra solenóglifa, possuindo dentes inoculadores de veneno na parte anterior da mandíbula superior. Produz um veneno com características proteolíticas, podendo ser potencialmente perigosa para o homem.

Tabela 1 – Lista de espécies de répteis presentes na Serra da Gardunha.

Nome Científico	Nome Comum	Categoria IUCN Nacional	Categoria IUCN Serra da Gardunha
<i>Mauremys leprosa</i>	Cágado-mediterrânico	LC	DD
<i>Blanus cinereus</i>	Cobra-cega	LC	NE
<i>Anguis fragilis</i>	Cobra-de-vidro	LC	DD
<i>Lacerta lepida</i>	Sardão	LC	LC
<i>Lacerta schreiberi</i>	Lagarto-de-água	LC	VU
<i>Podarcis hispanica</i>	Lagartixa-ibérica	LC	LC
<i>Psammodromus algirus</i>	Lagartixa-do-mato	LC	LC
<i>Psammodromus hispanicus</i>	Lagartixa-do-mato-ibérica	LC	NE
<i>Elaphe scalaris</i>	Cobra-de-escada	LC	DD
<i>Malpolon monspessulanus</i>	Cobra-rateira	LC	DD
<i>Macroprotodon cucullatus</i>	Cobra-de-capuz	LC	NE
<i>Natrix maura</i>	Cobra-de-água-viperina	LC	DD
<i>Natrix natrix</i>	Cobra-de-água-de-colar	LC	NE
<i>Coronella girondica</i>	Cobra-lisa-meridional	LC	DD

<i>Vipera latasti</i>	Víbora-cornuda	VU	NE
<p>Legenda: EX - Extinto; EW - Extinto na Natureza; CR - Criticamente em Perigo; EN - Em Perigo; VU - Vulnerável; NT - Quase Ameaçado; LC - Pouco Preocupante; DD - Informação Insuficiente; NE - Não Avaliado.</p>			

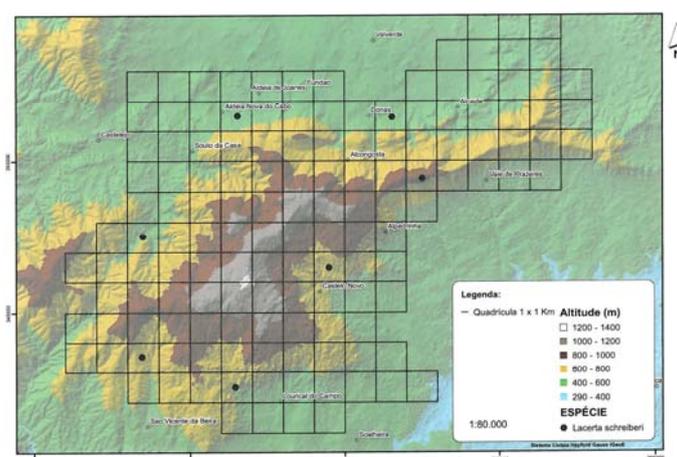


Figura 33 - Mapa de distribuição de *Lacerta schreiberi*

V.4.3 Avifauna

De todas as classes, esta é sem dúvida a mais representativa da Serra da Gardunha, com mais de 80 espécies de aves recenseadas. Devido à topografia da Serra da Gardunha, encontram-se numerosas aves de rapina, tanto diurnas como noturnas. Nas espécies diurnas podemos observar duas aves protegidas pela Directiva Aves 79/409/CEE do Anexo I, *Hieraaetus pennatus* e *Circus pygargus*, verificando-se também a presença de *Buteo buteo* bem como de *Milvus migrans*, entre outras. Durante as prospecções noturnas, foram observadas as espécies *Otus scops*, *Athene noctua* e *Caprimulgus europaeus*.

A Avifauna é representada maioritariamente pelos passeriformes, dos quais alguns são muito comuns e conhecidos, quer pelo seu canto, quer pela sua fisionomia. A encosta de Castelo Novo, bastante acidentada e com escarpas elevadas, é o local de predilecção para espécies como *Corvus corax*, enquanto que no mosaico de matos constituídos por urze, giestas, etc., podem-se encontrar espécies como *Saxicola torquata*, *Emberiza cia* e espécies cinegéticas como

Alectoris rufa. É comum observar, nas planícies, numerosos indivíduos da espécie *Ciconia ciconia*, que edificam seus ninhos no cume de árvores, *Ardea cinerea* à procura de alimento junto a uma ribeira, junto aos bosques *Parus major*, *Parus caeruleus*, *Aegithalos caudatus*, *Erithacus rubecula*, *Sylvia atricapilla* e *Sylvia cantillans*.

Tabela 2 – Espécies de Avifauna presentes na Serra da Gardunha.

Nome Científico	Nome Comum	Categoria IUCN Nacional	Categoria IUCN Serra da Gardunha
<i>Ardea cinerea</i>	Garça-real	LC	DD
<i>Ciconia ciconia</i>	Cegonha-branca	LC	DD
<i>Hieraaetus pennatus</i>	Águia-calçada	VU	LC
<i>Milvus migrans</i>	Milhafre-preto-	LC	DD
<i>Circus pygargus</i>	Tartaranhão-caçador	EN	DD
<i>Buteo buteo</i>	Águia-de-asa-redonda	LC	LC
<i>Alectoris rufa</i>	Perdiz-comum	LC	LC
<i>Gallinula chloropus</i>	Galinha-d'água	LC	DD
<i>Gallinago gallinago</i>	Narceja-comum	LC	DD
<i>Cuculus canorus</i>	Cuco-canoro	LC	DD
<i>Athene noctua</i>	Mocho-galego	LC	DD
<i>Otus scops</i>	Mocho-d'orelhas	DD	DD
<i>Caprimulgus europaeus</i>	Noitibó-cinzento	VU	DD
<i>Upupa epops</i>	Poupa	LC	DD
<i>Merops apiaster</i>	Abelharuco	LC	DD
<i>Calandrella brachydactyla</i>	Calhandrina	LC	DD
<i>Troglodytes troglodytes</i>	Carriça	LC	LC
<i>Cinclus cinclus</i>	Melro-de-água	LC	DD
<i>Erithacus rubecula</i>	Pisco-de-peito-ruivo	LC	LC

<i>Saxicola torquata</i>	Cartaxo-comum	LC	LC
<i>Turdus merula</i>	Melro-preto	LC	LC
<i>Sylvia atricapilla</i>	Toutinegra-de-barrete-preto	LC	DD
<i>Sylvia cantillans</i>	Toutinegra-carrasqueira	LC	DD
<i>Parus major</i>	Chapim-real	LC	LC
<i>Parus caeruleus</i>	Chapim-azul	LC	LC
<i>Aegithalos caudatus</i>	Chapim-rabilongo	LC	DD
<i>Garrulus glandarius</i>	Gaio-comum	LC	DD
<i>Corvus corone</i>	Gralha-preta	LC	DD
<i>Corvus corax</i>	Corvo	NT	DD
<i>Oriolus oriolus</i>	Papa-figos	LC	DD
<i>Fringilla coelebs</i>	Tentilhão-comum	LC	DD
<i>Serinus serinus</i>	Chamariz	LC	LC
<i>Emberiza cia</i>	Cia	LC	DD
<i>Circaetus gallicus</i>	Águia-cobreira	VU	NE
<i>Elanus caeruleus</i>	Penereiro-cinzento	VU	NE
<i>Pernis apivorus</i>	Falcão-abelheiro	VU	NE
<i>Accipiter nisus</i>	Gavião da Europa	LC	NE
<i>Falco tinnunculus</i>	Penereiro-vulgar	LC	NE
<i>Charadrius dubius</i>	Borrelho-pequeno-de-coleira	LC	NE
<i>Actitis hypoleucos</i>	Maçarico-das-rochas	VU	NE
<i>Columba palumbus</i>	Pombo-torcaz	LC	DD
<i>Streptopelia turtur</i>	Rola-brava	LC	DD
<i>Clamator glandarius</i>	Cuco-rabilongo	EN	NE
<i>Caprimulgus ruficollis</i>	Noitibó-de-nuca-vermelha	VU	NE
<i>Apus apus</i>	Andorinhão-preto	LC	DD
<i>Apus pallidus</i>	Andorinhão-pálido	LC	NE
<i>Alcedo atthis</i>	Guarda-rios	LC	NE
<i>Picus viridis</i>	Peto-verde / real	LC	DD

<i>Dendrocopos major</i>	Pica-pau-malhado-grande	LC	DD
<i>Galerida cristata</i>	Cotovia-de-poupa	LC	NE
<i>Lullula arborea</i>	Cotovia-dos-bosques	LC	NE
<i>Hirundo rustica</i>	Andorinha-das-chaminés	LC	DD
<i>Hirundo daurica</i>	Andorinha-dáurica	LC	NE
<i>Delichon urbica</i>	Andorinha-dos-beirais	LC	DD
<i>Motacilla alba</i>	Alvéola-branca	LC	DD
<i>Motacilla cinerea</i>	Alvéola-cinzenta	LC	DD
<i>Prunella modularis</i>	Ferreirinha	LC	DD
<i>Luscinia megarhynchos</i>	Rouxinol	LC	NE
<i>Phoenicurus ochruros</i>	Rabirruivo-preto	LC	DD
<i>Oenanthe hispanica</i>	Chasco-ruivo	VU	NE
<i>Cettia cetti</i>	Rouxinol-bravo	LC	NE
<i>Hippolais polyglotta</i>	Felosa-polyglotta	LC	DD
<i>Sylvia undata</i>	Toutinegra-do-mato	LC	NE
<i>Sylvia melanocephala</i>	Toutinegra-de-cabeça-preta	LC	NE
<i>Sylvia communis</i>	Papa-amoras-comum	LC	NE
<i>Phylloscopus bonelli</i>	Felosa-de-papo-branco	LC	NE
<i>Phylloscopus collybita</i>	Felosinha / Felosa-comum	LC	NE
<i>Regulus ignicapillus</i>	Estrelinha-real	LC	NE
<i>Parus cristatus</i>	Chapim-de-poupa	LC	NE
<i>Parus ater</i>	Chapim-carvoeiro	LC	NE
<i>Pica pica</i>	Pega-rabuda	LC	NE
<i>Sturnus unicolor</i>	Estorninho-preto	LC	NE
<i>Passer domesticus</i>	Pardal	LC	DD
<i>Passer montanus</i>	Pardal-montês	LC	NE
<i>Carduelis chloris</i>	Verdilhão	LC	DD
<i>Carduelis carduelis</i>	Pintassilgo	LC	DD

<i>Carduelis cannabina</i>	Pintarroxo	LC	NE
<i>Miliaria calandra</i>	Trigueirão	LC	LC
<i>Emberiza cirius</i>	Escrevedeira-de-garganta-preta	LC	LC
<i>Emberiza hortulana</i>	Sombria	DD	DD
<p>Legenda: EX - Extinto; EW - Extinto na Natureza; CR - Criticamente em Perigo; EN - Em Perigo; VU - Vulnerável; NT - Quase Ameaçado; LC - Pouco Preocupante; DD - Informação Insuficiente; NE - Não Avaliado.</p>			

V.4.4 Mamíferos

Foram recenseadas até à data, apenas 12 espécies de mamíferos. A maior parte, foram observadas durante as faroladas ou à beira da estrada atropelados, pôde-se deduzir a presença de algumas espécies devido aos vestígios ou pegadas deixadas. A espécie mais pequena observada é *Erinaceus europaeus* e *Sciurus vulgaris* que roí pinhas e bolotas. Ocasionalmente, observou-se *Mustela nivalis*, *Genetta genetta* e *Meles meles*.

As espécies de mamíferos mais frequentes na Serra da Gardunha são *Oryctolagus cuniculus*, *Vulpes vulpes* e *Sus scrofa*. A espécie *Capreolus capreolus* também está presente na Serra da Gardunha, embora fosse introduzido há uns anos atrás.

Tabela 3 - Espécies de Mamíferos presentes na Serra da Gardunha.

Nome Científico	Nome Comum	Categoria IUCN Nacional	Categoria IUCN Serra da Gardunha
<i>Erinaceus europaeus</i>	Ouriço-cacheiro	LC	NE
<i>Talpa occidentalis</i>	Toupeira	LC	DD
<i>Oryctolagus cuniculus</i>	Coelho-bravo	NT	LC
<i>Sciurus vulgaris</i>	Esquilo	LC	DD
<i>Sus scrofa</i>	Javali	LC	LC

<i>Capreolus capreolus</i>	Corço	LC	DD
<i>Herpestes ichneumon</i>	Saca-rabos	LC	DD
<i>Genetta genetta</i>	Geneta	LC	DD
<i>Lutra lutra</i>	Lontra	LC	DD
<i>Meles meles</i>	Texugo	LC	DD
<i>Mustela nivalis</i>	Doninha	LC	DD
<i>Vulpes vulpes</i>	Raposa	LC	LC

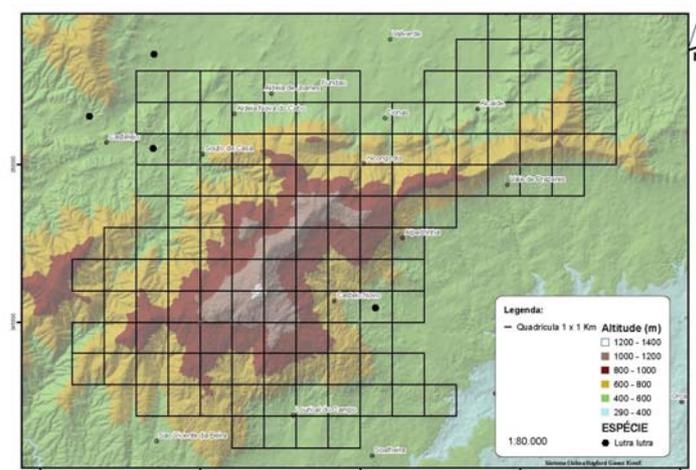


Figura 34 – Mapa de distribuição de *Lutra lutra*.

Em conclusão, na Serra da Gardunha apenas duas espécies de fauna são consideradas ameaçadas com a respectiva categoria VU, a espécie de anfíbio *Chioglossa lusitanica* (salamandra-lusitânica) e a espécie de réptil *Lacerta schreiberi* (lagarto-de-água) e uma que o pode vir a ser, possuindo a categoria de “quase ameaçada” NT, *Rana iberica* (rã-ibérica). Pelo que, deve-se ter em consideração a preservação e a conservação dos habitats destas espécies, nomeadamente os recursos hídricos que lhes são essenciais e limitar ao máximo todos os factores que poderão influenciar a alteração desses mesmos recursos, como a poluição, o uso de agro-químicos, as lixeiras, os fogos, etc.

Contudo, não devemos descurar o facto que embora a maioria das espécies não sejam ameaçadas, deve-se proteger e preservar os habitats onde vivem, para mais tarde não ter de as contabilizar como raras, vulneráveis ou em perigo de extinção.

VI CARACTERIZAÇÃO SOCIOECONÓMICA E CULTURAL DAS FREGUESIAS DA SERRA DA GARDUNHA

VI.1 FREGUESIA DE LOURIÇAL DO CAMPO

VI.1.1 Síntese Histórica

Região habitada desde o domínio romano como provam sinais ainda existentes "sepulturas, tijoleiras, etc.". Esta antiga freguesia era um curato da apresentação do vigário da antiga vila de S. Vicente da Beira, a cujo concelho pertenceu até 07.09.1895 data da sua extinção. Em 1757 tinha 147 fogos. Foi célebre nesta freguesia o Colégio de S. Fiel fundado por Frei Agostinho da Anunciação. Perto de S. Fiel ainda encontramos dois blocos de granito de grande dimensão conhecidos pelos nomes de "Pedras Sobrepostas" e "Cabeço do Frade".

Em 1960 tinha 1608 habitantes para 494 fogos.

Louriçal do Campo é uma freguesia do concelho de Castelo Branco e situa-se na vertente Sul da Serra da Gardunha.

Ocupa uma área de 22.07 km², 805 habitantes residentes (censos 2001) e uma densidade de 36.5 hab/km².

VI.1.2 Caracterização Social e Demográfica

VI.1.2.1 População Residente

De acordo com os censos de 2001 (INE), a freguesia de Louriçal do Campo possuía 805 habitantes. Segundo estimativa realizada em Setembro de 2007 pela ADRACES – Associação para o Desenvolvimento da Raia Centro – Sul, previa-se um decréscimo populacional na ordem dos 175 indivíduos.

Em relação aos indicadores: índice de envelhecimento, proporção de idosos e proporção de jovens na freguesia de Louriçal, encontram-se patente na Tabela 4.

Tabela 4 – Índices Resumo da População Residente na Freguesia de Louriçal do Campo relativamente ao Envelhecimento, Proporção de Idosos e Jovens (2001) Fonte – INE.

Indicadores	%
Índice de Envelhecimento	376.7
Proporção de Idosos	35.4
Proporção de Jovens	12.8

VI.1.2.2 Actividade e Emprego

A população em idade activa residente em Louriçal do Campo, equivale a um total de 180 indivíduos e, a principal actividade exercida por esta é a Agricultura e a Indústria.

Tabela 5 – Taxa de Actividade da População em idade Activa; Proporção dos empregados por conta de outrem; Empregados no sector terciário; Reformados e Desempregados (2001).

Indicadores	Total	Homens	Mulheres
Taxa de Actividade da População em idade Activa	30.8%	41.5%	20.7%
Proporção dos empregados por conta de outrem	81%		
Proporção de empregados no sector terciário	45.6%		
Proporção dos Reformados	36.8%		
Desempregados	17		

VI.1.2.3 Apoio Social e Educação

Ao nível do apoio à população mais idosa, a freguesia dispõe de Centro de Dia e Apoio Domiciliário.

No que respeita aos cuidados de saúde, esta população usufrui, duas vezes por semana de cuidados médicos.

No ano lectivo de 2007/2008, 6 crianças frequentavam o ensino pré-primário e, 18 o 1º ciclo. Porém, os níveis de ensino do 2º/ 3º Ciclo e Secundário são ministrados, no primeiro caso, em São Vicente da Beira e, no segundo, em Alcains, fazendo com que os alunos se desloquem para estas localidades.

VI.2 FREGUESIA DE S. VICENTE DA BEIRA

VI.2.1 Síntese Histórica

A vila de São Vicente da Beira foi fundada por Dom Afonso Henriques em 1173, no âmbito da sua cruzada contra os Árabes, na Península Ibérica. As suas origens perdem-se na Idade do Bronze – cerca de 4.000 a.C. – havendo muitos vestígios dessa época. Constituiu concelho independente e detinha uma área de certo relevo económico e político, que incluía algumas das actuais freguesias do concelho. Apenas com uma reorganização administrativa do País, em 1895 (a chamada reforma centralizadora de João Franco), o concelho foi extinto, depois de sete séculos de independência administrativa e política.

A povoação recebeu o Foral em 1195. Este Foral fez de S. Vicente da Beira um dos grandes concelhos portugueses da Idade Média.

Já durante a segunda metade do século XIX, a vila entrou num declínio considerado irreversível. Em 1871, perdeu as freguesias do Freixial e Póvoa, e em 1877 Sobral do Campo e Tinalhas. Com a regressão demográfica e a abolição dos morgadios, foi impossível manter a independência do concelho, que em 1895 foi extinto.

A vila de S. Vicente da Beira situa-se no sopé da Serra da Gardunha a uma altitude de 700 metros. Dispõe de uma área de 100,55 km² e, de acordo com os censos de 2001, tem 1597 habitantes, o que equivale a uma densidade populacional de 15,9 hab/km².

VI.2.2 Caracterização Social e Demográfica

VI.2.2.1 Crescimento Demográfico

De acordo com os censos de 2001 (INE), a freguesia de S. Vicente da Beira possuía nessa época 1597 habitantes que cruzando com os dados de 1991 perdeu 274 indivíduos. Segundo estimativa realizada em 2007 pela ADRACES previa-se um decréscimo populacional na ordem dos 197 indivíduos.

Em relação aos indicadores: índice de envelhecimento, proporção de idosos e proporção de jovens na freguesia de S. Vicente da Beira, encontra-se patente na Tabela 6.

Tabela 6 – Índices Resumo da População Residente na Freguesia de Louriçal do Campo relativamente ao Envelhecimento, Proporção de Idosos e Jovens (2001) Fonte – INE.

Indicadores	%
Índice de Envelhecimento	305,7
Proporção de Idosos	33,3
Proporção de Jovens	10,9

VI.2.2.2 Instrução e Emprego

A população em idade activa residente em S. Vicente da Beira, equivale a um total de 200 indivíduos e, a principal actividade exercida por esta é o sector da Educação e a Indústria.

É de Salientar que o número de activos a trabalhar fora da freguesia é de 30 indivíduos e, os que se deslocam de outras localidades para trabalharem nesta perfazem um total de 60 sujeitos.

Relativamente aos indicadores: Taxa de Actividade da População em Idade Activa; Proporção dos empregados por conta de outrem; Proporção de empregados no sector terciário; Proporção dos reformados e Desempregados, encontra-se patente na Tabela 7.

Tabela 7 – Taxa de Actividade da População em idade Activa; Proporção dos empregados por conta de outrem; Empregados no sector terciário; Reformados e Desempregados (2001).

Indicadores	Total	Homens	Mulheres
Taxa de Actividade da População em idade Activa	40,6	53,7	28,7
Proporção dos empregados por conta de outrem	73,8		
Proporção de empregados no sector terciário	41,1		
Proporção dos Reformados	34		
Desempregados	53		

VI.2.2.3 Apoio Social e Educação

Ao nível da população mais velha, a freguesia dispõe da valência de Centro de Dia, Lar de Idosos, Apoio Domiciliário, Creche e Jardim-de-Infância, pertencente à Santa Casa da Misericórdia de São Vicente da Beira.

No que respeita aos cuidados de saúde, esta população usufrui durante toda a semana de cuidados médicos e de enfermagem na Extensão de Saúde e de cuidados médico dentário, três vezes por semana.

Quanto ao número de alunos que se encontravam a frequentar os níveis de ensino – Pré Primário, 1º, 2º e 3º ciclos no ano lectivo de 2007/2008, equivalia a um total de 207, encontrando-se repartidos da seguinte forma: Pré Primário – 21 alunos; 1º ciclo – 59 e 2º e 3º ciclo – 127 alunos.

No que concerne aos jovens que frequentam o ensino secundário, têm que se deslocar para a vila de Alcains para receberem essa formação.

VI.3 FREGUESIA DE ALCAIDE

VI.3.1 Síntese Histórica

Alcaide é uma das povoações mais antigas da Diocese da Guarda, remontando a sua origem entre 1202 e 1207; sendo uma das terras com mais referências históricas do concelho, é hoje uma freguesia dormitório do Fundão.

Supõe-se que desde 1515 foi sede de concelho e usufruiu de casa de Câmara própria. Esta freguesia que dista 6 km da sede do concelho situa-se num monte nas faldas da Serra da Gardunha. Devido à sua localização, o Alcaide desfruta de uma excelente panorâmica desde a Gardunha à Estrela.

VI.3.2 Caracterização Social e Demográfica

VI.3.2.1 População Residente

A população residente nesta última década, tem vindo a decrescer particularmente no grupo etário dos 0 aos 14 anos de idade, apresentando valores negativos na ordem dos 44.6 %.

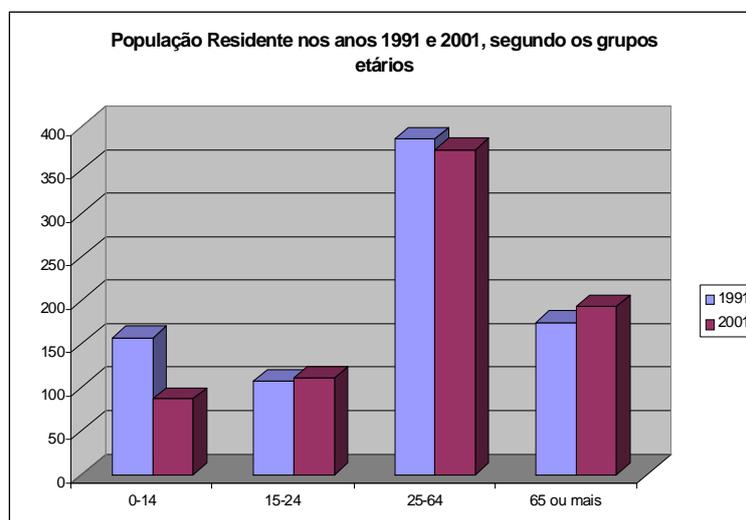


Figura 35 – População Residente em 1991 e 2001, Segundo os Grupos Etários (Recenseamento da População, 2001 – Censos).

VI.3.2.2 Instrução e emprego

Na sua grande maioria a população residente empregada exerce a sua actividade, no sector dos serviços, representando 48,18 %. No sector secundário, encontram-se 41,58 % da população activa e os restantes 10,23 % no sector primário. Realça-se o facto de os sectores da Indústria e da Agricultura, nesta freguesia, contemplarem uma taxa mais elevada da população empregada do que no Concelho (29 % e 5 %) e do que na Região Centro.

Os sectores primário, secundário e terciário do Alcaide representam 2,89 % e 4,66 % e 3,95 % da população empregada na Serra da Gardunha. A população empregada no sector da Agricultura, residente no Alcaide, afigura um valor mais baixo do que a média apurada para a Serra da Gardunha (14 %).

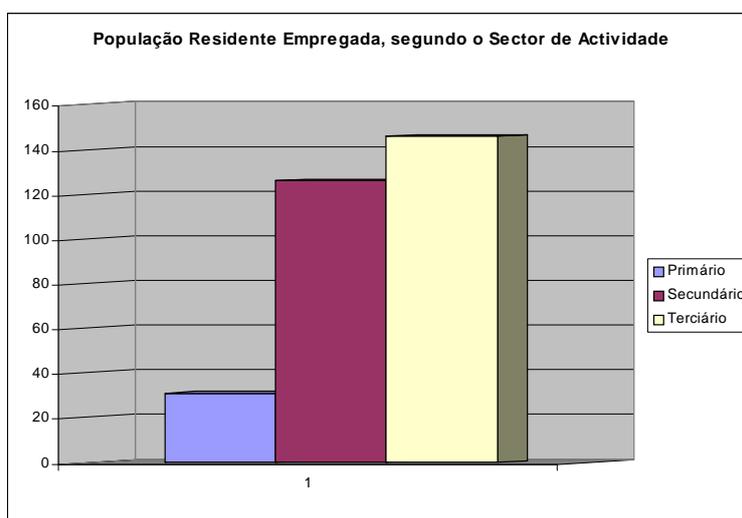


Figura 36 – População Residente Empregada, o Sector de Actividade (Censos:2001).

VI.3.2.3 Apoio Social e Educação

Recorrendo às projecções demográficas para 2011, denota-se uma tendência para a ligeira diminuição da população idosa (186 indivíduos) e para o aumento da população jovem (105). Face a estas realidades, procurou-se perceber as respostas sociais existentes na freguesia. Neste domínio, a principal entidade é o Centro Paroquial do Alcaide, cujas valências integram o Centro de Dia, Creche e ATL.

VI.4 FREGUESIA DE ALCONGOSTA

VI.4.1 Síntese histórica

Situa-se em plena Serra da Gardunha, a cerca de 4 km da sede de concelho. O facto de este território se encontrar numa região arqueologicamente muito documentada faz supor que o povoamento é não apenas anterior à Nacionalidade, mas de épocas mais remotas. Terra da cereja por excelência, Alcongosta é ainda um dos maiores centros produtores de cestos de verga do país. Trabalham nela um conjunto de artesãos, representantes da cultura e das tradições populares. O seu nome radica na posição privilegiada de portela da Gardunha e da Cova da Beira: uma *congosta*, que significa “caminho, passagem apertada entre elevações, ou entre paredes, e mais ou menos em declive”.

VI.4.2 Caracterização Social e Demográfica

VI.4.2.1 Crescimento demográfico

A população tem decrescido, com maior incidência no grupo etário dos 0 aos 14 anos, com menos 23 %, valor elevado quando comparado com o conjunto das freguesias da Serra da Gardunha que desceram em média 18 %, sendo a maior variação negativa que registada para o concelho (-20%).

Trata-se de uma população não muito jovem, com maior número de pessoas dos 25 em diante, representando os dois últimos grupos 73,9 % do total da população presente, acompanhando as tendências das freguesias que compõem a Serra da Gardunha e as do Concelho.

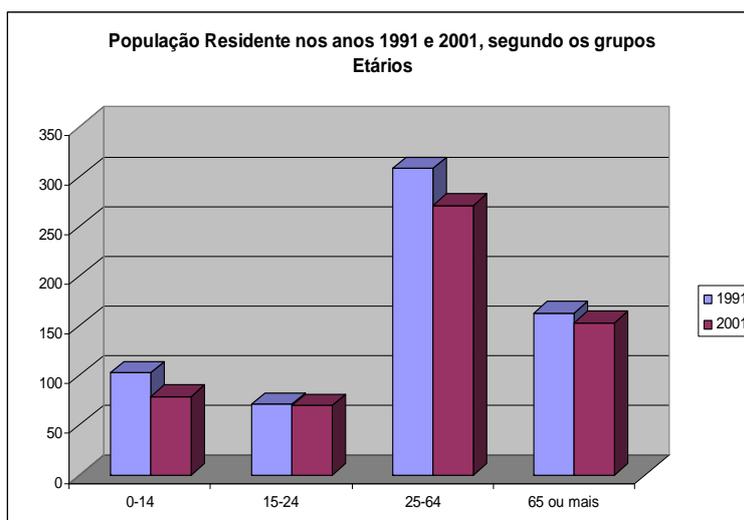


Figura 37 – População Residente em 1991 e 2001, segundo os Grupos Etários (Censos, 2001).

VI.4.2.2 Actividade e emprego

A maior percentagem da população residente empregada encontra-se no sector dos serviços, representando 43,5 %, acompanhando a tendência do Concelho que regista maior peso da população activa no sector terciário 65,4 %, bem como a Região Centro com 55 % da população empregada neste sector.

Os sectores primário, secundário e terciário em Alcongosta representam, respectivamente, 9,6 % e 1,5 % e 1,8 % da população empregada nestes sectores na Serra da Gardunha.

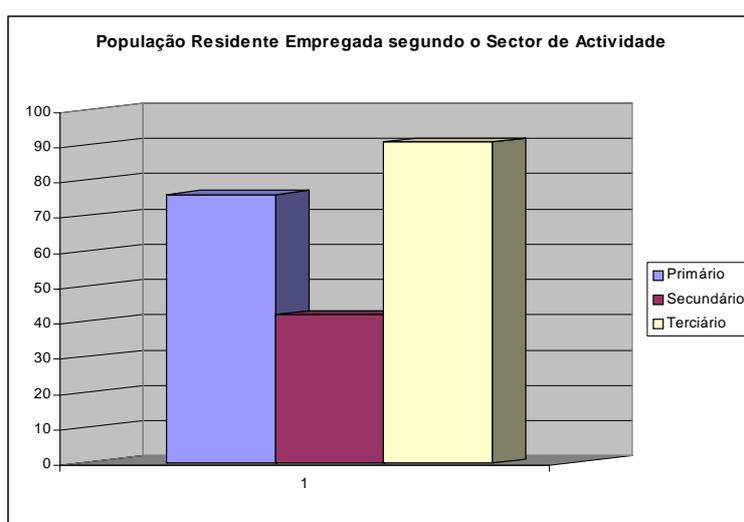


Figura 38 – População Residente empregada, segundo o Sector de Actividade (Recenseamento Geral da Agricultura, 2001).

VI.4.2.3 Apoio Social e Educação

Em termos comparativos, verifica-se que de 1991 para 2001 a população residente com 65 anos ou mais tem vindo a decrescer, no sentido em que passámos de 163 para 153 indivíduos. Seguindo a mesma linha, a população jovem com menos de 15 anos diminuiu de 1991 para 2001. Com base nestes dados podemos afirmar que há uma perda progressiva tanto da população idosa como da população jovem. As projecções para 2011 indicam que tanto a população jovem como a população idosa continuarão a diminuir.

No âmbito dos equipamentos sociais, esta freguesia dispõe de Centro de Dia e de Serviço de Apoio Domiciliário, propriedade da Santa Casa da Misericórdia do Fundão. O Centro de Dia tem capacidade para 20 utentes, registando em Fevereiro de 2009 um total de 11. Por sua vez, o Serviço de Apoio Domiciliário tem capacidade para 10 e apoia 11.

VI.5 FREGUESIA DE ALDEIA DE JOANES

VI.5.1 Contextualização Histórica e do Território

Situa-se no vale da Cova da Beira, sendo uma das freguesias mais antigas e mais próximas da cidade do Fundão, e em que os seus limites a sul englobam a Serra da Gardunha.

A freguesia pertenceu à Covilhã até ao século XIX, altura em que o Fundão foi eleito concelho. Nos últimos anos tem alargado a sua malha urbana aproximando-se cada vez mais da sede do concelho, encontrando-se actualmente entrelaçadas as construções antigas com as modernas.

O conjunto de casas quinhentistas, algumas brasonadas, que ainda existem, é demonstrativo do nível social que os seus primeiros proprietários devem ter atingido no seu tempo. Actualmente como "subúrbio" da cidade do Fundão é uma localidade que tende a descaracterizar-se bastante, na medida em que a vida fundanense tende a absorver os elementos típicos da terra.

VI.5.2 Caracterização Social e Demográfica

VI.5.2.1 População Residente

A população da Aldeia de Joanes aumenta em quase todos os grupos etários à excepção da faixa etária dos 0 aos 14, que decresce -8,8 %.

A população tem crescido, com maior incidência no grupo etário dos ≥ 65 , apurando-se um acréscimo de 45,7 %. Este fenómeno é também visível na maioria das freguesias da Serra da Gardunha, que em média viram crescer este grupo em 11,3 %.

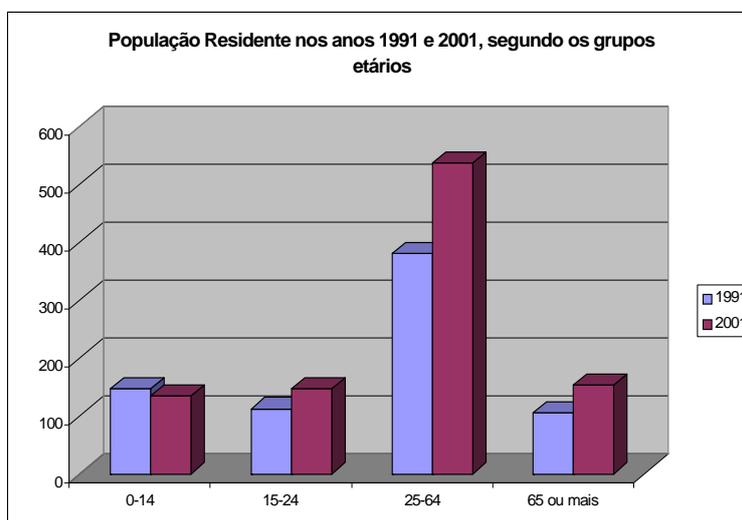


Figura 39 - População Residente em 1991 e 2001, Segundo os Grupos Etários (Recenseamento da População, 2001).

O grupo etário que registou uma variação negativa, foi o dos 0 aos 14 anos de idade, o que indica um decréscimo acentuado da camada mais jovem, de -8,8 %, variação inferior à média das variações para este escalão etário, no conjunto das freguesias, -18,2 %.

VI.5.2.2 Actividade e emprego

A população residente empregada tem maioritariamente o 1º ciclo de escolaridade 37 %, percentagem superior à média apurada para o conjunto das freguesias da Serra da Gardunha, que é 37 % e à analisada para o Concelho com 32 %.

A população residente empregada exerce actividade, em maior percentagem, no sector dos serviços, representando 56,9 %, acompanhando a tendência do Concelho que regista maior peso da população activa no sector terciário 65%, bem como a Região Centro com 55 % da população neste sector.

A população empregada no sector da Agricultura, residente na Aldeia de Joanes, afigura um valor mais baixo do que a média apurada para este sector na Serra da Gardunha (14 %).

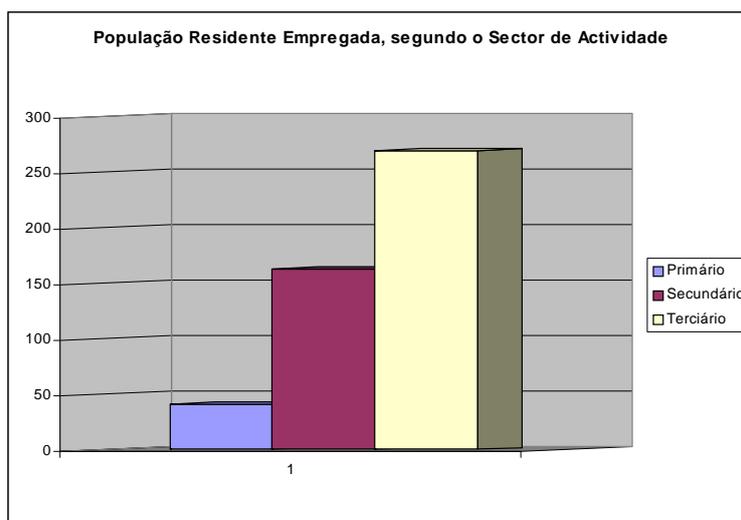


Figura 40 – População Residente Empregada, Segundo o Sector de Actividade (Recenseamento Geral da Agricultura, 2001)

VI.5.2.3 Apoio Social e Educação

A leitura das projecções demográficas para 2011 evidenciam um cenário idêntico, ou seja, a população com 65 anos ou mais deverá atingir valores mais elevados, passando dos actuais 153 para 232, assim como o número de pessoas no grupo de idades 0-14 será inferior ao registado em 2001 (de 134 para 125).

Ao nível de entidades que desenvolvem respostas sociais temos, por um lado, o Centro de Dia cuja entidade proprietária é a Santa Casa da Misericórdia do Fundão com 14 utentes e capacidade para 12 e, por outro, ATL que é gerido pela Associação Desportiva, Cultural e Recreativa de Aldeia de Joanes.

VI.6 ALDEIA NOVA DO CABO

VI.6.1 Contextualização Histórica e do Território

Situa-se no fundo de um vale entre a serra da Gardunha e a serra da Estrela, distando 3Km da sede de concelho.

Tendo estado ligada no passado à Aldeia de Joanes, ainda pelos finais do século XIII se chamava Aldeia

Nova de São Joane, sita no "cabo". A ligação de Aldeia Nova do Cabo à Aldeia de Joanes perdurou até ao ano de 1661.

VI.6.2 Caracterização Social e Demográfica

VI.6.2.1 População Residente

A população da Aldeia Nova do Cabo decresce em quase todos os grupos etários à excepção do grupo dos que detêm 65 e mais anos, crescendo 31 %. O aumento deste escalão etário constata-se na maioria das freguesias da Serra da Gardunha, que distam da sede do Concelho. Os grupos etários com mais população são os dos 25 aos 64 anos e o dos 65 e mais anos que percentuam 49,92 % e 24,54 %, perfazendo 74,52 % da população total. Esta tendência é também acompanhada pelas freguesias que compõem a Serra da Gardunha e as do Concelho.

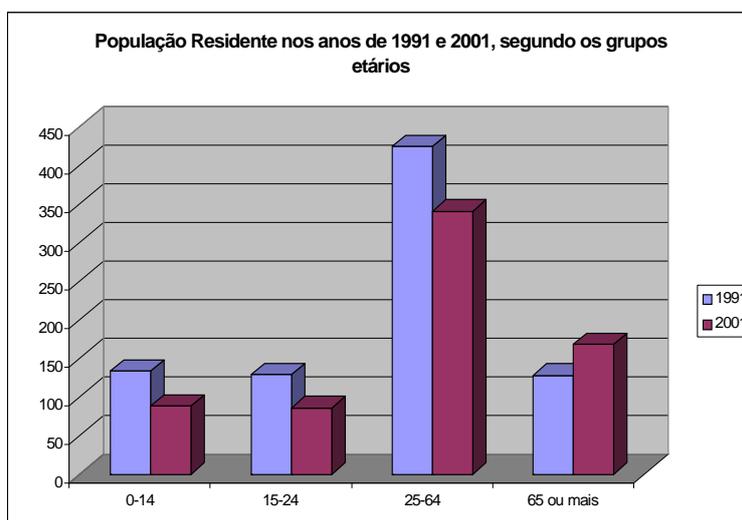


Figura 41 – População Residente em 1991 e 2001, segundo os Grupos Etários (Recenseamento da População, 2001).

VI.6.2.2 Instrução e emprego

Aldeia Nova do Cabo contempla uma fasquia elevada da população nos dois primeiros níveis de escolaridade, apresentando 60,6 % da população, perfazendo um valor mais elevado que a média apurada nas freguesias da Serra e do Concelho que corresponde a 52,6 % e 58 %, respectivamente.

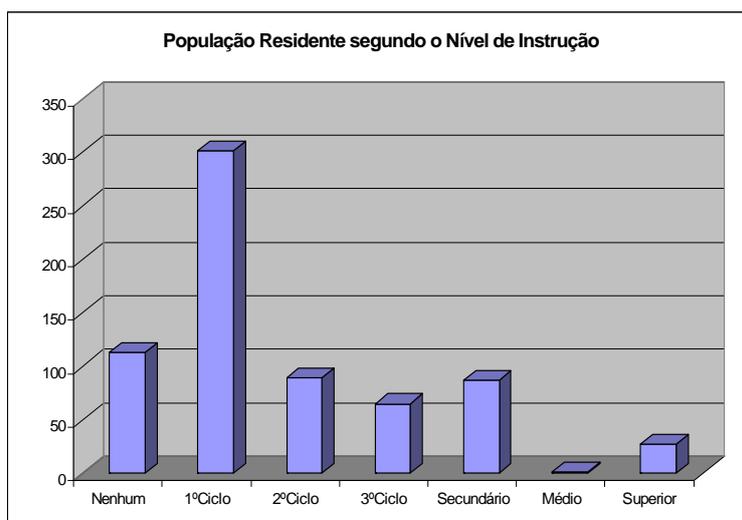


Figura 42 – População Residente, segundo o Nível de Instrução (Recenseamento da População, 2001).

A população residente empregada exerce actividade, em maior percentagem, no sector dos serviços, representando 48,8 %, acompanhando a tendência do Concelho que regista maior peso da população activa no sector terciário 65,4 %, bem como a Região Centro com 55 % da população empregada neste sector.

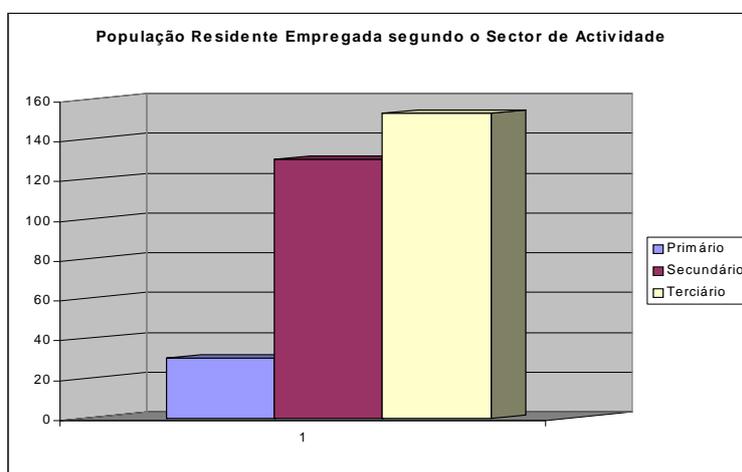


Figura 43 – População Residente Empregada, segundo o Sector de Actividade (Recenseamento Geral da Agricultura, 2001).

VI.6.2.3 Apoio Social e Educação

Do ponto de vista demográfico, a freguesia Aldeia Nova do Cabo detém em 2001 um total de 683 residentes. Destes, 168 são pessoas com 65 anos ou mais. Numa análise mais

pormenorizada, verifica-se que de 1991 para 2001 a população idosa aumentou consideravelmente, passando a ter mais 40 indivíduos na passagem de um período para o outro. As projecções para 2011 apontam para a continuidade de perda da população jovem, passando para 54 indivíduos e para uma descontinuidade em relação à população idosa, prevendo-se que passe de 168 em 2001 para 143 em 2011.

Em termos de respostas sociais presentes na freguesia destaca-se a Casa Nossa Sr.^ª de Fátima que inclui Creche, Centro de Dia e Serviço de Apoio Domiciliário.

A Creche tem capacidade para 60 utentes e apoia 67, o Centro de Dia tem capacidade para 25 e presentemente apoia 10, o Serviço de Apoio Domiciliário apoia 5 e tem capacidade para 5 utentes.

VI.7 FREGUESIA DE ALPEDRINHA

VI.7.1 Contextualização Histórica e do Território

Situa-se na encosta sul da serra da Gardunha, dista 12 km da sede do concelho e 30 da cidade de Castelo Branco.

As suas origens devem remontar à época pré-romana. Teve estatuto de concelho, contendo Castelo Novo e Atalaia do Campo, até 24 de Outubro de 1855.

A abundância de água e os terrenos férteis depressa tornaram Alpedrinha num local mais povoado do que a própria sede do concelho, que na idade média era Castelo Novo. Teatro e música são as ofertas culturais mais significativas desta freguesia, sendo de realçar a nível educativo o prestígio que o Externato Capitão Santiago de Carvalho tem vindo a conquistar na Região.

VI.7.2 Caracterização Social e Demográfica

VI.7.2.1 População Residente

A população de Alpedrinha diminuiu em todos os escalões etários, decrescendo -12 % da população residente de 1991 para 2001.

Os grupos etários que mais população são os que definem entre 25 a 64 anos com 49 %, e os que se encontram na faixa dos 65 e mais anos com 23,7 %, perfazendo 72,8 % do total da população residente. Esta percentagem encontra-se abaixo da média registada para estes grupos etários no conjunto das freguesias da Serra da Gardunha (79,8 %).

O grupo etário que menos população representa é o dos 15 aos 24 anos que regista 13 %.

A faixa etária dos que têm menos idade (0 aos 14) é mais baixa do que a faixa mais velha (≥ 65), sendo a diferença entre elas de - 9,8 %, onde o 1º escalão representa 13,8 % e o último 23,7 % em 2001.

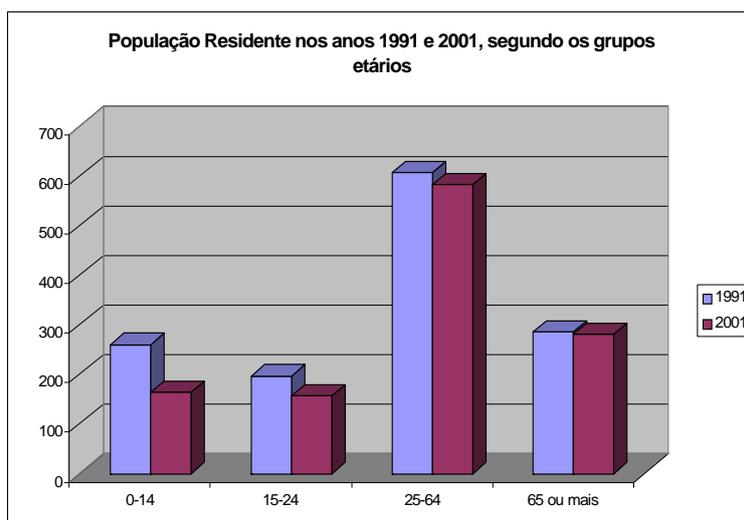


Figura 44 – População Residente em 1991 e 2001, segundo os Grupos Etários (Recenseamento da População, 2001)

VI.7.2.2 Instrução e emprego

Alpedrinha contempla um valor elevado de população nos dois primeiros níveis de escolaridade, apresentando 57 % da população, perfazendo um total na média das freguesias da Serra de 52,6 %, e inferior ao analisado no Concelho que compreende 58 % da população.

A percentagem da população sem instrução e com o 1º ciclo é de 20,5 % e 36,5 % respectivamente, taxas superiores à média registada nas freguesias da Gardunha que anuncia 17,8 % e 34,8 %.

A população residente empregada exerce actividade, em maior percentagem no sector dos serviços, representando 50 %, acompanhando a tendência do Concelho que regista maior peso da população activa no sector terciário 65 %, bem como a Região Centro com 55 % da população empregada neste sector.

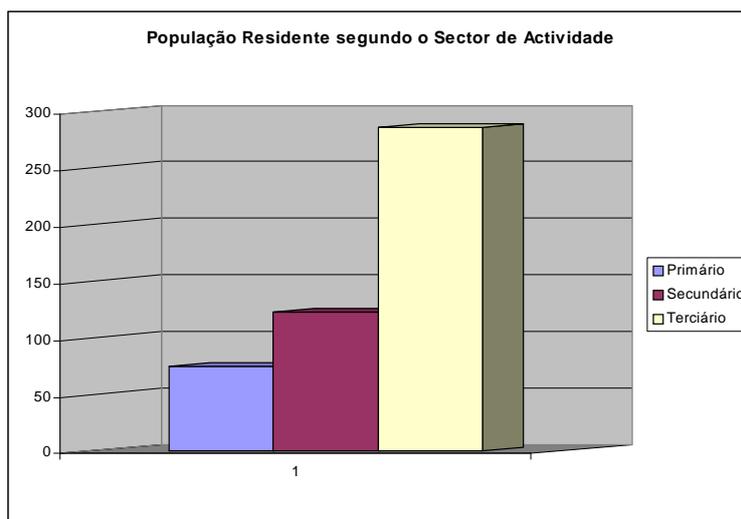


Figura 45 – População Residente Empregada, segundo o Sector de Actividade (Recenseamento Geral da Agricultura, 2001).

VI.7.2.3 Apoio Social e Educação

A freguesia de Alpedrinha detém, em 2001, uma população residente de 1184. Por seu lado, a população residente com idade ≥ 65 , no mesmo período, de 281, o que em termos comparativos com 1991 (285) representa uma diminuição, ainda que não muito significativa, de -4 indivíduos ou -1.40 %.

Os dados contidos nas projecções demográficas para 2011, permitem-nos deduzir um possível aumento da população residente com 65 anos ou mais de 281 (2001) para 447 (2011) e uma diminuição da população com menos de 15 anos de 164 (2001) para 118 (2011).

Os principais equipamentos sociais presentes nesta freguesia correspondem, por um lado, à Santa Casa da Misericórdia de Alpedrinha e, por outro, à Fundação Gambôa Pina Ferrão. A Santa Casa da Misericórdia de Alpedrinha engloba dois tipos de valências, uma é a Creche, com 48 utentes e capacidade para 50, e a outra um Lar com 69 utentes, encontrando-se de

momento no limite da sua capacidade e contando já com uma lista de espera. Por sua vez, a Fundação Gambôa Pina Ferrão é a entidade proprietária do Centro de Dia, que detém 22 utentes e tem capacidade para 30, e o Serviço de Apoio Domiciliário, com capacidade para 12 e apoia 10 utentes.

VI.8 FREGUESIA DE CASTELO NOVO

VI.8.1 Contextualização Histórica

Situa-se a 15Km a sul da sede do concelho, a 700 metros de altitude e na encosta leste da serra da Gardunha. Alpreada foi o primeiro nome conhecido de Castelo Novo, que teve o seu primeiro foral em 1202.

Esta terra terá sido povoada desde tempos muito remotos (calcolítico), existindo um castelo em ruínas. As ruínas de vários edifícios atestam a sua passada grandeza, conservando notável unidade arquitectónica, com ruazinhas ladeadas por casas e solares de granito.

A aldeia sempre foi famosa pelas suas águas – as do Alardo – que no início do século XX conheceram imensa actividade termal. É bastante fértil e cheia de arvoredos, que tornam os seus arredores muito aprazíveis, sendo considerada por muitos como a verdadeira porta de entrada na serra da Gardunha.

VI.8.2 Caracterização Social e Demográfica

VI.8.2.1 População Residente

A população de Castelo Novo diminui em todos os grupos etários, decrescendo – 16 % entre 1991 e 2001.

Os grupos etários que mais população contempla, são o dos que detém entre 25 e 64 anos com 40,7 % e, os que se encontram na faixa dos 65 e mais anos com 38 %, perfazendo 78,8 % do total da população, uma percentagem muito elevada quando comparada com o conjunto das freguesias da Serra da Gardunha.

O grupo etário com menos expressão é o dos 15 aos 24 anos, que em termos percentuais corresponde a 7,9 %.

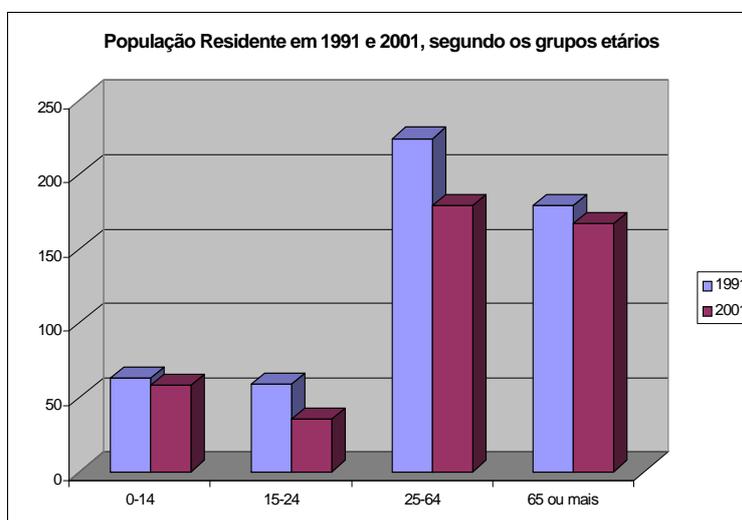


Figura 46 – População Residente em 1991 e 2001, Segundo os Grupos Etários (Recenseamento da População, 2001).

VI.8.2.2 Instrução e emprego

Castelo Novo contempla uma fasquia elevada da população nos dois primeiros níveis de escolaridade, apresentando 73,8 % da população, o que perfaz um valor mais elevado que a média apurada nas freguesias da Serra e do Concelho que correspondendo a 52,6 % e 58 % respectivamente.

A população sem instrução e com o 1º ciclo analisada é de 25 % e 48,5 % respectivamente, taxas superiores à média registada nas freguesias da Gardunha, para os dois níveis de ensino, pois na Serra a média é de 17,8 % e de 34,8 %, respectivamente.

A população residente empregada exerce actividade, em maior percentagem no sector dos serviços, representando 47 %, acompanhando a tendência do Concelho que regista maior peso da população activa no sector terciário 65 %, bem como a Região Centro com 55 % da população empregada neste sector.

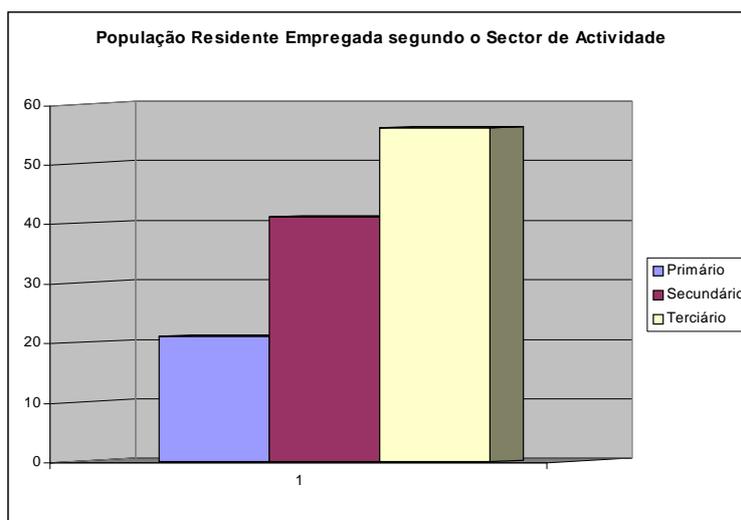


Figura 47 – População Residente Empregada, segundo o Sector de Actividade (Recenseamento Geral da Agricultura, 2001).

VI.8.2.3 Apoio Social e Educação

A partir dos dados disponibilizados pelo INE, podemos afirmar que a população residente na freguesia de Castelo Novo em 2001 era de 439, sendo que 167 correspondiam à população residente com 65 anos ou mais. Recuando até 1991, verifica-se que esta população específica tem vindo a diminuir de 179 para 167 em 2001. Assim, estamos perante um decréscimo de 12 indivíduos em termos absolutos e de -6.70 %, em termos percentuais.

As projecções elaboradas para 2011 reforçam esta tendência para a perda de população idosa e da população jovem. Em relação à primeira, essa perda poderá ser representativa, prevendo-se uma redução de 167 (2001) para 91 (2011). Relativamente à segunda, a diminuição da população é menos significativa.

Face a esta realidade, procurou-se perceber as respostas sociais existentes na freguesia para o público em idades mais avançadas. Neste domínio, a principal entidade é o Centro Social de Castelo Novo, cujas valências integram o Centro de Dia com capacidade para 15 utentes, registando em Fevereiro de 2009 um total de 12, e Serviço de Apoio Domiciliário com 11 utentes e capacidade para 11.

VI.9 FREGUESIA DE DONAS

VI.9.1 Contextualização Histórica

Esta freguesia é constituída pelas povoações de Chãos e Donas. Está situada na base da serra da Gardunha, a 2 km da Estação do Fundão. Donas, designou-se durante algum tempo por Aldeia Nova das Donnas, o que faz supor que o seu (re) povoamento se teria processado um pouco tardiamente, talvez pelos séculos XIV-XV. A sua ascensão terá, decerto, resultado do incremento que lhe foi proporcionado no século XVI pelos Senhores de Pancas e da progressiva decadência de um pequeno povoado que lhe ficava próximo – Aldeia do Abade (que já, por volta de 1320, era freguesia).

O incremento por que passou no quinhentismo encontra-se ainda bem patente em algumas janelas e portadas características desse tempo, mormente na chamada Casa do Paço e na capela dos Pancas (ambas classificadas como “Imóveis de Interesse Público”).

VI.9.2 Caracterização Social e Demográfica

VI.9.2.1 População Residente

A população das Donas cresce em todos os grupos etários, aumentando no total a sua população em 6 %.

A população tem crescido, com maior incidência no grupo etário dos 0 aos 14 anos, apurando-se um aumento de 12%, seguido do grupo dos que detêm entre 15 e 25 anos em 11 %.

O aumento verificado no 1º grupo da pirâmide etária é o mais elevado para o conjunto das freguesias da Serra da Gardunha, este que regista mesmo um aumento superior ao do Fundão (11 %).

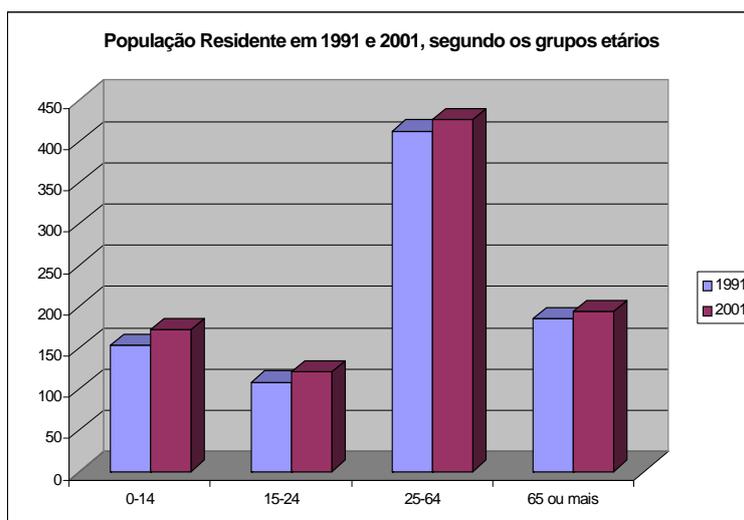


Figura 48 – População Residente em 1991 e 2001, segundo os Grupos Etários (Recenseamento da População, 2001).

VI.9.2.2 Instrução e emprego

A freguesia das Donas contempla uma fasquia elevada da população nos dois primeiros níveis de escolaridade, apresentando 53 % da população, totalizando uma percentagem mais elevada que a média apurada nas freguesias, que afigura com 52,6 % e mais baixa que a analisada para o Concelho que acusa 58 %.

Um grande volume da população residente empregada tem o 1º ciclo de escolaridade 35%, contudo, uma percentagem inferior à média apurada para o conjunto das freguesias da Serra da Gardunha, que acusa 37 %, e superior à analisada para o Concelho que se afigura com 32 %.

Os três níveis seguintes de instrução, 2º e 3º ciclo e o secundário que afiguram-se com 25,8 %, 9,7 % e 13 %, perfazendo 48,9 % da população empregada, uma fasquia superior aos que detêm o 1º ciclo.

A população residente empregada exerce actividade, em maior percentagem, no sector dos serviços, representando 57 %, acompanhando a tendência do Concelho que regista maior peso da população activa no sector terciário 65 %, bem como a Região Centro com 55 % da população empregada neste sector.

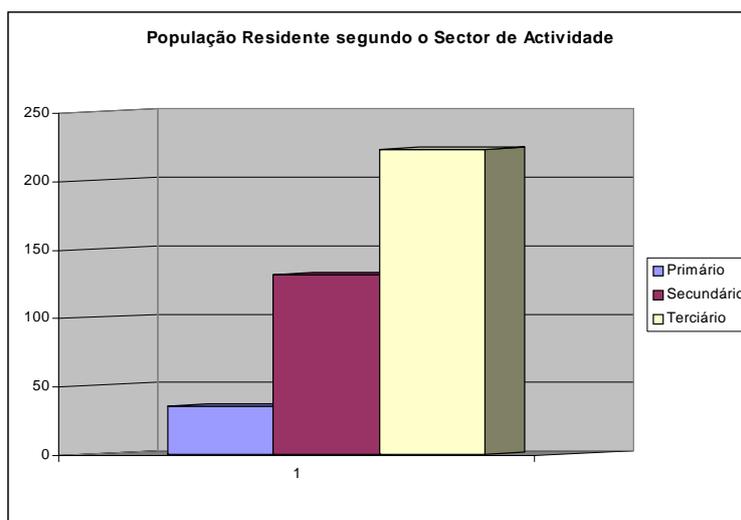


Figura 49 – População Residente Empregada, segundo o Sector de Actividade (Recenseamento Geral da Agricultura, 2001).

VI.9.2.3 Apoio Social e Educação

Em 2001, o número total de população residente na freguesia das Donas corresponde a 912, dos quais 194 são pessoas com 65 anos ou mais. Em comparação com os dados de 1991 (185), assiste-se a um aumento do número e da percentagem desta faixa etária em 9 indivíduos, ou seja, 4,86 %.

A leitura das projecções para 2011 remetem para um cenário diferente, em que tanto a população idosa, como a população jovem poderão decrescer. Esta fonte salienta o facto da população idosa poder passar dos actuais 194 para 180 e da população jovem dos 172 para 153 (tal como em 1991).

Nesta freguesia, o Centro Paroquial de Assistência de Donas é a entidade proprietária das seguintes valências: Creche com 21 utentes e capacidade para 30, ATL com 20 utentes e capacidade para 20, Centro de Dia com 30 utentes e capacidade para 30, e o Serviço de Apoio Domiciliário com 30 utentes e capacidade para 30.

VI.10 FREGUESIA DE FATELA

VI.10.1 Contextualização Histórica

Freguesia situada próxima de Valverde dista 7 Km da sede de concelho. A sua instituição paroquial é muito antiga, crendo-se que possa ter ocorrido durante o século XIII.

Em 1 de Junho de 1510 a Fatela beneficiou do foral dado por D. Manuel I a Sortelha, concelho de que aquela fez parte até à sua extinção em 1855. No ano de 1669 foi assinado nesta freguesia o “Compromisso da Irmandade das Almas do Lugar de Fatela”. A mais antiga organização fatelense conhecida caracterizava-se essencialmente pela assistência religiosa às almas dos falecidos e assistência moral e física aos pobres.

VI.10.2 Caracterização Social e Demográfica

VI.10.2.1 População Residente

A população da Fatela diminui em todos os escalões etários, decrescendo -13 % entre 1991 e 2001.

Os grupos etários que mais população contemplam é o dos que detém entre 25 e 64 anos com 48 % e os que se encontram na faixa dos 65 e mais anos com 20,7 %, perfazendo 69 % do total da população, uma percentagem que segue a tendência do conjunto das freguesias da Serra da Gardunha e do Concelho.

O grupo etário que menos população representa é o dos 15 aos 24 anos que percentua 14 %.

A faixa etária dos mais de 65 anos é mais elevada do que a verificada para a dos que têm entre 0 a 14, apurando-se 20,7 % e 16,9 % para cada um deles.

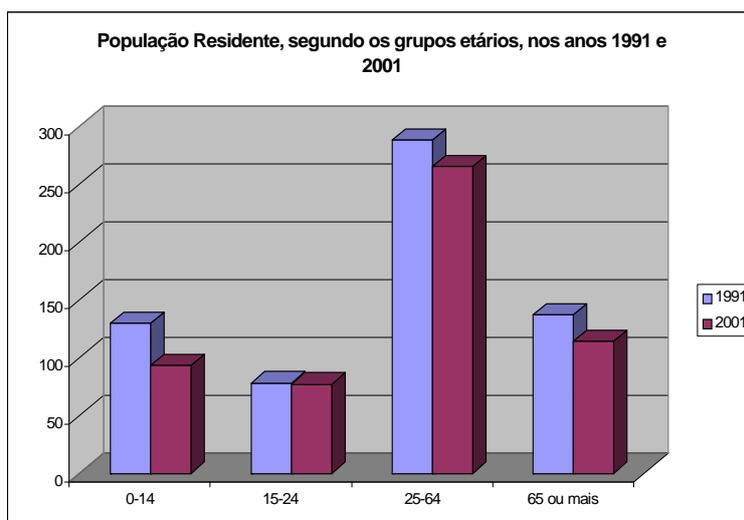


Figura 50 – População Residente em 1991 e 2001, segundo os Grupos Etários (Censos, 2001).

VI.10.2.2 Instrução e emprego

A freguesia da Fatela contempla uma fracção elevada da população nos dois primeiros níveis de escolaridade, apresentando 59,5 % da população, totalizando uma percentagem mais elevada que a média apurada nas freguesias da Serra, que corresponde a 52,6 % e que a analisada para o Concelho com 58 %.

A população que se encontra nos outros níveis de escolaridade perfaz os 40 %, havendo a realçar a taxa de população que tem o 2º ciclo (18 %) e os que detêm o ensino médio, cuja percentagem é de 0,7 %.

A população residente empregada exerce actividade em igual percentagem, no sector dos serviços e no da Industria, representando 48 % em ambos, não acompanhando a tendência do Concelho que regista maior peso da população activa no sector terciário 65 %, bem como a Região Centro com 55 % da população empregada neste sector, salienta-se o facto de a fasquia da população na Indústria ser mais elevada do que no Concelho (29 %) e do que na Região Centro (38 %).

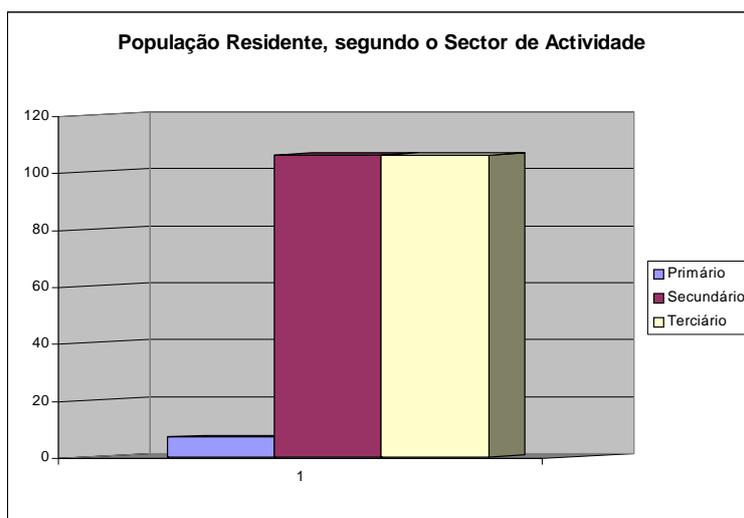


Figura 51 – População Residente Empregada, segundo o Sector de Actividade (Recenseamento Geral da Agricultura, 2001).

VI.10.2.3 Acção Social e Educação

Analisando a freguesia da Fatela nesta última década e socorrendo-nos dos dados existentes, verifica-se que em relação à população residente com 65 ou mais anos em 2001, esta continua a ter um peso significativo face à sua população total (549 indivíduos para 114 do escalão etários a partir dos 65 anos).

Contudo, comparando os dados de 1991 com 2001 a taxa de variação encontra-se nos -16,78 %, valor este que demonstra um ligeiro decréscimo da população idosa, decréscimo esse que correspondia em 1991 a 137 indivíduos, e em 2001 a 114, o que em termos absolutos corresponde a uma diminuição na ordem dos 23 indivíduos.

Se olharmos agora para a população residente segundo o grupo etário dos 0 aos 14 anos, esta perdeu 37 jovens, o que calculando a sua taxa de variação corresponde a uma diminuição de 28,46 % (em 1991 existiam 130 jovens e, em 2001 passou a ter 93).

Relativamente aos equipamentos sociais, esta freguesia conta com a valência de Centro de Dia, propriedade do Centro Social e Paroquial do Alcaide. A sua capacidade é de 30, e em Fevereiro de 2009 apoiava 25 utentes.

VI.11 FREGUESIA DE FUNDÃO

VI.11.1 Contextualização Histórica

Cidade do distrito de Castelo Branco e da diocese da Guarda, sede de concelho e de comarca, dista da Guarda 60 km, apinhando-se o seu casario na vertente setentrional da serra da Gardunha e defronte da serra da Estrela, a 497 m de altitude.

No reinado de D. João V o Fundão alcança a categoria de vila, adquirindo a sua emancipação administrativa. O Fundão tem na sua génese identitária uma clara raiz popular, que moldou temporalmente a sua fisionomia, desde o lugar primitivo, cercado pela solidão dos campos, à agricultura que impulsionou o seu crescimento, e mais tarde o comércio que a tipificou como vila.

A expedição do Alvará da criação da Vila do Fundão dá-se em 23 de Dezembro de 1764 e a Carta de Criação e Ereção data de 10 de Maio de 1747. No dia 9 de Junho de 1747 estava constituído o concelho do Fundão, com os seus vereadores, procurador e alcaide.

VI.11.2 Caracterização Social e Demográfica

VI.11.2.1 População Residente

A população do Fundão cresce em todos os grupos etários, aumentando no total a sua população em 26,7 %.

A população regista uma subida mais acentuada conforme se ascende nos escalões etários, começando com menor relevância no escalão dos 0 aos 14 anos que regista 11 %, seguido do grupo dos 15 aos 24 com 12 %, dos que têm entre 25 e 64 anos com 34 % e, por último com maior percentagem de crescimento, os com 65 e mais anos com 39,9 % de crescimento. O grupo etário dos que se encontram entre os 25 e 64 anos é que contempla maior fasquia da população residente com 54,7 %, segundo valor mais elevado neste grupo etário.

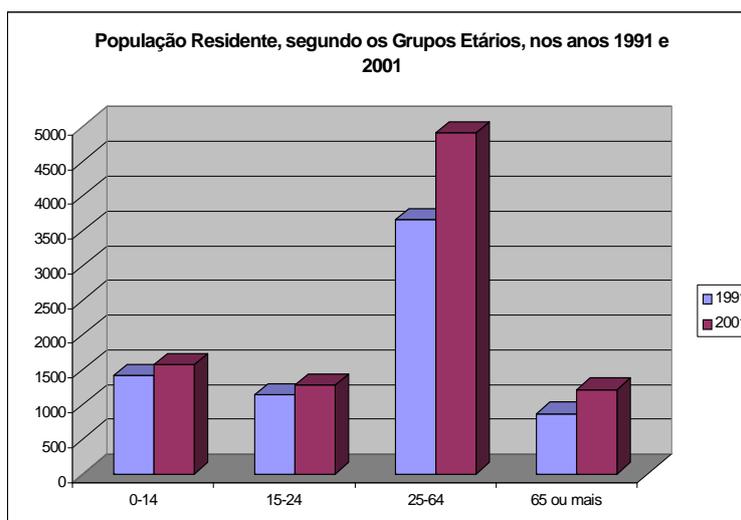


Figura 52 – População Residente em 1991 e 2001, segundo os Grupos Etários (Recenseamento da População, 2001).

VI.11.2.2 Instrução e emprego

A freguesia do Fundão contempla uma fasquia elevada da população nos dois primeiros níveis de escolaridade, apresentando 42,4 % da população, totalizando uma percentagem mais baixa que a média apurada nas freguesias que se afigura com 52,6 % e, do que a analisada para o Concelho que acusa 58 %.

A população residente empregada exerce actividade, maioritariamente, no sector dos serviços, representando 70 %, acompanhando a tendência do Concelho que regista maior peso da população activa no sector terciário 65 %, bem como a Região Centro com 55 % da população empregada neste sector.

No sector secundário, encontra-se 26,6 % da população activa e os restantes 2,9 % no sector primário, valores que acompanham a distribuição da população empregada por sectores no Concelho e na Região Centro, havendo a realçar o facto de os sectores da indústria e da agricultura, nesta freguesia, se afigurarem abaixo do que os apurados no Concelho (29 % e 5 %) e do que os registados na Região Centro (38 % e 6,8 %).

Os sectores primário, secundário e terciário no Fundão representam 16 %, 42,6 % e 60 % da população empregada na Serra da Gardunha. A população empregada no sector da Agricultura, residente no Fundão, afigura um valor mais baixo do que a média apurada para este sector na Serra da Gardunha (14 %).

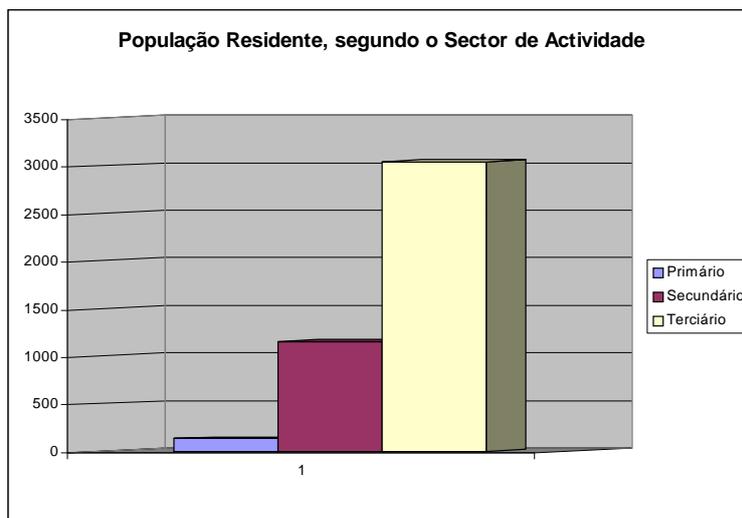


Figura 53 – População Residente Empregada, segundo o Sector de Actividade (Recenseamento Geral da Agricultura, 2001).

VI.11.2.3 Acção Social e Educação

Em relação a 2001, a freguesia do Fundão apresenta-se com uma população residente de 8957 indivíduos, sendo 1213 referentes à população com 65 anos ou mais, o que comparativamente com 1991, este número encontrava-se mais abaixo, na ordem dos 867. Estes dados indicam-nos que nesta ultima década a população idosa tem vindo a aumentar consideravelmente, o que se pode verificar pela frequência absoluta que se encontra nos 346 indivíduos, fazendo com que a taxa de variação tenha crescido para os 39,90 %.

Neste sentido estão disponíveis os seguintes equipamentos: Centro de Dia com 48 utentes e capacidade para 50; dois Lares de Idosos, um com 40 utentes e capacidade para 60, e outro com 74 utentes e capacidade para 100; Apoio Domiciliário Integrado com 9 utentes, encontrando-se acima dos seus limites (8); Unidade de Apoio Integrado com 10 utentes e capacidade para 10; Serviço de Apoio Domiciliário com 45 utentes, estando no seu limite de capacidade e, Centro de Convívio com 13 utentes e com capacidade para 50.

Ao nível da Infância e Juventude, existe ainda dois Centros de Actividades de Tempos Livres, um do CACFF, e outro da Santa Casa da Misericórdia do Fundão. Relativamente ao primeiro, este apoia 130 crianças, encontrando-se no seu limite, e o outro apoia 114 utentes, tendo capacidade

para 130. A cidade dispõe ainda de um Lar de Infância e Juventude, propriedade do Abrigo de S. José, que apoia 42 rapazes e tem capacidade para 45.

Em relação à população adulta com deficiência, a cidade dispõe ainda das valências de Lar Residencial e CAO propriedade da APPACDM. O Lar conta com 6 utentes e tem capacidade para 6, e o Centro de Actividades Ocupacionais apoia 36 utentes e tem capacidade para 45.

VI.12 FREGUESIA DE SOALHEIRA

VI.12.1 Contextualização Histórica

Situada na vertente sul da serra da Gardunha, dista 30 km da sede de concelho. Elevada a vila em 4 de Junho de 1997, as suas origens remontam ao século XII. Em termos administrativos, em 1839 aparece enquadrada na comarca de Castelo Branco, e em 1852, na do Fundão.

VI.12.2 Caracterização Social e Demográfica

VI.12.2.1 População Residente

A população da Soalheira decresce em todos os escalões etários, à excepção do grupo etário dos 65 e mais anos que aumentou em 6,9 %. No cômputo geral a população residente da freguesia decresce – 3,6 % de 1991 para 2001.

Os grupos etários que mais população representam são o dos que detém entre 25 e 64 anos com 46,9 % e os que se encontram na faixa dos 65 e mais anos 29,5 %, perfazendo 76,5 % do total da população residente, uma percentagem abaixo da média registada para estes grupos etários no conjunto das freguesias da Serra da Gardunha (79,8 %).

O grupo etário com menos população é o dos 15 aos 24 anos de idade, que regista 10,4 %. A faixa etária dos que têm menos idade (0 aos 14) é mais baixa do que a faixa mais velha (65 e mais anos), sendo a diferença entre elas de – 17 %, onde o 1º escalão representa 12,4 % e o último 29,5 % da população residente em 2001.

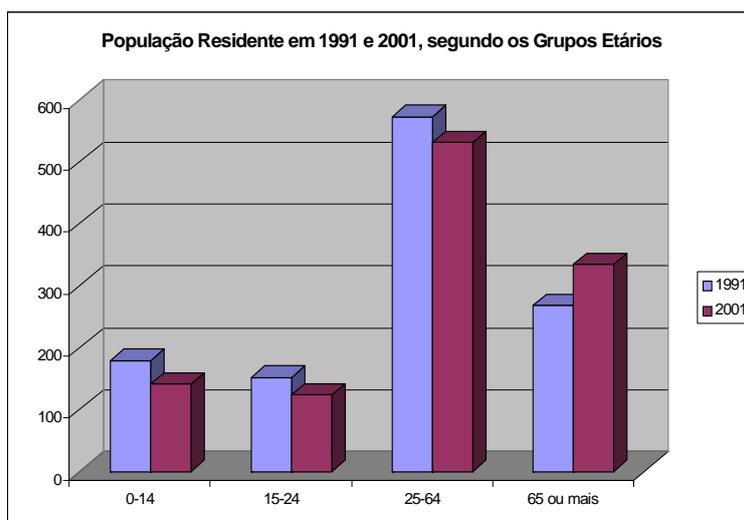


Figura 54 – População Residente em 1991 e 2001, segundo os Grupos Etários (Censos, 2001).

VI.12.2.2 Instrução e emprego

A freguesia da Soalheira contempla uma fasquia elevada da população nos dois primeiros níveis de escolaridade, apresentando 61 % da população, perfazendo um valor mais elevado que a média apurada nas freguesias da Serra e do Concelho que afiguram com 52,6 % e 58 %, respectivamente.

A fracção da população sem instrução é mais baixa do que a verificada no concelho que é de 20,5 % e mais elevada para os que defêm o 1º ciclo de escolaridade no Concelho, dado que estes acusam 37,7 % da população neste nível de ensino.

A população residente empregada exerce actividade, em maior percentagem, no sector dos serviços, representando 47 %, acompanhando a tendência do concelho que regista maior peso da população activa no sector terciário 65 %, bem como a Região Centro com 55 % da população empregada neste sector.

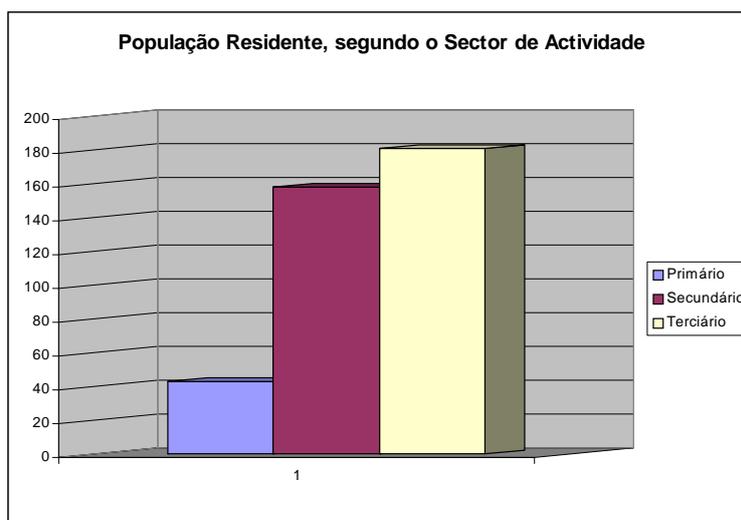


Figura 55 – População Residente Empregada, segundo o Sector de Actividade (Recenseamento Geral da Agricultura, 2001).

VI.12.2.3 Acção Social e Educação

Em relação à população residente, a freguesia da Soalheira em 1991 tinha um total de 1172 indivíduos, e 1130 em 2001, representando um ligeiro decréscimo em termos percentuais de 3,58 %. Se cruzarmos estes dados com o grupo etário 65 anos ou mais, verifica-se, que este escalão tem vindo a ganhar peso face à sua população total, correspondendo no primeiro momento a 268 idosas para 1172, e no segundo 334 para 1130, equivalendo em termos absolutos a um acréscimo de 66 indivíduos idosos, perfazendo uma variação na ordem dos 24,62 %.

Estes dados demonstram uma tendência para o aumento da população idosa e perda de população dos 0 aos 14 anos, verificando-se neste período um decréscimo de 38 jovens, correspondendo a uma variação de -21,22 % (179 em 1991 e 141 em 2001).

Esta tendência parece manter-se para 2011 se analisarmos as projecções demográficas. No que diz respeito aos equipamentos sociais, a freguesia da Soalheira encontra-se abrangida por Centro de Dia, Serviço de Apoio Domiciliário e um Lar. O Centro de Dia tem capacidade para 30 utentes e um total de 30. O serviço de Apoio Domiciliário é beneficiado por 12 pessoas, e o Lar tem 48 utentes e capacidade para 46. Nos três casos, a entidade proprietária é a Santa Casa da Misericórdia da Soalheira.

VI.13 FREGUESIA DE VALE DE PRAZERES

VI.13.1 Contextualização Histórica

Situada na encosta sul da serra da Gardunha, dista 10 km da sede de concelho. O facto de ter emergido um pouco tarde relativamente às demais sedes de freguesia do século XVIII, não impediu no entanto Vale de Prazeres de se afirmar, vindo a ser uma das maiores do concelho tanto em superfície como em população, e mesmo uma das mais prósperas. Logo por volta de 1660 viu erguer na parte alta do burgo um pequeno castelo, de que ainda restam vestígios.

VI.13.2 Caracterização Social e Demográfica

VI.13.2.1 População Residente

A população de Vale de Prazeres decresce em todos os escalões etários, à excepção do grupo etário dos com 65 e mais anos que aumenta em 6,9 %. No cômputo geral a população residente da freguesia decresce -13,5 % de 1991 para 2001, segunda freguesia que mais população residente perde em 10 anos.

Os grupos etários que mais população representam são o dos que detém entre 25 e 64 anos com 43,11 % e os que se encontram na faixa dos 65 e mais anos com 37,8 %, perfazendo 80,9 % do total da população residente, uma percentagem acima da média registada para estes grupos etários com conjunto das freguesias da Serra da Gardunha (79,8 %).

O grupo etário que menos população representa é o dos 15 aos 24 anos que corresponde a 8,9 %. A faixa etária dos que tem entre 0 aos 14 anos é mais baixa do que a faixa mais velha, dos 65 e mais anos, sendo a diferença entre elas de -27,6 %, onde o 1º escalão representa 10 % e o último 37,8 % da população residente em 2001.

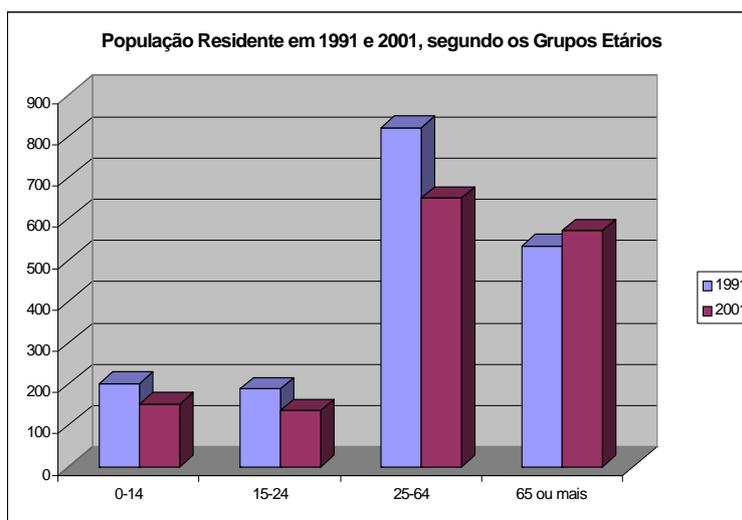


Figura 56 – População Residente em 1991 e 2001, segundo os Grupos Etários (Recenseamento da População, 2001).

VI.13.2.2 Instrução e emprego

Freguesia de Vale de Prazeres contempla uma fasquia elevada da população nos dois primeiros níveis de escolaridade, apresentando 74,5 % da população, perfazendo um valor mais elevado que a média apurada nas freguesias da Serra e do Concelho que afiguram com 52,6 % e 58,3 % respectivamente.

A população residente empregada exerce actividade, em maior percentagem, no sector dos serviços, representando 39,8 %, acompanhando a tendência do Concelho que regista maior peso da população activa no sector terciário 65,4 %, bem como a Região Centro com 55 % da população empregada neste sector.

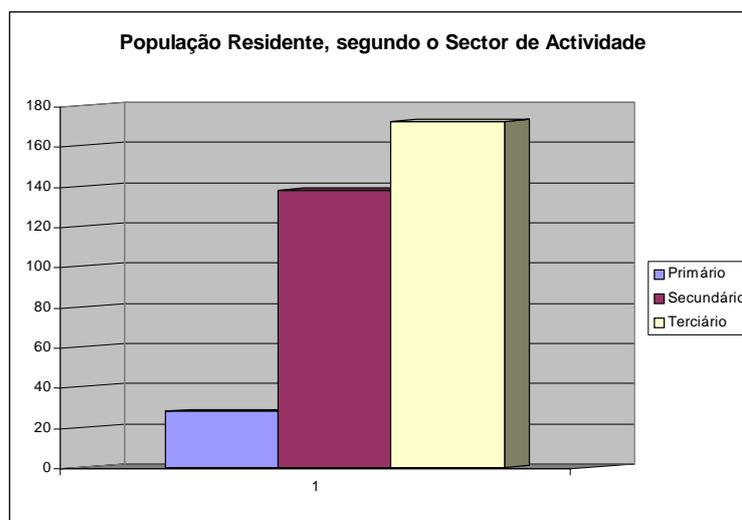


Figura 57 – População Residente Empregada, segundo o Sector de Actividade (Recenseamento Geral da Agricultura, 2001).

VI.13.2.3 Acção Social e Educação

Em 2001, a população residente nesta freguesia situava-se nos 1510, da qual 572 dizem respeito à população com 65 anos ou mais. Em comparação com os dados de 1991 (535), verifica-se um aumento de 37 indivíduos e de uma taxa de variação de 6,91 %.

A população dos 0 aos 14 anos registava um total de 201 em 1991 e de 152 em 2001, o que traduz uma diminuição de 49 indivíduos, equivalente em termos percentuais a -24,37 %.

No plano dos equipamentos sociais, Vale de Prazeres dispõe de um Centro de Dia com 16 utentes e com uma capacidade para 30 e de Serviço de Apoio Domiciliário que abrange 34 pessoas e com capacidade para 35. A entidade proprietária e responsável por estas valências é o Centro Paroquial São Bartolomeu de Vale de Prazeres.

VI.14 FREGUESIA DE SOUTO DA CASA

VI.14.1 Contextualização Histórica

Implantada na encosta norte da serra da Gardunha, a 6 km da sede de concelho, possuindo uma área aproximada total de 29,13 km² de superfície. Fazem parte desta freguesia os lugares de Casal de Álvaro Pires, Cascalhais, Courela, Souto da Casa, Vale Mendinho, Vale Palaio e Vale d' Urso. Em Agosto de 1207, por intermédio de D. Sancho I, iniciou-se o seu povoamento. O

trabalhar do castanheiro e o grande consumo da castanha valeu a este povo o epíteto de “Gentes da Rama do Castanho”.

Pelos finais do século XIX, esta localidade conheceu um desenvolvimento económico impar, alcançando a agricultura e o comércio níveis invejáveis. Havia um mercado mensal, onde se comercializavam dezenas de produtos nela confeccionados, atraindo gentes das mais diversas paragens.

VI.14.2 Caracterização Social e Demográfica

VI.14.2.1 População Residente

Os grupos etários que mais população representam são, o dos que detêm entre 25 e 64 anos com 44,73 % e os que se encontram na faixa dos 65 e mais anos com 29,65 %, perfazendo 74,38 % do total da população residente, uma percentagem abaixo da média registada para estes grupos etários no conjunto das freguesias da Serra da Gardunha (79,89 %).

O grupo etário que menos população representa é o dos 15 aos 24 anos que regista 12,24 %.

A faixa etária dos que têm menos idade (0 aos 14) é mais baixa do que a faixa mais velha (65 e mais anos), sendo a diferença entre elas de - 16,29 %, onde o 1º escalão representa 13,36 % e o último 29,65 % da população residente em 2001.

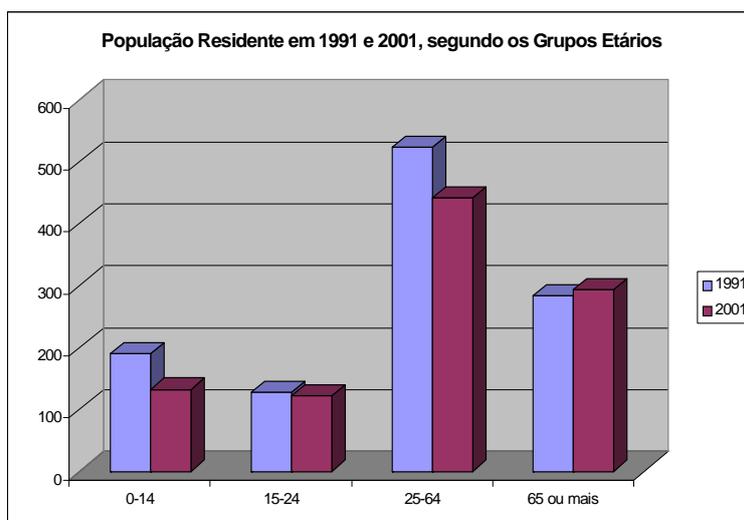


Figura 58 – População Residente em 1991 e 2001, segundo os Grupos Etários (Recenseamento da População, 2001).

VI.14.2.2 Instrução e emprego

A freguesia do Souto da Casa contempla uma fasquia elevada da população nos dois primeiros níveis de escolaridade, apresentando 62,6 % da população, perfazendo um valor mais elevado que a média apurada nas freguesias da Serra e do Concelho que afiguram com 52,6 % e 58,3 % respectivamente.

A população residente exerce actividade, em maior percentagem, no sector dos serviços, representando 50 %, acompanhando a tendência do Concelho que regista maior peso da população activa no sector terciário 65,4 %, bem como a Região Centro com 55 % da população empregada neste sector.

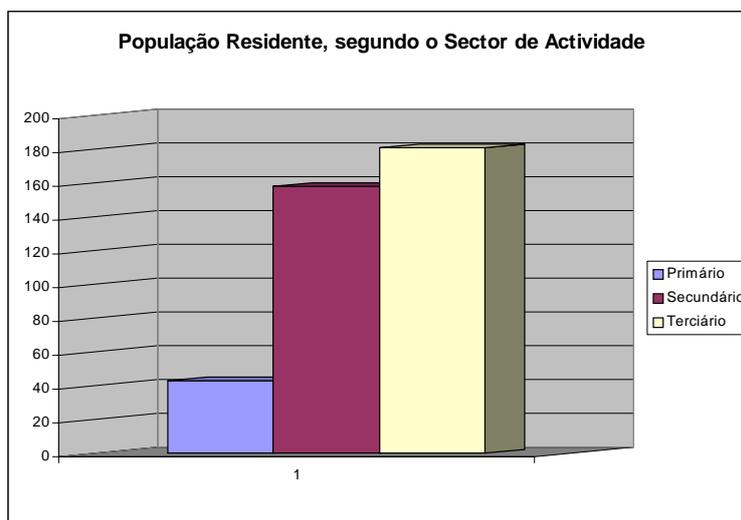


Figura 59 – População Residente Empregada, segundo o Sector de Actividade (Recenseamento Geral da Agricultura, 2001).

VI.14.2.3 Acção Social e Educação

Tendo em conta as informações disponíveis pelos censos de 2001, a freguesia de Souto da Casa detém um total de 988 residentes. A população com 65 anos ou mais corresponde a 293, o que em comparação com 1991 (284) traduz um ligeiro aumento de 9 indivíduos e uma taxa de variação de 3,16 %.

Em sentido inverso, a população jovem dos 0 aos 14 anos tem registado na última década um decréscimo de 190 para 132 indivíduos, o que significa em termos absolutos uma perda de 58 indivíduos e em termos percentuais de -30,52 %.

As projecções para 2011 evidenciam uma possível alteração da tendência actual da população idosa, uma vez que se prevê que passe dos actuais 293 para 259, o que poderá constituir uma perda de 34 indivíduos. Em relação à população jovem com menos de 15 anos, as projecções para 2011 reforçam a continuação da sua diminuição, no sentido em que é de prever a passagem dos actuais 132 para os 97 indivíduos.

Em termos de equipamentos sociais, esta freguesia encontra-se abrangida por um Centro de Dia e pelo Serviço de Apoio Domiciliário, sendo ambos geridos pelo Centro Paroquial de Assistência de Sou da Casa. O Centro de Dia tem capacidade para 30 utentes, tendo de momento um total de 31. O Serviço de apoio Domiciliário tem um total de 23 utentes e capacidade para 30.

VI.15 ACTIVIDADES CULTURAIS

As actividades culturais que se realizam em algumas das localidades que compõem a área da Serra da Gardunha revelam a intensa diversidade cultural de que reveste esta zona. Apresentamos uma parte das comemorações temáticas mais significativas que, anualmente, se cumprem e que, pela sua existência, manifestam o interesse que subsiste na preservação de tradições, de ancestrais actividades económicas e de produtos locais.

VI.15.1 Festival dos Caminhos da Transumância | Chocalhos, Alpedrinha | Setembro

O Festival dos Caminhos da Transumância | Chocalhos teve início há oito anos, na vila de Alpedrinha, desde então é um caso de sucesso atraindo milhares de pessoas, ano após ano, a esta zona do concelho do Fundão.

O texto que se segue caracteriza, de forma muito particular, vários aspectos que tornam esta festa uma experiência única:

«Mas a festa – ou o festival, ou a feira – dos chocalhos exhibe outros motivos para atrair gente a uma terra que em 1925 tinha 1966 habitantes, e que hoje só tem cerca de 1100. Por um lado, mobilizou os donos de muitas casas para nas suas adegas, nos seus pórticos, nas suas salinhas térreas exporem e venderem os seus produtos agrícolas ou artesanais, das frutas aos embutidos e às rendas, e a sua variada culinária caseira, com peixinhos da horta

ou de escabeche, chirovias, maranhos, febras, cabrito, filhós, esquecidos, geleias, arroz doce, ginjinha ou jeropiga. Que delícia.

Alpedrinha tornou-se assim durante três dias um original centro comercial com tasquinhas e lojinhas bem mais saudáveis e divertidas (e baratas) do que as dos comuns "shoppings" que, todos parecidos, avançaram nos últimos anos pelo interior do país como os invasores franceses comandados pelo Loison, que há exactamente dois séculos saquearam casas e igrejas alpedrinenses, com muita riqueza local a ir para o Maneta; por outro lado, valeu-se do objecto e do símbolo arcaico que se chama chocalho: objecto e símbolo imediatamente relacionável com o gado, também presente na festa – lembrando os rebanhos transumantes das serras da Estrela e da Gardunha a caminho dos pastos de Idanha ou do Alentejo –, que sinaliza ou identifica um vivo, eventualmente perdido ou desgarrado, que afasta ou atemoriza males e inimigos, e que, representando no badalo a intermediação entre o céu e a terra., vale sobretudo como instrumento musical e de alegria. Jaime Lopes Dias lembrou que "é corrente na Beira Baixa tocar os chocalhos em dia de casamento de velhos"; na minha aldeia os garotos e rapazes saíam no sábado de aleluia à rua carregados de chocalhos, que iam tocar aos que não tinham cumprido o dever pascal, a desobriga; e António José Salvado Mota, o autor da preciosa Monografia d'Alpedrinha, que com justiça é já nome de uma rua local, também informou que nesse mesmo sábado se ouviam em frente da formosa matriz quinhentista "centenas de assobios, gaitas, chocalhos, campainhas, cornetas e principalmente rãxenois" ("gaitas feitas de casca de castanheiro").

Na festa setembrina de Alpedrinha ecoavam sem intervalos pelas ruas apinhadas não só os sons de chocalheiros, como os alentejanos de Vila Verde de Ficalho, com os enormes chocalhos a bater ritmadamente nas coxas duras, ou como o empresário do Alcaide, que trazia os chocalhos presos à cintura bamboleante, mas também de pifareiros, gaiteiros, acordeonistas, trompetistas, tocadores de harmónio, de pandeiretas, de concertinas, de bombos ou zabumbas e até de guitarras e violas, que podiam acompanhar o fado de Santo Estêvão cantado junto de uma parreira mais bonita do que a de Alfama. Nas arruadas, tocava-se, cantava-se e dançava-se à rédea solta, ou como em rusgas sanjoaninas; e podiam cruzar-se, sem se atropelarem, os artistas dos Foles da Beira, dos bombos e gaitas do Paul, e da tuna da ESE de Castelo Branco.».

Arnaldo Saraiva (Professor universitário), 2008, in Jornal do Fundão

VI.15.2 Festa da cereja, Alcongosta | Junho

«Na multiplicidade de matizes que a serra da Gardunha oferece aos nossos olhos ressalta, no despertar de cada Primavera, a brancura das cerejeiras floridas. Ao vê-las estremecer em toda a plenitude da sua beleza renovada ao sopro da fresca brisa da Estrela, ocorrenos, de imediato, os versos de Bashô: Debaixo de uma cerejeira / tudo é servido / decorado com flores.»

Gonçalo Salvado e Maria João Fernandes (2004:6)

A produção anual de cereja na Cova da Beira “ronda as 8 a 10 mil toneladas”, refere Paulo Fernandes e “o concelho do Fundão é o maior produtor de cereja do país” (Manuel Frexes). Por este motivo, o concelho do Fundão empreendeu uma grande campanha de promoção da cereja do Fundão que teve início em 2004, com o objectivo de “criar uma imagem de marca” e de “promover os nossos produtos de excelência, para com eles tentar melhorar a vida desta região”; “Pela primeira vez a cereja é reconhecida como um ícone e é promovida lado a lado com outros produtos tradicionais de Portugal, como os vinhos ou o queijo. É uma grande vitória para nós”, refere Manuel Frexes.

As primeiras cerejas são colhidas no mês de Maio, mas o ponto alto da produção ocorre em Junho e Julho. Por essa altura, a autarquia promove a Festa da Cereja, na freguesia de Alcongosta, “o berço da cereja”, realça Manuel Frexes. Aquela é a freguesia da Cova da Beira onde existe maior produção de cereja. Esta iniciativa inclui concertos, animação de rua, tasquinhas com petiscos e artesanato. Haverá ainda venda de cereja e produtos derivados, passeios de jipe pela “Rota da Cereja” e percursos pedestres, que incluem visitas a pomares.

VI.15.3 Feira do queijo, Soalheira | Maio

A Feira do Queijo esteve ligada a outra iniciativa, o Festival dos Caminhos da Transumância – Chocalhos, posteriormente a feira separou-se de Alpedrinha e passou a realizar-se na Soalheira.

Para o presidente da Associação de Queijeiros da Soalheira, esta feira, representa “uma aposta na qualidade, mas também na quantidade”, realçando que o queijo da Soalheira é já comercializado em vários locais por todo o país.

Nesta feira, é de destacar a “Passagem do Rebanho”, a demonstração da feitura do queijo e prova deste produto, assim como de travia – um alimento semelhante ao requeijão, mas menos espremido – as oficinas de pífaros, bombos e flores de Santa Luzia, assim como as Jornadas do Queijo (actividade mais técnica e destinada a produtores) e os concertos.

VI.15.4 Festival do cogumelo, Alcaide | Novembro

«Na Serra da Gardunha, depois das nuvens largarem as primeiras chuvas do Outono, as florestas começam a receber a visita de diversas pessoas que apenas olham para o chão. De cesto ao braço, esgravatam com um pau a manta fofa e húmida da folhagem à procura de cogumelos comestíveis, continuando um hábito que se perde na memória dos tempos. É por essa razão que uma jornada de apanha de cogumelos comestíveis pode ser um modo muito agradável de desfrutarmos do são contacto com a natureza. Mas o exercício desta actividade requer que se observem alguns cuidados essenciais, quer sejam para prevenir alguns episódios pouco desejáveis como as intoxicações, ou para evitar que essa prática se torne lesiva para o meio ambiente por poder contribuir para a sua degradação ou perda da biodiversidade.

Pela sua efemeridade e beleza ou pelo seu valor nutritivo e ambiental, os cogumelos silvestres são cada vez mais objecto de verdadeiras paixões. Infelizmente, o objecto de adoração dos micólogos só se revela na nossa região mais no Outono, quando a combinação da temperatura e da humidade faz brotar os cogumelos. Compostos essencialmente por água (entre 80 a 90 por cento), os cogumelos nascem, crescem, vivem e morrem num espaço de aproximadamente uma semana. A maior parte são tóxicos e muitos são mortais – por essa razão o micólogo italiano Máximo Candusso diz e com alguma razão que “todos se comem, mas alguns só uma vez...” As matas e pinhais existentes na área envolvente ao Alcaide encerram habitats onde os cogumelos abundam.

[...]

Há um potencial interesse lúdico sobre a micologia e, principalmente, há uma reconhecida função ecológica dos fungos pela importância que assumem na manutenção do equilíbrio de

alguns ecossistemas. Está perfeitamente ao nosso alcance cativar os visitantes e, acompanhando-os, é fácil fazê-los percorrer as áreas florestais com interesse ambiental sob o pretexto de «uma viagem ao mundo dos cogumelos» que ainda é para muitos adultos um tema associado a uma certa magia com muitas histórias para contar e, para as crianças, uma grande diversão que se transforma numa verdadeira aula sobre ecologia. Os respectivos percursos e circuitos com conteúdo temático ainda não estão convenientemente identificados ou sinalizados e dificilmente se compreendem os valores patrimoniais (naturais e edificados) em presença.

*Os cogumelos são um excelente alimento que nos últimos anos tem vindo a ganhar apreciadores. Cada região, de acordo com as suas características naturais possui determinadas espécies. Este recurso micológico determina uma especialização culinária de qualidade que constitui um importante produto turístico. O sabor de algumas espécies atrai um crescente interesse na recolha de cogumelos silvestres comestíveis e muitas redes de comercialização, principalmente de origem estrangeira, já operam em Portugal escoando centenas de toneladas anuais de cogumelos para países como a nossa vizinha Espanha, França e Itália. No prato, como “actores principais” ou como “ilustres acompanhantes”, **os cogumelos**, com todos os seus sabores peculiares, texturas curiosas e aromas variados, facilmente conquistarão os amantes da boa cozinha, desde que para isso se ultrapassem algumas das fobias entretanto “instituídas”.»*

Manifesto Micológico, 2009

VII CARACTERIZAÇÃO PATRIMONIAL

VII.1 PATRIMÓNIO ARQUITECTÓNICO

Os imóveis classificados e, em vias de classificação, pelo IGESPAR, que abaixo apresentamos, implantados na área da Serra da Gardunha, revelam diversidade e riqueza no património edificado nas diversas freguesias que a constituem. Estes espaços comprovam o valor histórico-cultural existente na Serra denunciando o potencial endógeno da paisagem.

Tabela 8 – Lista de imóveis classificados e em vias de classificação na área da Serra da Gardunha.

Freguesia	Designação	Decreto	Fotografia
Monumento Nacional			
Fundão	Pelourinho do Fundão	16-06-1910, DG 136 de 23-06-1910	
Imóveis de Interesse Público			
Aldeia de Joanes	Igreja Matriz de Aldeia de Joanes	67/97, DR 301 de 31-12-1997	
Alpedrinha	Capela do Leão	IIP, Dec. Nº 32 973, DG 175 de 18 Agosto 1943 e Dec. Nº 38 147, DG 4 de 05 Janeiro 1951 *	

Alpedrinha	Pelourinho de Alpedrinha	IIP, Dec. Nº 23 122, DG 231 de 11 Outubro 1933	
Alpedrinha	Chafariz D. João V	IIP, Dec. Nº 32 973, DG 175 de 18 Agosto 1943 e Dec. Nº 38 147, DG 4 de 05 Janeiro 1951 *1	
Alpedrinha, Castelo Novo e São Vicente da Beira	Vias antigas em Alpedrinha, Castelo Novo e São Vicente da Beira	IIP PT020504060012	
Atalaia do Campo	Pelourinho de Atalaia do Campo	IIP, Dec. Nº 23 122, DG 231 de 11 Outubro 1933	

Castelo Novo	Pelourinho de Castelo Novo	23122, DG 231 de 11-10-1933	
Donas	Casa do Paço das Donas	129/77, DR 226 de 29-09-1977	
Fatela	Capela de Nossa Senhora da Conceição	47508, DG 20 de 24-01-1967	
Fatela	Igreja Matriz/ Igreja de São João Baptista	IIP, Dec. 47 508, DG 20 de 24 Janeiro 1967 (campanário) *1	
Fundão	Igreja da Misericórdia do Fundão	95/78, DR 210 de 12-09-1978	

Pêro Viseu	Ponte Romana de Pêro Viseu	IIP, Dec. N.º 5/2002, DR 42 de 19 Fevereiro 2002	
São Vicente da Beira	Pelourinho de São Vicente da Beira	IIP, Dec. N.º 23 122, DG 231 de 11 Outubro 1933	
Vale de Prazeres	Castro da Covilhã Velha	IIP, Desp. Novembro 1974	
Interesse Municipal			
Aldeia de Joanes	Fonte da Rua da Fonte	VC, Dec. N.º 67/97, DR 301 de 31 Dezembro 1997	

Aldeia de Joanes	Fonte Figueiredo	VC, Dec. Nº 67/97, DR 301 de 31 Dezembro 1997	
Castelo Novo	Lagariça / Lagarefa em Castelo Novo	67/97, DR 301 de 31-12-1997	
Soalheira	Fonte de mergulho Goducho	Despacho de abertura de 23-09-1980	
Em vias de classificação			
Alpedrinha	Palácio do Picadeiro	PT020504060014	

Castelo Novo	Aldeia de Castelo Novo	PT020504130013	
Fundão	Convento de Santo António/ Convento do Seixo	PT020504170016	
Fundão	Cine-Teatro do Fundão / Cine-Teatro Gardunha	PT020504170123	
Fundão	Solar Pinto de Castelo Branco / Casa Pinto / Quinta da Ponte	PT020504170270	Sem foto
São Vicente da Beira	Igreja de São Francisco	PT020502220026	

São Vicente da Beira	Capela da Misericórdia de São Vicente da Beira	PT020502220085	
São Vicente da Beira	Capela de Nossa Senhora da Orada	PT020502220105	
São Vicente da Beira	Troço de Calçada Romana em São Vicente da Beira	PT020502220210	

VII.2 PATRIMÓNIO ARQUEOLÓGICO

Na área que pretendemos classificar como paisagem protegida encontramos, para além dos imóveis mencionados, uma série de achados arqueológicos que revelam, mais uma vez, a diversidade patrimonial que se encontra nesta área e que corrobora a necessidade de proteger a Serra da Gardunha.

Tabela 9 – Lista de achados arqueológicos da Serra da Gardunha .

	SÍTIO	TIPO
1	Adro da Igreja de Joanes	Sepultura
2	Alcaide	Tesouro
3	Alpedrinha	Povoado
4	Casa do Paço das Donas	Edifício
5	Castelo Novo	Lagareta
6	Castelo Novo	Castelo
7	Castelo Novo	Calçada
8	Castelo Velho	Povoado Fortificado
9	Chafurdas	Quinta
10	Covão	Achado (s) Isolado (s)
11	Donas	Inscrições
12	Fatela	Vestígios Diversos
13	Mastro	Arte Rupestre
14	Moita Redonda	Mamoas
15	Monte de S. Brás	Povoado Fortificado
16	Portela	Lagareta
17	Povoado da Penha	Povoado
18	Povoado de Alcaide	Povoado
19	Quinta da Senhora da Orada	Via
20	Quinta do Ouro	Núcleo de Povoamento
21	Sameiro	Achado (s) Isolado (s)
22	São Pelágio	Quinta
23	São Roque	Povoado
24	Teixugas	Achado (s) Isolado (s)
25	Vale de Prazeres	Achado (s) Isolado (s)
26	Via de Castelo Novo / Penha	Via

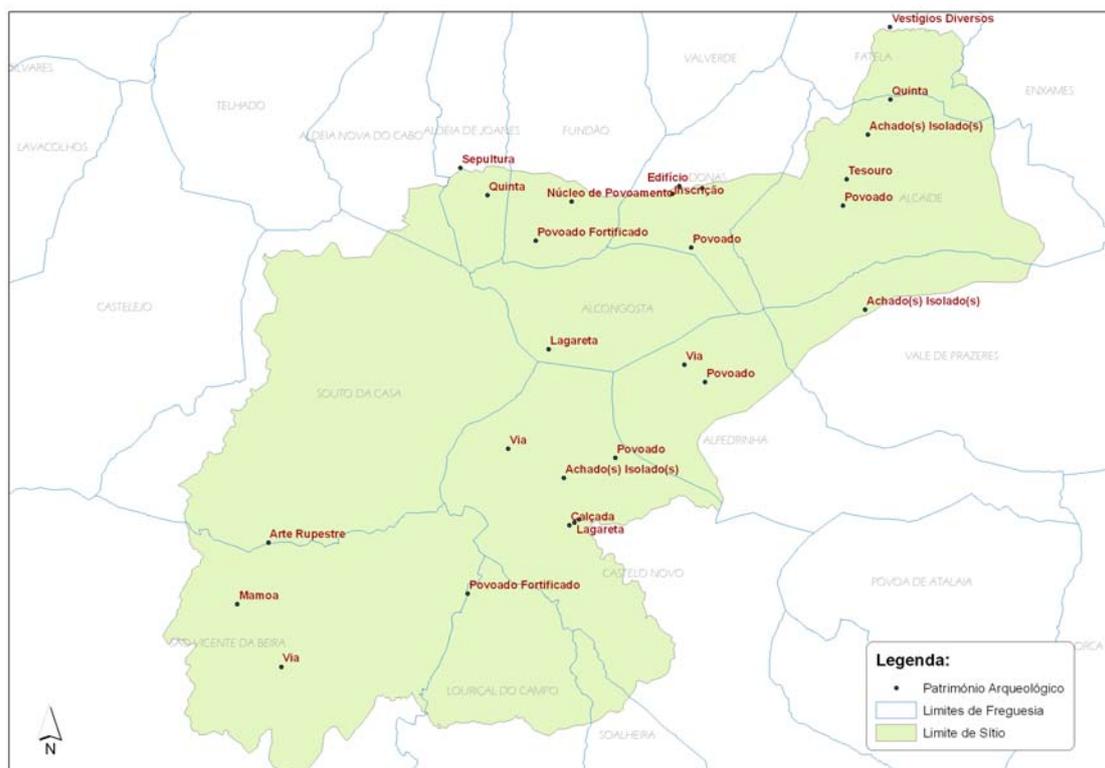


Figura 60 – Distribuição de achados arqueológicos na área da Serra da Gardunha.

VII.3 PATRIMÓNIO GEOLÓGICO

O território da Serra da Gardunha abrange também alguns geomonumentos classificados, estes encontram-se dentro dos limites do Geopark Naturtejo, a lista dos monumentos e o seu mapa de localização encontram-se abaixo.

Tabela 10 – Lista de Geomonumentos da Serra da Gardunha

1	Nascente da Senhora da Orada	Interesse hidrogeológico	UTM 0622935 4435545
2	“Padaria” dos Patrícios	Interesse geomorfológico	UTM 0623935 4446503
3	Miradouro geomorfológico das Faldas da Serra	Interesse geomorfológico/paisagístico	UTM 0626354 4434802
4	Bola com Fracturação Poligonal	Interesse geomorfológico/classificada como Imóvel de Interesse Municipal	UTM 0626752 4436554
5	Bloco fendido	Interesse geomorfológico/classificado como Imóvel de Interesse Municipal	UTM 0626729 4436645

6	Afloramento do caminho para Castelo Velho	Interesse geomorfológico/tectónico	UTM 0627025 4436181
7	Bola de granito do alto da Gardunha	Interesse geomorfológico	UTM 0625680 4437467
8	Área de Interesse Geológico de Castelo Velho	Interesse geomorfológico/tectónico	Vide localização em mapa (Figura 60)
9	Caos de Blocos de Bouças	Interesse geomorfológico	Vide localização em mapa (Figura 60)

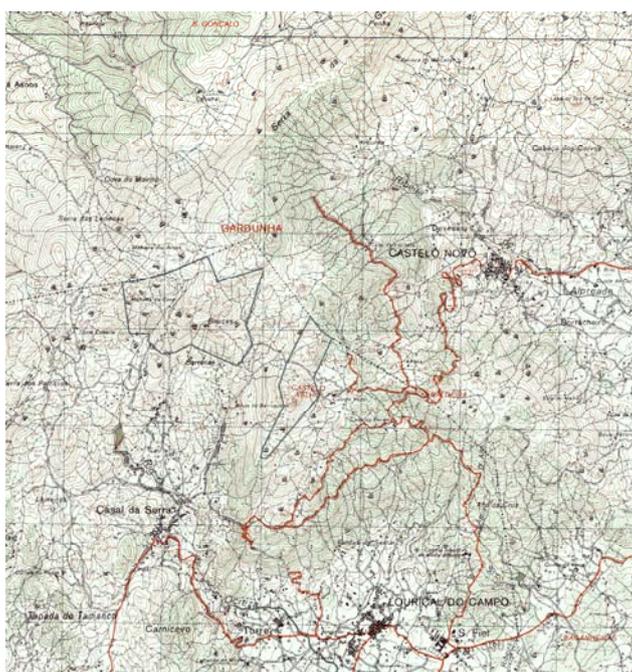


Figura 61 – Mapa de localização de geomonumentos na Serra da Gardunha

VII.4 PATRIMÓNIO ETNOGRÁFICO

VII.4.1 Cestaria | Alcongosta

«A cestaria, cuja origem, no nosso país remonta pelo menos, à cultura castreja, continua a ser nos nossos dias, uma actividade indispensável na economia da vida rural e doméstica. No norte de Portugal, a cestaria faz-se representar por uma infinidade de objectos, de formatos e feitios diversos, executados em junco, palha centeia, madeira e verga, segundo várias técnicas e destinados a diferentes usos, desde os trabalhos rurais ao transporte de compras.

Os cestos, destinados aos serviços rudes da lavoura, da pesca e do comércio, são feitos com madeira rachada em tiras, lavrada no banco e encastrada.

(...)

Para serviços mais limpos são fabricados cestos com vergas – varas de vime e salgueiros, a que se tirou a casca – como o açafate, usado principalmente como cestinho de costura, e a cesta de cigana, muito popular entre as vendedeiras ambulantes, que nela transportam a fruta, o peixe, a hortaliça ou as quinquilharias” (...)» (IEFP, 1996).

A Freguesia de Alcongoستا, uma das 12 que constituem o território da Serra da Gardunha, tem, intimamente associada à produção de cerejas, mais precisamente na sua apanha e transporte, a produção de cestos de verga e de esparto. Integrando o conjunto dos maiores centros produtores de Portugal.

VIII CONDICIONANTES DA PROPOSTA DE CLASSIFICAÇÃO

Para apresentar esta proposta de classificação teve-se em consideração o exposto no n.º 1 e 4 do artigo 15º do Decreto-Lei n.º 142/2008 de 24 de Julho:

Artigo 15º

Classificação de áreas protegidas de âmbito regional ou local

1 – Quando os planos municipais de ordenamento do território aplicáveis na área em causa prevejam um regime de protecção compatível, as associações de municípios e os municípios podem classificar áreas protegidas de âmbito regional ou local, nos termos previstos dos números seguintes.

4 – O regime aplicável nas áreas protegidas de âmbito regional ou local é o constante dos respectivos planos municipais de ordenamento do território.

O Plano Director Municipal do Fundão, agora em revisão, foi ratificado pela Resolução de Conselho de Ministros n.º 82/2000, de 10 de Julho, publicada no D.R. n.º 157, I Série-B e alterado pelas deliberações da Assembleia Municipal do Fundão de 2 de Maio de 2001 e de 21 de Setembro de 2002, publicadas, respectivamente, no D.R., 2ª Série, n.º 259, de 8 de Novembro de 2001 (declaração n.º 331/2001) e D.R. n.º 10, de 13 de Janeiro de 2003 (declaração n.º 9/2003). Foi parcialmente suspenso pelas Resoluções de Conselho de Ministros n.º 44/2004, publicada no D.R. n.º 78, I Série-B, de 1 de Abril de 2004 e n.º 181/2005, publicada no D.R. n.º 221, I Série, de 17 de Novembro.

No PDM para a área em causa, está previsto um regime de protecção compatível com o estatuto de uma área protegida, como se constata pelo artigo 27º e pela planta de condicionantes (Cf. com Anexo 2) do PDM do Fundão onde se demonstra que no concelho do Fundão 70% da área abrangida por esta área protegida coincide com área de Reserva Ecológica Nacional (REN).

As restantes áreas pertencem à área urbana e à RAN (Reserva Agrícola Nacional), esta última referenciada no artigo 30º do PDM.

O Plano Director Municipal de Castelo Branco, actualmente em revisão, foi ratificado pela Resolução de Conselho de Ministros nº 66/94, de 16 de Junho, publicado no Diário da República, II Série B, n.º 185, 11 de Agosto de 1994 e alterado através das seguintes deliberações da Assembleia Municipal:

- 27 de Setembro de 2001, alteração publicada no Diário da República, I Série B, nº 35, de 11 de Fevereiro de 2002 (Resolução de Conselho de Ministros nº 30-A/2002);
- 05 de Dezembro de 2002, alteração publicada no Diário República, II Série, nº 100, de 30 de Abril de 2003 (Declaração DGOTDU nº 173/2003);
- 30 de Setembro de 2003, suspensão publicada no Diário da República nº 102, I Série B, de 30 de Abril de 2004, foi publicada a Resolução do Conselho de Ministros nº 61/2004, que ratificou a suspensão da aplicação das alíneas b) e f) do nº1 e do nº3 do artº4 do Regulamento do PP de Ampliação da Zona Industrial de Castelo Branco e a suspensão da aplicação da alínea a), nº 2 do artº 39 e da alínea a) do nº 1 do artº 40 do Regulamento do PDM de Castelo Branco;
- 30 de Julho de 2004, alteração publicada no Diário da República, I Série B, nº 90, de 10 de Maio de 2005 (Resolução de Conselho de Ministros nº 88/2005);
- 26 de Setembro de 2008, alteração publicada no Diário da República, 2.ª série, n.º 21, 31 de Outubro de 2008;
- 30 de Setembro de 2010, alteração publicada no Diário da República, 2.ª série, nº 244, de 20 de Dezembro de 2010.

No PDM de Castelo Branco, para a área em causa, está previsto um regime de protecção compatível com o estatuto de uma área protegida, como se pode constatar através da planta que se junta em anexo, que contém a informação do PDM relativa às plantas de Condicionantes e de Ordenamento, figura 67, anexo 2, (correspondentes às cartas militares nº 255 e 256) e

dos artigos 16, 17, 58 e 59 do Regulamento do PDM. No concelho de Castelo Branco, a área abrangida por esta área protegida encontra-se 64,1% inserida na Reserva Ecológica Nacional (regulamentada pelo art. 16º do PDM), sendo a restante área abrangida por Reserva Agrícola Nacional (artº 17), Espaço Florestal ou Silvo-pastoril (artº 58 e 59) e área urbana.

IX HISTORIAL DE MEDIDAS DE CONSERVAÇÃO DA SERRA DA GARDUNHA

Ano	Estudo/ Acções	Autor/ Mentor	Conteúdos / Medidas
1998	<i>Projecto LIFE "Asphodelus Bento-Rainhae – Medidas de Conservação e Gestão"</i>	ADESGAR	<ul style="list-style-type: none"> • Conservação de uma planta endémica e o do seu habitat na vertente norte da Serra da Gardunha. • Estabelecer medidas de gestão para as áreas ocupadas pela espécie. • Fomentar o habitat óptimo para a planta: o bosque de castanheiro (souto) e de carvalho. • Sensibilização dos produtores para que pudessem manter certas áreas com pomares de cerejeira e sem aplicação de herbicidas. • Sensibilização da população escolar.
Desde 2000	<i>Projecto "Sapadores Florestais"</i>	ADESGAR	<ul style="list-style-type: none"> • Criação uma equipa de Sapadores florestais.
2001	<i>Micropropagação do Sorbus torminalis L.</i>	Carla Alexandra Marques	

	<i>CRANTZ</i>	Ribeiro	
2001	<i>Elaboração de Cartografia para a Serra da Gardunha com Objectivos de Conservação da Natureza</i>	Filipe Jorge Afonso	
2001	<i>Estudo Corológico das Espécies Arbóreas e Arbustivas da Serra da Gardunha</i>	Susana Patrícia de Oliveira Lobo	
2001	<i>Contribuição para o Estudo dos Anfíbios da Serra da Gardunha</i>	Sandra Isabel Mascate Leitão	
2004/07	<i>Projecto "Parque natural da Serra da Gardunha - Estudos Prévios, 1ª fase"</i>	ADESGAR	<ul style="list-style-type: none"> • Criação de um plano de gestão e ordenamento (<i>sensu lato</i>) que fomentasse um processo participativo e estratégico do desenvolvimento integrado e equilibrado da Gardunha. • <i>A publicação Livro Vermelho da Serra da Gardunha:</i> <ul style="list-style-type: none"> o Elaboração de uma primeira lista aproximada da flora e fauna ameaçada da Serra da Gardunha, segundo os



critérios IUCN (Version 3.1-2001);

- Cartografia de distribuição das espécies de fauna e flora consideradas ameaçadas;
- Elaboração de fichas com dados taxionómicos, corológicos e ecológicos para os taxons incluídos na lista do ponto inicial;
- Propostas de medidas de gestão para as espécies de fauna e flora consideradas ameaçadas;
- Identificação e cartografia dos habitats naturais classificados segundo o Anexo I da Directiva Habitats (92/43/CE) e propostas de medidas de gestão.

2004/08 *Agris 3.4*

Gabinete
Técnico
Florestal

- Abertura e manutenção de pontos de água.
- Abertura e requalificação de caminhos florestais.
- Sinalética.
- Acções de sensibilização.
- Construção de faixas de gestão de combustível (rede primária, rede secundária, rede terciária).



2005 *Programa "Agro, ADESGAR
Medida 7.1 –
Formação
Profissional"*

- Criação de mosaicos de combustíveis.
- Realização de duas acções de formação: Micologia, Turismo em Espaço Rural, nos meses de Novembro e Dezembro, com o objectivo de qualificar profissionalmente os activos do sector agrícola, pecuária e floresta de forma a contribuir para o aumento da sua capacidade técnica, tecnológica, organizativa e comercial dirigida aos sistemas produtivos prioritários, bem como para alertar para as actividades complementares de valorização das explorações e do espaço rural.

2005/ 06 *Projecto "Raízes ADESGAR
– Revitalizar
Produtos e
Tradições"*

- Promoção de workshops de discussão e debate em torno de temáticas do desenvolvimento regional, promovendo a mobilização de grupos, instituições e colectividades para o debate dos problemas regionais. Foram elas:
 - *Turismo como produto regional a comercializar.*
 - *Os recursos naturais como produto associado ao turismo.*
 - *O produto da micologia sua estratégia de transformação e comercialização.*
 - *O produto da Apicultura sua estratégia de comercialização.*
 - *A Agricultura da região, seus produtos,*



seus obstáculos e potencialidades, estratégias de as ultrapassar e potenciar – Como ser competitivo? Como escoar o produto.

- *Promover e Apoiar a Agricultura Biológica.*
- *Promover a certificação dos produtos de qualidade. Processo de Certificação dos produtos.*
- *A pecuária da região, seus obstáculos, suas potencialidades, estratégias para potenciar o produto.*
- *Promover e Rentabilizar a Floresta.*
- *A cultura da Cova da Beira, como património que nos caracteriza e como produto de turismo.*
- *O Artesanato sua Revitalização e Refuncionalização.*
- *Disseminação de resultados*

2007 *Projecto “O pulsar da Gardunha”* ADESGAR

- *Três publicações com temáticas dirigidas a públicos distintos. Tiveram como âmbito de intervenção a Serra da Gardunha, nomeadamente as temáticas: A Biodiversidade da Gardunha (escolas primárias da Serra da Gardunha); A Agricultura Sustentável (agricultores); e A Água (público em geral).*

2007/ 08	<i>Projecto “Amigo Gardunho”</i>	ADESGAR	<ul style="list-style-type: none"> • Sensibilização da população para os problemas relacionados com o ambiente e educar para uma cidadania ambiental. Através da edição de uma publicação, com tiragem mensal, distribuída pelas populações da Serra da Gardunha.
2005/ 10	<i>(candidatura Eixo 4) Plano de visitação da Serra da Gardunha</i>	AG21	<ul style="list-style-type: none"> • Conceber e promover Programa de Visitação. • Concretizar políticas de desenvolvimento integrado da Agenda 21. • Promover as actividades de ócio na Serra da Gardunha, de forma equilibrada e sustentada económica e ambientalmente.
2008	<i>Life +</i>	ADESGAR	<ul style="list-style-type: none"> • Aplicação de boas práticas com vista à conservação da espécie <i>Asphodelus bento-rainhae</i>
2003/ 07	<i>Planos de aldeia</i>	Câmara Municipal do Fundão	<ul style="list-style-type: none"> • Criação de um conjunto de normas com o objectivo de salvaguardar e valorizar o património existente; recuperar as tradições; valorizar o património arquitectónico construído; dinamizar as artes e ofícios tradicionais e defender a preservação da paisagem envolvente.
	<i>Rede de percursos na Serra da Gardunha</i>		<ul style="list-style-type: none"> •
2009/ 13	<i>Provere __ Buy</i>	AG21	<ul style="list-style-type: none"> • Estabelecimento de iniciativas público -

nature (promotor); privadas com o intuito de desenvolver o
ICNB turismo em territórios classificados.
(coordenador
técnico)

X CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a reflexão exaustiva que fizemos acerca da Serra da Gardunha – suas espécies animais e vegetais, suas comunidades e festividades, etc. – consideramos muito pertinente a análise deste dossier que demonstra a importância do território, testemunhando a harmonia existente entre a ocupação humana e a preservação da fauna e flora autóctones.

A Serra da Gardunha também é marcada pela diversidade e qualidade de bens patrimoniais imóveis e arqueológicos que se encontram difundidos por quase todas as freguesias que a compõe, aspectos que lhe conferem singularidade a nível nacional.

No conjunto dos temas apreciados, parece-nos inegável a qualidade ecológica da Serra da Gardunha e a necessidade urgente da sua classificação como Paisagem Protegida de Âmbito Local, garantindo assim a conservação e preservação deste legado e permitindo que as gerações, actuais e vindouras, possam usufruir da beleza que a Serra nos oferece.

Sabendo que a Serra da Gardunha conserva a classificação de Rede Natura 2000, a sua classificação como Paisagem Protegida de âmbito local será um reforço do reconhecimento dos valores naturais e culturais que este território alberga.

XI BIBLIOGRAFIA E FONTES

ADESGAR (2006), *Livro Vermelho da Serra da Gardunha*, Fundão.

Bensuran, Nurit (2006), *Conservação da Biodiversidade em áreas protegidas*, Editora FGV, 1ª edição, Rio de Janeiro.

Câmara Municipal de Castelo Branco (1994), "Plano Director Municipal".

Câmara Municipal do Fundão, (2004) "Longevidade em Meio Rural: Uma Perspectiva"

Câmara Municipal do Fundão, (2004), "Diagnóstico Social do Fundão (Relatório Final)", texto policopiado.

Câmara Municipal do Fundão, (2004), "Plano Director Municipal (1ª Revisão) Análise e Diagnóstico", Vol.I, texto policopiado.

Câmara Municipal do Fundão, (2005), "Plano de Desenvolvimento Social do Concelho do Fundão (2005/2010)", Edição da Câmara Municipal do Fundão, Fundão

Caracterização Sócio-Económica dos Concelhos – Concelho de Castelo Branco, Março 2004

Cascino, Fábio (1999), *Educação Ambiental: princípios, história, formação de professores*, 3ª edição, São Paulo.

Costa, J.C. (2005). Tipologia Fitossociológica de Portugal – Apontamentos para as aulas de Geobotânica e de Gestão de Ecossistemas do Instituto Superior de Agronomia. Instituto Superior de Agronomia, Departamento de Protecção de Plantas e de Fitoecologia, Lisboa.

Diagnóstico do Concelho de Castelo Branco, Agosto 2005

Diagnóstico para a Sustentabilidade – Castelo Branco – Agenda XXI, s.d.

Instituto da Segurança Social, I.P., (2005), "Tipificação das Situações de Exclusão em Portugal Continental", texto policopiado.

Instituto do Emprego e Formação Profissional (1996), *Artesanato da Região Norte*, Delegação Regional do Norte, Núcleo de Apoio ao Artesanato, Porto.



Liga dos Amigos do Alcaide (2009), *Manifesto Micológico*, texto policopiado.

Salgueiro, Teresa Barata (2001), "Paisagem e Geografia", *Finisterra – Revista Portuguesa de Geografia*, XXXVI, 72, Lisboa.

Salvado, Gonçalo e Fernandes, M^ª João (2004), *Cerejas – poemas de amor de autores portugueses contemporâneos*, Câmara Municipal do Fundão e Editorial Tágide, Fundão.

Ribeiro, Orlando (1945), *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico*, Editora Sá da Costa, Lisboa.

XII BIBLIOGRAFIA ONLINE

WWW.LOURICAL.BLOGSPOT.COM

WWW.ADRACES.PT/

WWW.CM-CASTELOBRANCO.PT

CCDRC, (2004), "Caracterização/Indicadores por concelho".

IEFP, (Agosto 2004–2006), "Desemprego registado por concelhos".

INE, (2001), "Recenseamento Geral da População".

INE, (2004), "Anuário Estatístico da Região Centro".

Carta Social (2009).

Sítio do Geopark Naturtejo, <http://www.naturtejo.com/conteudos/pt/geopark.php>, consultado a 15-03-2010.

Instituto de Gestão do Património Arqueológico e Arquitectónico (2009-10-12), www.igespar.pt

XIII ANEXO 1

Categorias IUCN Serra da Gardunha							
Extinto (EX) e Regionalmente Extinto (RE)	Criticamente em Perigo (CR)	Em Perigo (EN)	Vulnerável (VU)	Quase Ameaçado (NT)	Informação Insuficiente (DD)	Não Aplicável (NA)	Não Avaliado (NE)
<i>Adenocarpus argyrophyllus</i>	<i>Asphodelus bento-rainhae</i>	<i>Allium massaessylum</i>	<i>Allium sphaerocephalon</i>	<i>Festuca elegans</i>	<i>Allium vineale</i>	<i>Astragalus glycyphyllos</i>	<i>Adiantum capillus-veneris</i>
<i>Epilobium montanum</i>	<i>Barbarea vulgaris</i>	<i>Aquilegia vulgaris</i> ssp. <i>dichroa</i>	<i>Anagallis tenella</i>	<i>Melittis melissophyllum</i>	<i>Antirrhinum meonanthum</i>	<i>Chrysosplenium oppositifolium</i>	<i>Alliaria petiolata</i>
<i>Hypericum montanum</i>	<i>Equisetum telmateia</i>	<i>Dactylorhiza maculata</i>	<i>Armeria beirana</i>	<i>Polygala microphylla</i>	<i>Asplenium billotii</i>	<i>Clematis campaniflora</i>	<i>Cheilanthes maderensis</i>
<i>Thymelaea broteriana</i>	<i>Hypericum androsaemum</i>	<i>Euphorbia hyberna</i>	<i>Cistus populifolius</i>	<i>Sedum pruinaum</i>	<i>Asplenium trichomanes</i> ssp. <i>quadrivalens</i>	<i>Conopodium arvense</i>	<i>Cystopteris fragilis</i>
	<i>Isoetes histrix</i>	<i>Ilex aquifolium</i>	<i>Corylus avellana</i>	<i>Silene nutans</i>	<i>Erica scoparia</i>	<i>Dianthus laricifolius</i>	<i>Dryopteris affinis</i>
	<i>Juniperus oxycedrus</i>	<i>Leucanthemopsis flaveola</i>	<i>Crocus carpetanus</i>	<i>Ulex minor</i>	<i>Euphorbia dulcis</i>	<i>Drosera rotundifolia</i>	<i>Fritillaria lusitanica</i>
	<i>Paradisea lusitanica</i>	<i>Orchis morio</i>	<i>Euphorbia oxyphylla</i>		<i>Malus sylvestris</i>	<i>Festuca summilusitanica</i>	<i>Hyacinthoides hispanica</i>
	<i>Phyllitis scolopendrium</i>	<i>Osmunda regalis</i>	<i>Lathyrus niger</i>		<i>Micropyrum patens</i>	<i>Laurus nobilis</i>	<i>Iris planifolia</i>
	<i>Plantago subulata</i>	<i>Paeonia officinalis</i> ssp. <i>microcarpa</i>	<i>Myrtus communis</i>		<i>Monotropa hypopitys</i>	<i>Lepidophorum repandum</i>	<i>Lilium martagon</i>
	<i>Quercus lusitanica</i>	<i>Pedicularis sylvatica</i> ssp. <i>lusitanica</i>	<i>Narcissus rupicola</i>		<i>Narcissus bulbocodium</i>	<i>Minuartia dichotoma</i>	<i>Polypodium cambricum</i>

<i>Schistostega pennata</i>	<i>Pulmonaria longifolia</i>	<i>Quercus ilex ssp. ballota</i>	<i>Potentilla erecta</i>	<i>Moehringia trinervia</i>
<i>Sedum arenarium</i>	<i>Sedum forsterianum</i>	<i>Romulea bulbocodium</i>	<i>Sedum acre</i>	<i>Narcissus triandrus</i>
<i>Sorbus torminalis</i>		<i>Saxifraga fragosoi</i>	<i>Sedum andegavense</i>	<i>Petrorhagia saxifraga</i>
<i>Teucrium salviastrum</i>		<i>Serapias lingua</i>	<i>Sedum anglicum</i>	<i>Pseudoscabiosa diandra</i>
<i>Tulipa sylvestris</i>		<i>Sorbus latifolia</i>	<i>Sedum brevifolium</i>	<i>Rubus brigantinus</i>
			<i>Sedum lagascae</i>	<i>Silene coutinhoi</i>
			<i>Sedum pedicellatum ssp. lusitanicum</i>	<i>Thesium humifusum</i>
			<i>Vincetoxicum nigrum</i>	<i>Trifolium hirtum</i>

Tabela 11 – Enquadramento das Espécies de Flora nas respectivas categorias IUCN

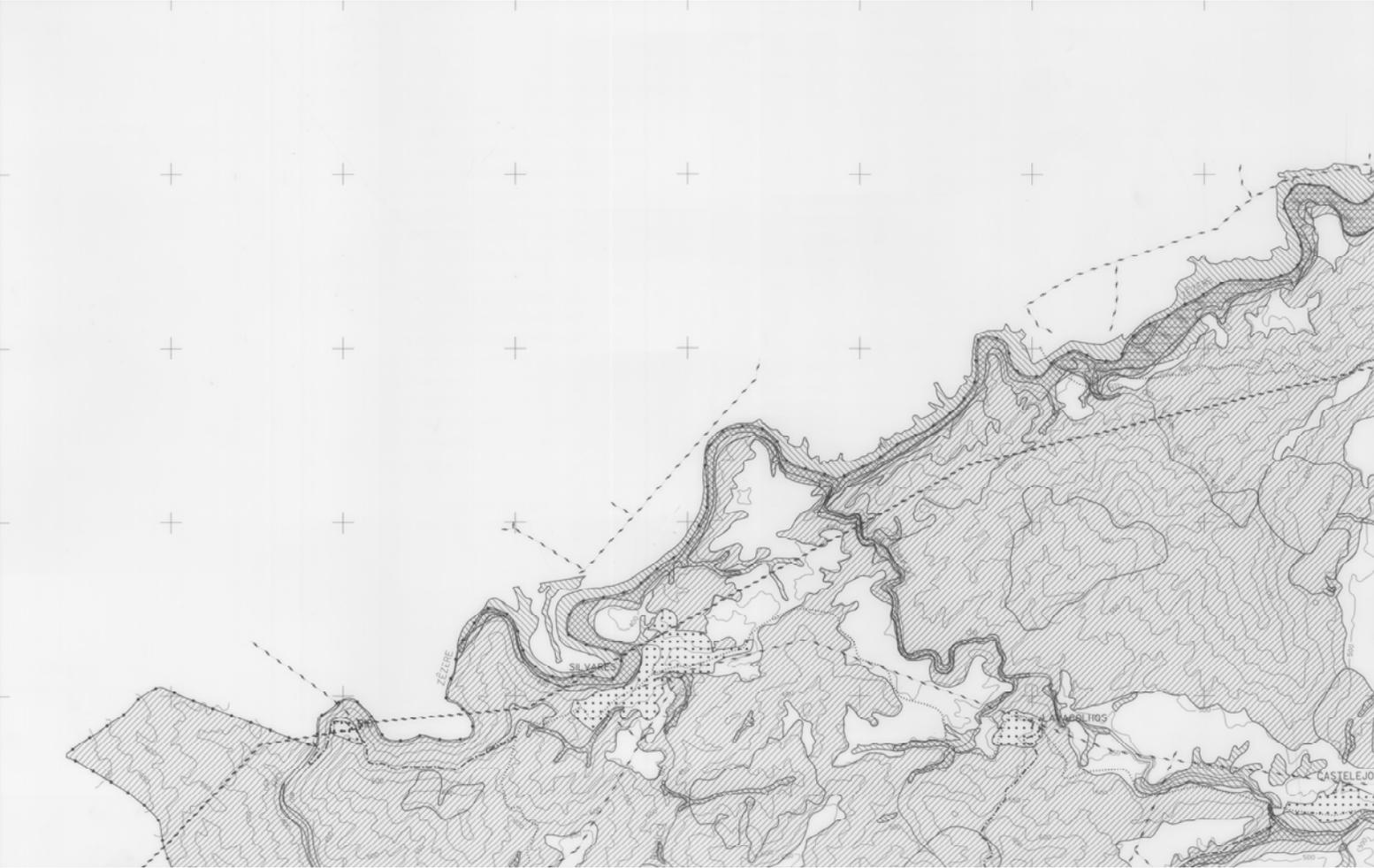


Figura 62 - Mapa de condicionantes 1

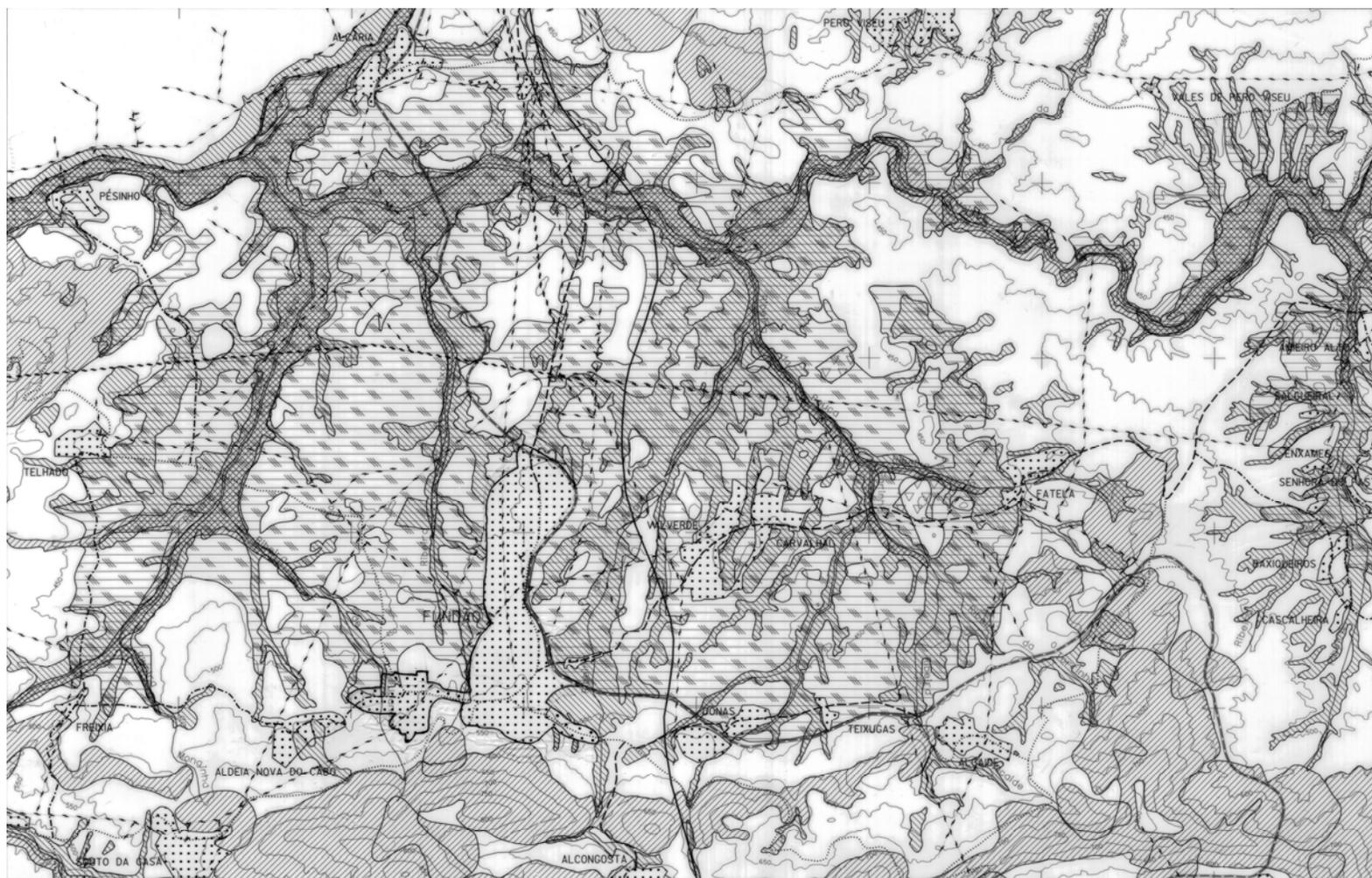


Figura 63 – Mapa de condicionantes 2



Figura 64 – Mapa de condicionantes 3



Figura 65 – Mapa de condicionantes 4

LEGENDA

	Rede Nacional Fundamental
	Rede Nacional Complementar
	Rede Nacional a Desclassificar
	Rede Municipal
	Límite de Concelho
	Caminho de Ferro
	Curva de Nível Mestra
	Leito de Curso de Água
	Linha Baixa Tensão
	Linha Alta Tensão
	Perímetro de Rega da Cova da Beira
	Reserva Agrícola Nacional
	Reserva Ecológica Nacional
	Áreas Áridas
	Área Urbana
	Albufeira e Área de Protecção

Figura 66 – Legenda dos mapas de condicionantes

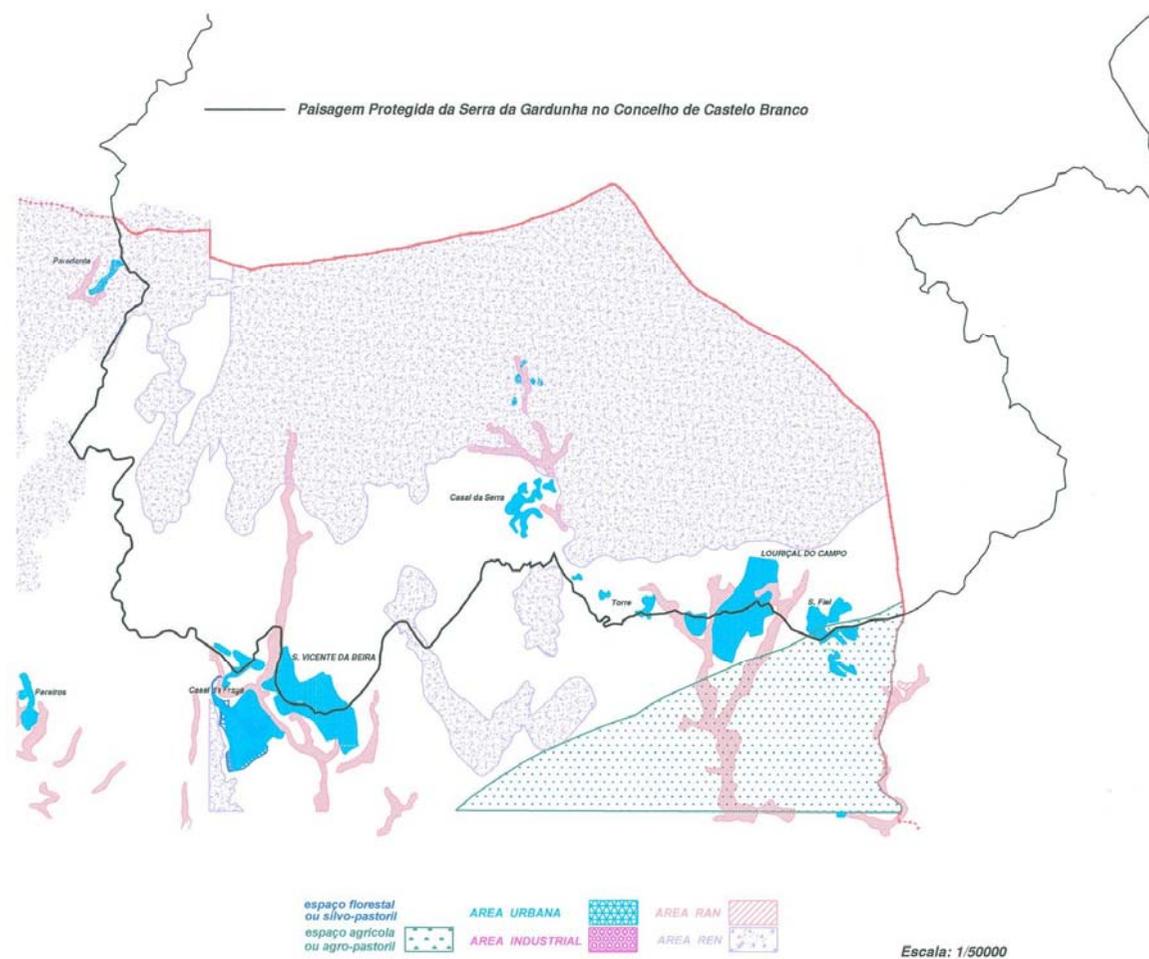


Figura 67 – Mapa de condicionantes e de ordenamento

